

**Inovação Pedagógica
e Aprendizagem na Infância**
O caso do Projeto Ágape

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maria Djani Alves Silva

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

junho | 2017



UNIVERSIDADE da MADEIRA

Faculdade de Ciências Sociais

Departamento de Ciências da Educação

Mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica

Maria Djani Alves Silva

Inovação pedagógica e aprendizagem na infância:

O caso do Projeto Ágape

Dissertação de Mestrado

FUNCHAL - 2017

Maria Djani Alves Silva

Inovação pedagógica e aprendizagem na infância:

O caso do Projeto Ágape

Dissertação apresentada ao Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadores:

Professora Doutora Maria Gorete Gonçalves Rocha Pereira.

Professor Doutor Paulo César Marques de Andrade Santos.

DEDICATÓRIA

A Deus, com a consciência de que, sem Ele, nada disso seria possível.

Ao meu querido filho Gustavo.

Ao meu esposo Gerson.

AGRADECIMENTO

A caminhada foi longa, bem como foram muitos os desafios, as noites de cansaço, as renúncias, os medos vencidos (atravessar o Oceano Atlântico), desbravar novas terras, tudo isso em prol da realização de um sonho: o título de Mestre. Foi, de fato, um grande desafio estudar e trabalhar ao mesmo tempo, buscar uma titulação fora do país, devido às ofertas no Brasil serem extremamente escassas. Construir um trabalho acadêmico é, sem dúvida, fruto de mediações e partilhas de ideias, emoções e sonhos, contudo, quando levantamos voos tão altos e pousamos com sucesso no destino final, ou seja, esse sonho se realiza, é hora de agradecer a todos que contribuíram para o êxito da jornada. Agradeço primeiramente à DEUS, fonte de inspiração em todos os momentos de minha vida, ser supremo é misericordioso que nunca me desamparou, demonstrando-se sempre presente em minha vida, sendo inesgotável fonte de bondade, sabedoria e bênçãos concedidas.

A meus orientadores, os professores Doutores Maria Gorete Gonçalves Rocha Pereira e Paulo César Marques de Andrade Santos. Palavras não são suficientes para representar o quanto sou grata a ambos por fazerem parte desta conquista. Merecem todo o meu respeito e reconhecimento pela credibilidade e confiança transmitida ao longo do caminho. Admiro-os pela forma atenciosa e carinhosa com que sempre me orientaram, aliviando minha angústia e conduzindo minhas produções, dispensando um olhar acadêmico cuidadoso e firme, que certamente fez a diferença para que me desenvolvesse enquanto aprendiz, exemplos que levarei comigo para os próximos desafios.

Ao meu querido esposo Gerson e a meu filho Gustavo, pelo apoio incondicional e os constantes incentivos, os quais sofreram muito com minhas constantes ausências.

Agradeço a UMa (Universidade da Madeira), pela oportunidade da realização do curso de Mestrado, através desse projeto que contempla vagas para os cidadãos brasileiros, e a DH2 por nos assessorar tão bem na construção desta tão importante etapa.

Agradeço em especial aos Professores Doutores Carlos Nogueira Fino e Jesus Maria Sousa por serem mentores de tão importante ação.

A você amiga, companheira, Aldésia Márcia, que durante a realização do mestrado, não apenas construímos conhecimentos e elaboramos trabalhos, mas aprendemos muito, tanto quanto através das aulas, e por caminharmos juntas auxiliando uma a outra, nos momentos de dúvidas.

Durante o processo de pesquisa de campo, de organização dos dados e em todas as discussões e reflexões contei com a presença, a dedicação, o apoio e o carinho das professoras da turma pesquisada. Para sintetizar, direi apenas que esse trabalho é fruto de muitas conquistas alcançadas e obstáculos vencidos.

Espero ainda conquistar muitos amigos, aprender e crescer com eles e ter ainda a felicidade de outras conquistas, para que possa sempre ter motivos para agradecer e compartilhar com todas as pessoas que amo os motivos de alegria que certamente irão existir.

Concordando com Gonzaguinha:

*Aprendi que se depende sempre
De tanta muita diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de tantas outras pessoas
E é tão bonito quando a gente sente
Que a gente é tanta gente
Onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho
Por mais que pense estar*

“Caminhos do Coração” (Gonzaguinha)

“Não, não tenho caminho novo.

O que tenho de novo

É o jeito de caminhar”.

Thiago Melo

RESUMO

O desenvolvimento cognitivo, psicológico, físico e intelectual na infância, de maneira integrada, é o maior desafio para os profissionais que atuam na Educação Infantil. Com olhar aguçado, este estudo objetivou verificar se no contexto do Projeto Ágape, existem práticas pedagógicas que promovam a aprendizagem de forma inovadora. A Instituição pesquisada intitulada de Projeto Ágape, é uma ONG, ou seja, uma instituição sem fins lucrativos, que atende crianças de 1 a 7 anos de idade, na modalidade semi-internato e internato, e fica localizado no Bairro Santa Luzia, na cidade de Campo Formoso - Bahia / Brasil. Fundamentando-se nos resultados teóricos, a pesquisa valoriza a prática pedagógica emergente, e a busca incessante pela aprendizagem, na qual o professor atua como mediador e não como principal detentor do saber. O percurso de investigação, desenvolveu-se com a imersão da pesquisadora no ambiente natural dos sujeitos pesquisados, através da abordagem etnográfica; fazendo uso de técnicas e instrumentos como: observação participante, entrevistas não estruturada, fotos, diário de campo, coleta de documentos, entre outros. Os resultados do estudo, revelaram que as ações desenvolvidas dentro da instituição pesquisada, caracterizam uma prática pedagógica inovadora, em que o papel das ações observadas, foi de criar um ambiente propício a aprendizagem, no qual as professoras atuam ao mesmo tempo como facilitadoras e mediadores das habilidades apresentadas pelas crianças, diferenciando do paradigma fabril, em que persiste os modelos tradicionais de muitas instituições.

Palavras-chave: Projeto Ágape. Infância. Aprendizagem. Inovação Pedagógica.

ABSTRACT

The cognitive, psychological, physical and intellectual development in childhood, in an integrated way, is the greatest challenge for professionals who work in Early Childhood Education. With a keen eye, this study aimed to verify if in the context of the Agape Project, there are pedagogical practices that promote learning in an innovative way. The research institution, called Agape Project, is an NGO, that is, a non-profit institution that serves children from 1 to 7 years of age, in semi-boarding and internship mode, and is located in Bairro Santa Luzia, in the city Of Campo Formoso - Bahia / Brazil. Based on the theoretical results, the research values the emerging pedagogical practice, and the incessant search for learning, in which the teacher acts as mediator and not as the main holder of knowledge. The research course was developed with the immersion of the researcher in the natural environment of the subjects studied, through the ethnographic approach; Making use of techniques and instruments such as: participant observation, unstructured interviews, photos, field diary, document collection, among others. The results of the study revealed that the actions developed within the research institution characterize an innovative pedagogical practice in which the role of observed actions was to create an environment conducive to learning in which teachers act as facilitators and mediators Of the abilities presented by the children, differing from the factory paradigm, in which the traditional models of many institutions persist.

Keywords: Agape Project. Childhood. Learning. Pedagogical Innovation.

RÉSUMÉ

Le développement cognitif, psychologique, physique et intellectuelle dans l'enfance, d'une manière intégrée, est le plus grand défi pour les professionnels qui travaillent dans l'éducation de la petite enfance. Avec oeil vif, cette étude visait à déterminer le contexte du projet Agape, il existe des pratiques pédagogiques qui favorisent l'apprentissage d'une manière innovante. L'Institution recherché intitulé Projet Agape, une ONG, soit une institution sans but lucratif, qui sert les enfants de 1 à 7 ans, dans le mode de demi-pension et pension, et est situé dans le Barrio Santa Luzia, dans la ville Campo Formoso - Bahia / Brésil. Se basant sur les résultats théoriques, les valeurs de recherche émergent pratique pédagogique et la poursuite incessante de l'apprentissage, dans lequel l'enseignant agit comme un médiateur et non comme le principal détenteur de la connaissance. Le cours de la recherche, mis au point avec l'immersion du chercheur dans le milieu naturel des sujets, par le biais de l'approche ethnographique; en utilisant des techniques et des instruments tels que l'observation participante, entrevues non structurées, des photos, agenda, collection de documents, entre autres. Les résultats de l'étude ont révélé que les actions développées au sein de l'institution de recherche, mettant en vedette une pratique pédagogique innovante, dans laquelle le rôle des actions observées était de créer un environnement propice à l'apprentissage, dans lequel les enseignants agissent à la fois en tant que facilitateurs et médiateurs compétences affichées par les enfants, différenciant le paradigme industriel, dans lequel persiste les modèles traditionnels de nombreuses institutions.

Mots- clés : Projet Agape. Enfance. Apprentissage. Innovation pédagogique.

RESUMEN

El desarrollo cognitivo, psicológico, físico e intelectual en la infancia, de forma integrada, es el mayor desafío para los profesionales que trabajan en la educación infantil. Con buen ojo, este estudio tuvo como objetivo determinar el contexto del Proyecto Agape, hay prácticas pedagógicas que promueven el aprendizaje de una manera innovadora. La Institución buscó titulado Proyecto Agape, una ONG, es decir, una institución sin fines de lucro, que atiende a niños de 1 a 7 años de edad, en el modo semi-embarque y embarque, y está situado en el Barrio de Santa Luzia, en la ciudad Campo Formoso - Bahia / Brasil. Basándose en los resultados teóricos, los valores de búsqueda emergente práctica pedagógica, y la búsqueda incesante de aprendizaje, en la que el profesor actúa como mediador y no como el soporte principal del conocimiento. El curso de la investigación, desarrollada con la inmersión del investigador en el entorno natural de los sujetos, a través de enfoque etnográfico; haciendo uso de técnicas e instrumentos como la observación participante, entrevistas no estructuradas, fotos, diario, la colección de documentos, entre otros. Los resultados del estudio revelaron que las acciones desarrolladas dentro de la institución de investigación, con una práctica pedagógica innovadora, en la que el papel de las acciones observadas era crear un ambiente propicio para el aprendizaje, en el que los profesores actúan tanto como facilitadores y mediadores habilidades mostradas por los niños, diferenciando el paradigma industrial, en el que persiste los modelos tradicionales de muchas instituciones.

Palabras clave: Agape proyecto. La infancia. El aprendizaje. La innovación pedagógica.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Identificação das professoras pesquisadas.....	62
TABELA 2: Período das visitas de campo.....	63
TABELA 3: Distribuição das categorias.....	70
TABELA 4: Rotina diária e semanal do turno matutino.....	72

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: As etapas da pesquisa (Resoluções Científicas – Thomas Kuhn).....	10
FIGURA 2: Estrutura da pesquisa (Projeto Ágape).....	16
FIGURA 3: Linha de tempo: Avanços das Leis Brasileiras voltadas para educação.....	26
FIGURA 4: Mapa da Bahia – Localização de Campo Formoso.....	59
FIGURA 5: Mapa dos bairros da cidade de Campo Formoso (em destaque Bairro Santa Luzia).....	60
FIGURA 6: Triangulação dos Dados da Investigação.....	65

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1: Mães e filhos chegando ao Projeto.....	74
FOTOGRAFIA 2: Crianças orando com a professora.....	74
FOTOGRAFIA 3: Aluno formando palavrinhas.....	75
FOTOGRAFIA 4: Professora contando história: Momento do culto.....	75
FOTOGRAFIA 5: Crianças brincando no parquinho.....	75
FOTOGRAFIA 6: Crianças almoçando.....	76
FOTOGRAFIA 7: Mães buscando filhos no Projeto Ágape.....	76
FOTOGRAFIA 8: Apresentação do “culto” com a participação de outras crianças.....	81
FOTOGRAFIA 9: Pintura feita pelas crianças.....	84
FOTOGRAFIA 10: Momento de interação: Brincadeira na rua.....	86
FOTOGRAFIA 11: Crianças usando o alfabeto móvel.....	87
FOTOGRAFIA 12: Alunos organizando sequência numérica.....	87
FOTOGRAFIA 13: Crianças usando o dado silábico.....	88
FOTOGRAFIA 14: Pesquisadora com as crianças.....	88
FOTOGRAFIA 15: Brincadeira dirigida: Uso do alfabeto móvel.....	92
FOTOGRAFIA 16: Crianças brincando no carrossel.....	93
FOTOGRAFIA 17: Crianças brincando no balanço.....	93
FOTOGRAFIA 18: Bolo de areia feito pelas crianças.....	94
FOTOGRAFIA 19: Voluntários brincando com as crianças.....	96
FOTOGRAFIA 20: Professoras fantasiadas.....	97
FOTOGRAFIA 21: Banho de mangueira, prós e alunos.....	98

LISTA DE SIGLAS

ABONG - Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais.

CIE-UMa - Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira.

CF - Constituição Federal.

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

DPA - Diretora do Projeto Ágape.

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente.

ECO-92 - Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

LDB - Lei de Diretrizes e Bases.

MEC - Ministério da Educação e Cultura.

ONG - Organizações não Governamentais.

ONU - Organizações das Nações Unidas.

PA - Professora Auxiliar.

PNPI - Plano Nacional Primeira Infância.

PT - Professora da Turma.

RCN - Referenciais Curriculares Nacionais.

RCNEI - Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil.

ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	iii
AGRADECIMENTO	iv
EPÍGRAFE.....	vi
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
RESUMÉ.....	ix
RESUMEN.....	x
LISTA DE TABELAS.....	xi
LISTA DE FIGURAS	xii
LISTA DE FOTOGRAFIAS.....	xiii
LISTA DE SIGLAS.....	xiv
SUMÁRIO.....	xv
INTRODUÇÃO.....	1
1 O Problema do estudo, questão e objetivo da pesquisa.....	3
2 Relevância da pesquisa.....	4
3 Organização do estudo.....	4
PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	7
CAPÍTULO I.....	9
UM OLHAR SOBRE AS ONGs: DILEMAS E DESAFIOS	9
1.1 O surgimento e o papel das ONGs no Brasil.....	9
1.2 O Projeto Ágape: uma instituição acolhedora	14
CAPÍTULO II.....	19
UM OLHAR MINUNCIOSO SOBRE A INFÂNCIA E A APRENDIZAGEM.....	19
2.1 A infância e seus contextos.....	19
2.2 A criança como sujeito de direitos	22
2.3 Aprendizagem e desenvolvimento infantil	27
CAPÍTULO III	35
INOVAÇÃO PEDAGÓGICA E QUEBRA DE PARADIGMA	35
3.1 O despertar de um novo paradigma	37
PARTE II - O ESTUDO.....	45
CAPÍTULO IV	47
O PERCURSO METODOLÓGICO	477
4.1 A pesquisa qualitativa e o seu paradigma.....	47

4.2 A etnografia, razões de uma escolha consciente	50
4.3 Instrumentos e técnicas de recolha de dados.....	53
4.3.1 Observação participante	53
4.3.2 Diário de Campo.....	55
4.3.3 Entrevista etnográfica.....	56
4.4 O local da pesquisa.....	58
4.5 Sujeitos da pesquisa.....	61
4.5.1 As Professoras.....	61
4.5.2 Os alunos.....	62
4.6 Análise dos dados, técnicas e procedimentos	62
4.6.1 Triangulação dos dados	64
4.7 A ética na pesquisa	66
CAPÍTULO V	69
RESPOSTA ÀS QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO.....	69
5.1 Definição das categorias.....	70
5.2 Rotina das atividades desenvolvidas - Construção e Prática.....	71
5.3 A prática pedagógica observada - permanência ou inovação?.....	79
5.3.1 Interação entre os pares	84
5.4 A importância do brincar para desenvolvimento infantil	90
CAPÍTULO VI.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS.....	103
ANEXOS	111
ANEXO 1 – Projeto Político Pedagógico da Projeto Ágape.....	112
APÊNDICES.....	121
APÊNDICE 1 - Termo de consentimento (À Diretora)	123
APÊNDICE 2 - Termo de consentimento (À professora da turma).....	124
APÊNDICE 3 - Termo de consentimento (À professora auxiliar)	125
APÊNDICE 4 - Termo de autorização do uso de imagem	126
APÊNDICE 5 - Guião de entrevista - Diretora da Instituição.....	127
APÊNDICE 6 - Guião de entrevista - Professoras.....	128
APÊNDICE 7 - Diário de Campo digitado.....	129

PASTA 1: Dissertação de Mestrado (versão PDF)

PASTA 2: Diário de Campo Digitalizado

INTRODUÇÃO

“Na educação, a mais elevada marca do sucesso não é ter imitadores, mas inspirar outros a irem além”.

Seymour Papert, 1997, p. 56

Atualmente diante das intensas e ágeis transformações sociais que estamos vivendo, sentimos cada vez mais a necessidade de se redescobrir a partir destas novas possibilidades de aprender. Todas as esferas sociais, inclusive a educacional, buscam incessantemente ajustar-se a essa transição paradigmática, tentando suprir demandas que o mundo contemporâneo exige.

Diante de tantas mudanças e inovações, a educação não poderia ficar de fora. O processo educativo ocorre a todo o momento na vida do cidadão, porém é na escola que ele se organiza e se coordena de modo a administrar os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais que deverão ser embutidos na construção da personalidade do aluno, ao longo da permanência do mesmo nessa instituição e que serão responsáveis pelo desenvolvimento das relações de poder e força que mediarão as suas relações sociais, bem como o auxiliarão no desenvolvimento de habilidades como reflexão crítica, autônoma e de interação social na comunidade da qual faz parte. Segundo Valente (2000), o objetivo primordial da escola compromissada com a sociedade do conhecimento é proporcionar o desenvolvimento de um ambiente abastado, provocador e instigador que favoreça a qualquer indivíduo a competência e a habilidade para aprender algo.

No contexto destas discussões, emerge a importância do desenvolvimento e da aprendizagem infantil no âmbito educacional, no qual deve-se considerar o conhecimento que a criança já adquiriu através do seu convívio, tanto no âmbito familiar, quanto em sociedade; dos quais recebem influências que serão resignificadas à sua realidade e transformadas em conhecimentos. Sendo assim, o trabalho com crianças na Educação Infantil, deve ocorrer em um ambiente prazeroso e com profissionais qualificados, que suscitem o desejo de aprender e que dê a criança a oportunidade de construir seus conhecimentos interagindo com seus pares.

No entanto, esta pesquisa apresenta como elemento central, verificar se no contexto do Projeto Ágape, existem práticas pedagógicas que promovam aprendizagem de forma inovadora, tendo o olhar voltado para o contexto da aprendizagem centrado no aluno, buscando sinais de mudanças, e a imersão da inovação pedagógica em uma perspectiva

integradora entre as professoras e a turma de Educação Infantil com crianças entre 4 e 5 anos que frequentam a instituição pesquisada.

Partindo deste contexto, e ao ingressar no ciclo de seminários de acesso ao mestrado em Ciências da Educação na área de Inovação Pedagógica pela Universidade da Madeira, no qual a cada seminário me defrontava com discussões sobre inovação pedagógica e, principalmente, nos seminários ministrados pelos Professores Carlos Fino e Jesus Maria, manifestou-me o desejo, aliado a angústia, por perceber tanto conservadorismo dentro das instituições, associadas a práticas pedagógicas nada inovadoras; aguçou-me um novo olhar sobre possíveis e reais mudanças que almejo para uma educação plena, na qual o desempenho de mudança das práticas pedagógicas, auxiliada pela concepção construcionista, possa favorecer o prazer na aquisição da aprendizagem e que a mesma verdadeiramente se concretize.

No âmbito de experiências vividas, no trabalho como coordenadora pedagógica, e na docência em classes de Educação Infantil (há mais de 17 anos), sempre atuando na área de Educação Infantil, trabalhando direta ou indiretamente com crianças, percebi que muito ainda precisa ser feito para que as práticas pedagógicas se tornem inovadoras e eficazes. E sendo o Projeto Ágape, uma instituição sem fins lucrativos que atende crianças na faixa etária de 1 a 7 anos de idade, e que assume na cidade de Campo Formoso - Bahia uma relevância muito grande, inquieta-me verificar se dentro do contexto desta instituição, existem práticas pedagógicas que não estejam amparadas em um paradigma conservador e possam promover a aprendizagem de forma inovadora, contribuindo para o desenvolvimento de toda a malha social envolvida. Tendo em vista as constantes mudanças pelas quais a sociedade está sendo alvo, e as inúmeras transformações em todos os âmbitos sociais, a educação tem deixado muito a desejar em sua função básica, pois nesta área as mudanças ainda não são tão perceptíveis. Como afirma Toffler (1973, p. 5), “o choque do futuro é um fenômeno relacionado com o tempo, um produto do ritmo grandemente acelerado das transformações que ocorrem na sociedade”. Sendo, portanto, a educação uma das bases de transformação, e as crianças o futuro de uma sociedade promissora, torna-se pertinente confiar e lançar os aprendizes frente a seu tempo.

Muitas mudanças também ocorreram na maneira de compreender o mundo infantil. Na infância, ou mais especificamente no período de 0 a 6 anos, ocorre no desenvolvimento humano, uma complexa formação de estruturas sócio emocionais, intelectuais e cognitivas, que não se repetirá durante o seu desenvolvimento. As atitudes positivas influenciam na formação da criança, que passa a conhecer o mundo em que vive e a compreendê-lo. Sendo

assim, ao mesmo tempo em que a criança necessita viver essas experiências, ela precisa também que sejam oferecidas sugestões de aprendizagens (respeitando o tempo da criança) em forma simbólica, sobre como ela pode lidar com estas questões da vida e crescer. Vygotsky (2007, p. 6), corrobora com essa afirmação dizendo que: “a atividade da criança é determinada em cada estágio específico, tanto pelo seu grau de desenvolvimento orgânico quanto pelo grau de domínio no uso de instrumentos de aprendizagem”. É necessário ter um olhar apurado, sabendo reconhecer e respeitar a individualidade de cada sujeito.

1 O problema do estudo e objetivo da pesquisa

Atualmente, favorecer as crianças uma aprendizagem que leve em consideração todas as questões relacionadas ao desenvolvimento físico, afetivo e cognitivo de forma prática e inovadora, é um grande desafio para os educadores, porque envolve mudanças de modelos educacionais que influenciam diretamente na cultura escolar.

Infelizmente, a cultura tradicional ainda nos dias atuais, encontra-se enraizada nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores dentro dos muros das instituições escolares. É necessário e urgente, focarmos nossas ações em práticas inovadoras, que suscitem nos alunos o desejo de aprender, e percebam que o professor não é mais a única figura ativa, e nem o principal detentor do saber dentro de uma instituição escolar; e sim que o aluno e a aprendizagem são os atores principais neste processo, e desta nova forma de organização dos espaços escolares.

Neste movimento, entretanto, Sousa e Fino (2008), alertam que as escolas continuam equivocadas quando investem, quase que unicamente, no ato de ensinar, mesmo não sendo mais elas “(...) os únicos, nem sequer os mais importantes centros de distribuição de conhecimento, não podendo rivalizar com a quantidade de informação que reside no seu exterior e a que se pode aceder com crescente facilidade. ” (SOUSA & FINO, 2008, p. 8); visto que a escola necessita investir em um ideário inovador, deixando de lado a velha ideia de mera detentora e transmissora de conhecimento.

Essa ruptura, influencia de modo significativo, à mediação da aprendizagem e como consequência, a qualidade do conhecimento adquirido pelos alunos. Esta problemática é o objeto que este estudo pretende abranger, buscando compreender de forma prática e objetiva a construção do conhecimento pelas crianças, diante de uma sociedade de informações desafiadora, dinâmica e inovadora.

Tendo em vista a importância da instituição em estudo, para a comunidade de Campo Formoso, esta pesquisa tem como objetivo, verificar se no contexto do Projeto Ágape existem práticas pedagógicas que promovam a aprendizagem de forma inovadora.

2 Relevância da pesquisa

A pesquisa prosseguirá todo o tempo verificando se os processos de aprendizagens contêm indícios de inovação pedagógica, e me autorizará ao término do estudo, concluir se as práticas pedagógicas desenvolvidas pela professora da turma observada, rompem com velho paradigma fabril, ou se ainda encontram-se mergulhados neles. Pois de acordo com a opinião de Fino (2011) “a inovação pedagógica implica descontinuidade com as práticas pedagógicas tradicionais e consiste na actualização, a nível micro, de uma visão crítica sobre a organização e o funcionamento dos sistemas educativos” (FINO, 2011, p. 45). Sendo assim, o professor atuará como facilitador, estimulando e conduzindo a uma melhor compreensão do conhecimento; e não como um controlador de mentes que considera a criança um recipiente vazio, que precisa ser preenchido.

Desta forma, a relevância da pesquisa está em entender as práticas pedagógicas desenvolvidas no Projeto Ágape, com o intuito de perceber se há inovação pedagógica, através de uma reflexão crítica na busca de compreender como essa inovação se agrega as práticas diárias; sendo aprofundada a partir da metodologia etnográfica, a qual terá seus direcionamentos para suscitar as respostas aos questionamentos levantados, verificando se existem elementos inovadores no processo de aprendizagem e nas práticas pedagógicas realizadas no Projeto Ágape. Esta pesquisa será de suma importância para a comunidade Campo-formosense e para o meio acadêmico.

3 Organização do estudo

A pesquisa realizada traz pressupostos teóricos e estudos recentes para responder a vários questionamentos desse estudo como já mencionado. Para que a pesquisa se torne de fácil compreensão para o leitor, é necessária uma organização clara e objetiva de como o estudo se procedeu. Para tanto esta dissertação está estruturada em duas partes que esclarece as diferentes fases da investigação. A Parte I está organizada em três capítulos: I, II, III que

compõem o enquadramento teórico do estudo. A Parte II, é composta pelos capítulos IV, V e VI, os quais abrangem a explanação de todo o estudo empírico, e as considerações finais.

Na Parte I trata-se da temática do estudo, e está definida da seguinte forma: No I Capítulo será realizada uma revisão de literatura, na qual abordará um breve histórico sobre as ONGs, e sua importância para a sociedade brasileira, dando ênfase ao Projeto Ágape, seu surgimento e sua relevância para a malha social Campo-formosense. No capítulo II, discorrerei sobre o conceito de infância através dos tempos e a importância da aprendizagem e suas implicações na Educação Infantil, a luz de teóricos como Piaget, Vygotsky, Papert, Kramer, Ariés entre outros. Procuro no Capítulo III, tornar clara as opções de investigação enquadradas pela linha de pesquisa do Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira (CIE-UMa), definindo o que se entende por inovação pedagógica enquanto ruptura paradigmática das práticas pedagógicas.

A Parte II da investigação descreve o estudo, em que optei por direcionar meu olhar ao Projeto Ágape, e as práticas pedagógicas desenvolvidas; ou seja, na interação que ocorre no contexto de aprendizagem entre professores e aprendizes, na busca da construção do conhecimento, tudo isso através da etnografia. A metodologia é discutida no capítulo IV, o qual foi reservado para o detalhamento dos instrumentos e das técnicas utilizados na pesquisa: observação participante, a entrevista, o diário de campo e a recolha documental, descrevendo e dando ênfase a importância da pesquisa etnográfica e os caminhos percorridos durante a investigação. O capítulo V, reporta a análise dos dados, dando resposta as questões da investigação, onde apresentei os resultados das representações e das ações desenvolvidas pelas professoras da turma observada.

E por fim, no Capítulo VI as considerações finais, no qual busquei refletir a respeito de toda a pesquisa realizada e verifiquei que realmente existe inovação pedagógica nas práticas desenvolvidas no contexto do Projeto Ágape. O estudo termina com apresentação dos anexos e apêndices, este último organizado em sequência temporal.

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I

UM OLHAR SOBRE AS ONGs: DILEMAS E DESAFIOS

1.1 O surgimento e o papel das ONGs no Brasil

As ONGs são possibilidades à medida que representam um novo espaço organizado da sociedade civil, de forma mais espontânea, menos burocrática (GOHN, 1997, p. 61).

Não podemos negar que o papel desempenhado pela sociedade civil, tem participado de importantes avanços e transformações em todas as áreas sociais no Brasil; ou melhor, tem provocado por meio de suas ações, inúmeros avanços no atendimento às instituições, que se dedicam e se preocupam com o desenvolvimento e a aprendizagem de nossos pequenos cidadãos, que serão o futuro do país.

Isso foi construído gradativamente. No final da República Nova, houve uma expansão intensa da atuação dos Movimentos Sociais em diversas áreas e, conseqüentemente das ONGs (Organizações Não-Governamentais). Estas começaram a destacar-se em meio ao cenário democrático nacional, pois são oriundas das classes menos favorecidas e estão atreladas a outras áreas sociais, proporcionando a luta contra a exclusão social e o elitismo político. As ONGs desenvolvem trabalhos assistencialistas que representam um enorme ganho para a sociedade, visto que, colabora para o entrelaçamento entre as políticas públicas e os direitos que outrora foram negados ou mesmo desconhecidos pela maioria da população.

Na realidade histórica, os movimentos sempre existiram, e creio que sempre existirão, mesmo passando constantemente por inúmeras crises, as quais indicam justamente que algo não está funcionando adequadamente; isso porque representam forças sociais organizadas, e que aglutinam as pessoas não como força-tarefa de ordem numérica, mas como campo de atividades e experimentação social; e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e inovações socioculturais, que precisam estar em constantes transformações, adequando-se aos novos tempos e aos novos modelos.

Nessa compreensão, Khun (1978, p. 244) argumenta na sua teoria que,

As crises, uma percepção generalizada de que algo está errado, precedem às revoluções, ou seja, são pré-requisitos absolutos das revoluções, contendo elementos que fornecem o mecanismo de autocorreção, enfrentando os desafios internos gerados no seio da própria comunidade, ou sob a interferência de fatores, ou instrumentos externos.

A figura abaixo ilustra todo esse processo.

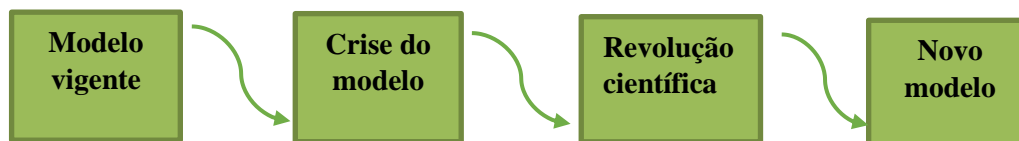


Figura 1: Etapas da pesquisa.

Fonte: Adaptado Estrutura das revoluções científicas de Thomas Kuhn, 1978.

Temos no modelo vigente, a representação dos processos criados em uma determinada época histórica para atender a uma demanda específica de soluções. Esse modelo perde sua funcionalidade no momento em que a sociedade não é mais a mesma e demanda das organizações uma outra dinâmica de funcionamento. Nesse momento, o modelo entra em crise, os defensores de sua lógica de funcionamento se posicionam em confronto aos novos indicativos de mudanças. Esse cenário, se dá tanto no campo acadêmico quanto no mundo das ideias, o que Thomas Kuhn (1978)¹ chama de revolução científica, dando origem a um novo modelo que vem solucionar os problemas, responder demandas e questões (enigmas) causados pelo modelo vigente.

Nesse processo de transformação, merece destaque as ONGs - organizações não governamentais –cujo papel político desempenhado, produz espontaneamente situações de constante resistência na dinâmica social e em suas diferentes circunstâncias históricas. Nas últimas décadas, essas organizações vêm ganhando visibilidade pública e está despertando um interesse cada vez maior da mídia e do meio acadêmico. Segundo Gohn (1997, p. 54), expressão ONG foi criada, “para designar entidades não-oficiais que recebiam ajuda financeira de órgãos públicos para executar projetos de interesse social, dentro de uma filosofia denominada desenvolvimento de comunidade”. Dentro desta perspectiva, surgiram inúmeras instituições as quais ampliaram seus olhares e forças em torno de uma mobilização em prol de uma educação de qualidade e de uma sociedade mais igualitária.

Para conhecermos melhor sobre as ONGs, e sua importância no cenário brasileiro, darei ênfase a algumas questões. Chamadas também de organizações de Terceiro Setor, pois são organizações que não fazem parte nem do setor privado (empresas), nem do setor público (governo); ou seja, essas organizações, mesmo sendo de ordem privada, se diferenciam das

¹ O livro Estruturas das Revoluções Científicas de Thomas Kuhn (1978) apresenta uma teoria sobre a natureza da ciência, retratando o desenvolvimento científico como uma sucessão de períodos ligados à tradição e pontuados por rupturas não cumulativas. São registradas e examinadas as diferenças do progresso da ciência em relação a outras áreas e uma tentativa de explicá-las.

demais por não terem interesse ou intenção de lucro; as mesmas estão voltadas para a resolução de problemas sociais que também caberiam ao governo solucioná-los. Mas, por não terem cunho político e, sim, voluntário, voltado para o bem social, é que recebem a denominação de Organizações Não Governamentais, mais conhecidas como ONGs.

Portanto, entende-se por ONGs como sendo Organizações Não Governamentais, sem fins lucrativos, que visam a solução de problemas que afetam a sociedade, e que tanto o setor público (governo), quanto o setor privado (empresas), não são capazes de resolverem e atenderem sozinhos. Atuam em diversas áreas, as quais podem ser: educação; meio ambiente; saúde; direitos humanos; comunidade; cultura; amparo à criança, ao adolescente e à mulher, apoio a portadores de deficiência, entre outras. E podem desenvolver suas atividades em ambientes como: hospitais, igrejas, escolas, centro de cultura, recreação e outros; geralmente localizados em zonas periféricas das cidades.

As Organizações Não Governamentais são muito mais do que pessoas unidas em prol de uma causa. São organizações dispostas a transformar realidades, dar novas oportunidades, mudar paisagens.

Mas como tudo isso eclodiu na sociedade? A terminologia ONGs (Organizações Não Governamentais), surgiu por volta da década de 1940, sendo primeiramente uma nomenclatura utilizada pela ONU (Organização das Nações Unidas). Aqui no Brasil, essas organizações tomaram impulso e destaque na década de 1990, com a preocupação do homem com desmatamento de nossas florestas e conseqüentemente com a destruição de nosso planeta. Visando melhorias, e tentando deixar a população mundial consciente do que estava acontecendo, reuniram-se representantes de diversos países aqui no Brasil, mais especificamente na ECO 92² (Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente realizada no Rio de Janeiro), para tratarem do assunto.

Segundo a Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais –ABONG (1996, p. 43) define ONGs sendo:

(...) entidades juridicamente constituídas sob forma de fundação, associação e sociedade civil, todas sem fins lucrativos, notadamente autônomos e que tenham compromisso com a construção de uma sociedade democrática, participativa com o fortalecimento dos movimentos sociais de caráter democrático.

²A **Eco-92**, também chamada de Cúpula da Terra, foi a Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente e o Desenvolvimento, realizada de 3 a 14 de junho de 1992, na cidade do Rio de Janeiro, RIO 92, marcou a forma como a humanidade encara sua relação com o planeta. Foi naquele momento que a comunidade política internacional admitiu claramente que era preciso conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a utilização dos recursos da natureza. A conferência de Estocolmo, realizada em junho de 1972, foi o primeiro grande evento sobre meio ambiente realizado no mundo.

Desta forma, vale ressaltar que as Organizações Não Governamentais (ONGs), instituições sem fins lucrativos, que se dedicam a estimular e desenvolver a aprendizagem durante a infância, vem ganhando espaço cada vez maior no Brasil. Felizmente, estamos vivendo um momento muito especial, no qual cresce o interesse e o investimento a esta fase, que é com certeza a mais importante da vida do ser humano. Muitas ONGs que atuam em áreas educacionais, tentam inovar e focar seus atendimentos durante a infância, levando em consideração que um bom acompanhamento nesta etapa tão importante na vida das crianças, é de suma importância tanto no desenvolvimento quanto na aprendizagem dos pequenos.

A educação das crianças assume no âmbito atual, diferentes mudanças e funções, muitas vezes concomitantemente. Dessa maneira, ora assume uma função predominantemente assistencialista, ora um caráter compensatório e ora um caráter educacional nas ações desenvolvidas (VASCONCELLOS, 2005, p. 08).

Na sua gênese, as instituições no Brasil, apresentaram diferentes finalidades sociais sobre suas concepções e atuações perante a sociedade. Inicialmente, desempenhava apenas um caráter assistencialista e assumia o papel de suprir as carências culturais, sociais, focados em compensar a ausência das famílias, as quais lhes faltavam o recurso financeiro, ou seja, para compensar com algo que lhes faltava; por esse motivo, essas entidades são chamadas de compensatória. Mas atualmente, estas organizações atuam como parceiras em espaços de socialização e construção do conhecimento, auxiliando tanto no desenvolvimento cognitivo, quanto no desenvolvimento afetivo, mas sem a obrigação da escola formal, atuando em um campo importantíssimo que muitas vezes a escola, a família e o Estado não são capazes de contemplar.

Diante desse novo paradigma, podemos perguntar: estamos hoje despertando para uma nova maneira de ver a educação, na qual a sociedade indica novos rumos para o sistema educacional? Ou estamos diante da falência de políticas públicas a espera de um parceiro que tome para si, as responsabilidades pela educação de nosso país? Moacir Gadotti (1992, p. 66), nos diz que num regime democrático, não se espera que “a sociedade civil tenha uma participação acrítica, porque justamente suas forças estão na capacidade crítica e na pressão. Só assim o movimento social dará uma contribuição substantiva ao movimento democrático”. Pensando desta forma, para a educação e, principalmente, para o professor, faz-se necessário uma mudança de postura e de atitude, para interpretar e fazer parte deste “*Admirável Mundo Novo*” (HUXLEY, 2009), e proporcionar aos aprendizes, uma educação voltada para inovação e para o mundo real.

As ONGs assistencialistas educacionais tiveram seu início com a expansão mercantilista, e com a abertura do mercado de trabalho para as mulheres, surgiu juntamente a isso, a necessidade de uma maior assistência aos filhos das mães trabalhadoras. Com isso, surgiu então, a criação de espaços de atendimento as crianças; que segundo Kramer (1991), a igreja teve grande participação. Muitas destas organizações afloraram por motivações religiosas ou políticas, com intuito assistencialista, de atendimento a crianças pequenas cujas mães necessitavam trabalhar na indústria e por consequência substituir, a menor custo, à mão de obra masculina. (Ibidem 1991).

Colaborando com este texto, Fino (2001) ajuíza que:

Os anos heroicos da revolução industrial tinham provocado a concentração de grandes massas de proletários em condições absolutamente miseráveis. Aos baixos salários, que obrigavam a que famílias inteiras se empregassem nas fábricas a troco de salários de fome, juntavam-se os ritmos de trabalhos desumanos, o número de horas da jornada, a insalubridade e os acidentes no trabalho, uma permanente ameaça de despendimento com base na existência de grande número de desempregados à espera da graça de posto de trabalho (FINO, 2001, p. 1).

Com as mudanças na estrutura familiar e a participação das mulheres no mercado de trabalho, as crianças passaram a ser atendidas nas instituições de zero a seis anos, que, inicialmente, eram destinadas apenas ao acolhimento, e o seu atendimento pautava-se em princípios assistencialistas. Visando garantir um futuro promissor para os brasileiros, estes ideais estavam voltados para que o Brasil se tornasse o país do futuro. (SILVA; FRANCISCHINI, 2012). Nessa perspectiva, o Estado comprometeu-se em cuidar das crianças. Com o objetivo de atender aos filhos dos operários, a primeira creche brasileira, foi criada em 1909, através do Instituto de Proteção e Assistência à Criança, atendia aos menores de 2 anos, e o atendimento às crianças de até 6 anos era de caráter médico (ibidem, p. 261);

As creches, ou a educação infantil, surgem da necessidade de expandir o trabalho feminino na segunda metade do século XIX, em época de expansão e auge da indústria. Portanto, vinculando-se ao propósito maior: as mães não abandonarem os filhos ao ingressarem no mercado de trabalho. Contudo, a creche era fortemente marcada pelas diferenças sociais: enquanto os jardins de infância tinham a função de atender os ricos, as creches e asilos atendiam os filhos dos trabalhadores (SILVA; CARVALHO, 2004, p. 17).

É muito forte esta dicotomia; parafraseando Silva e Carvalho, enquanto o jardim de infância era destinado para as crianças das famílias mais abastadas financeiramente, as creches eram desenvolvidas para atender as crianças das famílias pobres. Essa distinção ocorreu já desde a ação dos jesuítas, perpetuando-se até os dias atuais.

Para Del Priore (2000), as instituições denominadas assistencialistas, desenvolviam seus serviços, voltados às crianças das famílias mais humildes, descartando assim, as questões como abandono, desnutrição, mortalidade infantil e auxiliando na formação de hábitos higiênicos, ou seja, a verdadeira função era afastá-las por determinado tempo da fome, do trabalho escravo, da miséria, da pobreza e da negligência das famílias.

Kuhlmann (1999), colabora completando que tudo isso não se passava de uma artimanha do governo, e definida estas medidas como:

Conjunto de medidas políticas e pedagógicas visando compensar as deficiências físicas, afetivas, intelectuais e escolares das crianças das classes cultural, social e economicamente marginalizadas, a fim de que elas se preparem para um trabalho e tenham oportunidade de ascensão social (KUHLMANN,1999, p. 32).

Essa forma de atendimento tinha como objetivo apenas a guarda diária de crianças pequenas, e o favorecimento do cuidado físico; a preparação educacional quando existia era secundária. A criança ficava sob o cuidado de um adulto que se preocupava, basicamente, com o seu bem-estar físico.

Tendo em vista, que o Projeto *Ágape* se trata de uma instituição que é ao mesmo tempo educacional, assistencialista e acolhedora, buscarei com um olhar minucioso, definir se há uma natureza inovadora mencionada na prática pedagógica desenvolvida pela Professora dentro da Instituição pesquisada, ou se ainda encontra-se arraigada aos velhos paradigmas fabris.

1.2 O Projeto *Ágape*: uma instituição acolhedora

As ONGs ocupam lugar de grande importância na conjuntura democrática nacional, pois estão ligadas diretamente às demandas populares, e contribuem com a inquietação e o surgimento de uma concepção mais integrada entre direitos e políticas públicas, as quais podem ter sua atuação em diversas áreas, inclusive na educação. Mas como isso ocorre nas organizações? Como essa revolução pode ser verificada numa instituição educacional não governamental, no Nordeste Brasileiro, em um dos 417 municípios do Estado da Bahia, mais especificadamente na cidade de Campo Formoso? Com o intuito de responder a essas e outras perguntas, surge então o meu objeto de estudo, que passarei a apresentar-lhes agora.

O Projeto Ágape foi fundado em 24 de novembro de 2005, com o intuito de amparar crianças desassistidas sócio e economicamente por suas famílias e sociedade em geral. Está inserido em uma comunidade carente, desprovida de condições financeiras que lhes permitam deixar em segurança seus filhos enquanto saem para prover a sobrevivência da família. O perfil socioeconômico das famílias das crianças é classificado como classe baixa. A maior parte das famílias sobrevive de renda mínima oriunda de subempregos. Outra parte depende de programas assistencialistas do Governo Federal, como por exemplo o Bolsa Família.

Desde sua fundação, mantêm uma rotina de trabalho voltada para o desenvolvimento global das crianças, as quais permanecem do horário de 7:30 h às 16:00 h; recebem o fardamento, alimentação, realizam atividades educativas, recreação tudo em um ambiente amplo, limpo e organizado. A instituição possui atualmente, um total de 70 crianças matriculadas, na faixa etária de 1 a 7 anos, e conta com uma demanda de aproximadamente 150 crianças que se enquadram no perfil de atendimento do projeto, mas não estão matriculadas devido à limitação de recursos financeiros. É uma instituição sem fins lucrativos, sendo concomitantemente assistencial e educacional, destinando-se ao amparo e educação de crianças carentes e/ou desassistidas; atendendo em regime de semi-internato e creche. O Projeto procura proporcionar atendimento, objetivando o desenvolvimento integral das crianças atendidas, suprimindo as necessidades biopsicossociais, pedagógicas e espirituais. As crianças com idade de 1 a 3 anos (creches), permanecem no Projeto o dia inteiro. No campo pedagógico atua como suporte à escola regular proporcionando situações didático-pedagógicas, para as crianças com idade entre 4 e 7 anos, (semi-internato, ou seja, meio período do dia), pois em turno oposto frequentam a escola formal, auxiliando no desenvolvimento, nas habilidades e no conhecimento cognitivo. A figura 2 a seguir, apresenta a estrutura de como se dá o desenvolvimento da pesquisa e ao término desvendarei o enigma concluindo se a professora da turma do 2º período, com crianças com idade entre 4 e 5 anos, desenvolve ações inovadoras, ou se ainda está arraigada aos velhos paradigmas fabris.

Para melhor compreensão de como o Projeto Ágape realiza suas atividades, procurarei ilustrá-las.

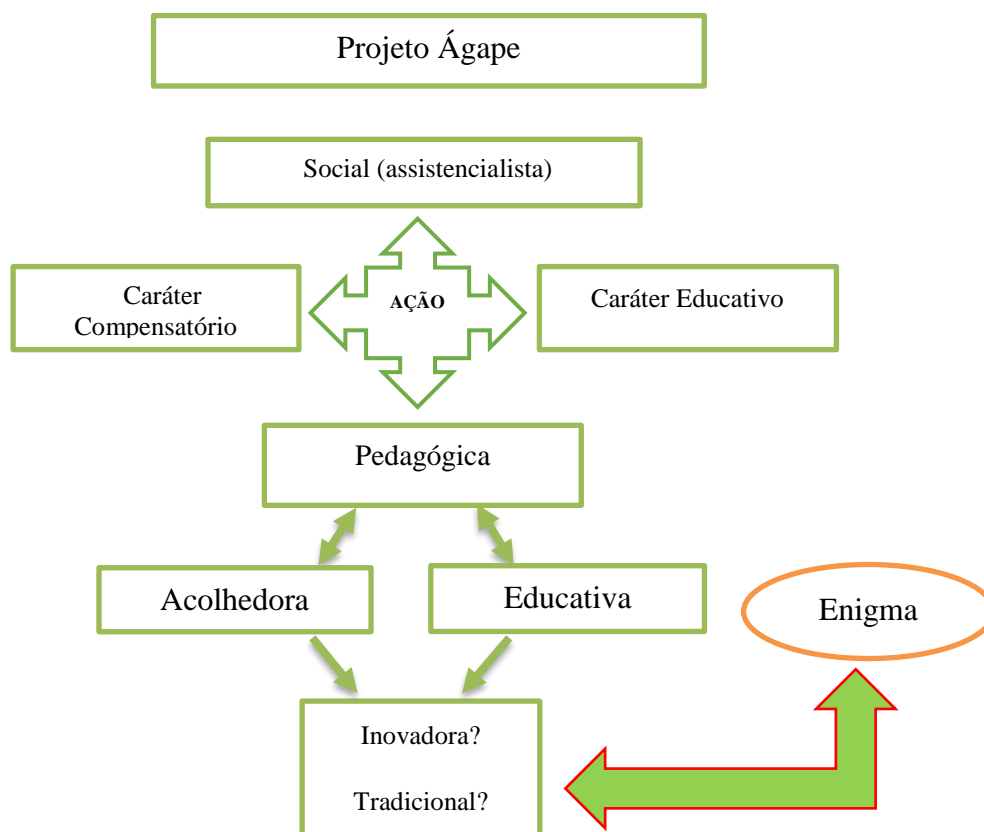


Figura 2: Estrutura da pesquisa.

Fonte: Desenvolvido pela autora, 2015.

Observe que apesar de ser uma instituição assistencialista, de caráter compensatório, contempla também um caráter educativo, ou seja, é ao mesmo tempo uma instituição compensatória e educativa, nas ações que desenvolve. A educação compensatória, é um termo originado no início do século passado durante a Revolução Industrial, e era usada geralmente se referindo à pré-escola e as séries iniciais do ensino fundamental.

Mas afinal, o que significa a palavra Ágape? Para uma ONG, que se destina em cuidar e educar, dando amor e dedicação ao próximo, não poderia ter outro nome. De acordo com Ximenes (2002), a palavra ágape vem do grego “ἀγάπη”, e é uma das diversas palavras gregas destinadas a definir o significado da palavra amor. Pelos Romanos, a palavra ágape era usada habitualmente ao iniciar uma correspondência, ou seja, cartas amigáveis, que atualmente é substituído pelo termo moderno “prezado”. Na Bíblia, a palavra foi usada de diferentes maneiras, por uma variedade de fontes contemporâneas e antigas, como um termo para o amor.

Segundo Rossi (2010, p. 25), definiu a palavra ágape como sendo: “O amor divino, o amor de Deus pelos seus filhos e ainda o amor que as pessoas sentem umas pelas outras inspiradas por esse amor divino”. Percebi que o nome da instituição foi providencialmente escolhido, pois em um mundo com tanto preconceito e intolerância as diferenças, tudo que se deseja é o amor ao próximo, visto que quando amamos, todas as diferenças deixam de existir.

A instituição pesquisada é confiável, séria e condizente para ampará-las e cooperar na educação informal, em parceria com os pais e/ou responsáveis e com os professores da escola regular, onde no contra turno as crianças, em idade escolar, estão matriculadas. Assim, contribuindo para que as crianças assistidas possam ter asseguradas uma infância feliz e expectativa de um futuro melhor. Para cumprimento de seus objetivos, o Projeto é auxiliado pela Primeira Igreja Batista de Campo Formoso, principal mantenedora, e também pela Prefeitura Municipal, mesmo assim os recursos são insuficientes para manter as despesas provenientes dos atendimentos aos menores e conta também com doações, ofertas, contribuições, de qualquer pessoa ou entidade, ou através de parcerias estabelecidas em contrato.

A relação movimento social e educação foi construída a partir da atuação de novos atores que entravam em cena, sujeitos de novas ações coletivas que extrapolavam o âmbito da fábrica ou os locais de trabalho, atuando ao lado de moradores das periferias da cidade, fazendo atendimentos e tentando suprir as necessidades para sobreviver no mundo urbano. Os movimentos tiveram papel educativo para os sujeitos que o compunham (GOHN, 1997, p. 2).

Atuar na educação e ocupar espaços no sistema escolar, tendo em vista um processo crescente de participação direta no atendimento assistencialista, é o que realmente buscam as ONGs educacionais. Sua importância está situada na possível interferência em busca da qualidade da educação, nos resultados obtidos pelas escolas, que na maioria das vezes deixa a desejar. No entanto estas instituições buscam integrar na relação professor-aluno, novas formas de construção do conhecimento, na qual a presença do professor se dá como um tutor, agente metacognitivo, e assim, fazer com que as mudanças aconteçam, auxiliando na construção de uma educação de qualidade para todos.

CAPÍTULO II

UM OLHAR MINUCIOSO SOBRE A INFÂNCIA E A APRENDIZAGEM

2.1 A infância e seus contextos

“Para a criança, só é possível viver a infância. Conhecê-la compete ao adulto” (WALLON, 2007, p. 9).

O universo infantil é fascinante; experiências adquiridas na infância nos deixam lembranças que ficam guardadas em nosso subconsciente e que trazemos para o nosso dia a dia através das falas, dos gestos e dos costumes. Sejam estas lembranças boas ou ruins, elas acabam fazendo parte da nossa história pessoal e social. A infância é um momento de intensas mudanças biológicas e mentais, pois em nenhuma outra fase da vida do ser humano, ocorre transformações tão significativas como nesse período, sendo um período decisivo na constituição de sua personalidade.

Utilizando-se da seguinte argumentação, Santos (1999) destaca que:

A infância é constituída por uma sucessão de etapas. Cada uma delas prepara para a seguinte e os limites entre uma e outra não são nítidos nem precisos em relação à idade cronológica; funciona de maneira global e indissociável. Os desenvolvimentos dos sentidos, da afetividade, da linguagem, da motricidade e da inteligência, integram-se e completam-se num processo contínuo de interação (SANTOS, 1999, p. 11).

Saber como as crianças aprendem, como se dá a compreensão do processo que leva a construir o conhecimento, e o que elas são capazes de aprender ao interagir, é atualmente de suma importância para educadores e instituições que se preocupam com uma educação de qualidade. Tendo em vista, a expansão e a melhoria da qualidade dos serviços prestados nessa fase da vida, em especial as crianças mais vulneráveis socialmente, vêm, sem dúvida, ganhando espaço e investimento de empresas, e ao mesmo tempo tornando-se um desafio mundial.

Mas nem sempre foi assim. Observando as crianças hoje, fica difícil imaginar que a concepção de infância foi marcada por uma trajetória de discriminação, marginalização e exploração. Ao longo da história, a criança era caracterizada como um ser ingênuo, inocente, que precisava de “mimos”, gracioso ou mesmo ainda imperfeito ou incompleto. A criança possuía papel produtivo, com função utilitária, sendo inserida na vida adulta a partir dos 7 anos, tornando-se útil à economia familiar. Essas noções se constituíram em elementos básicos que fundamentaram o conceito de criança, entendido como um ser “sem existência social,

miniatura do adulto, abstrata e universal” (SANTOS, 1999, p. 9). Portanto, uma definição independente da cultura ou classe social. Segundo Jonh Locke (1978), a criança era concebida como um papel em branco e a educação era assumida pela família; contudo o tempo destinado a essas crianças era pouco e sem nenhum significado que viesse a favorecer o desenvolvimento de forma sadia, plena e prazerosa. Para tentar combater, ou melhorar, a educação dada pelas famílias, a igreja e o estado resolveram tomar o encargo educativo, e as famílias, no caso as mais abastadas, ou seja, por terem condições de manterem seus filhos nessas instituições e por acreditarem que não seriam capazes de dar formação adequada a seus filhos aceitarem a “intromissão”. Como registra Ariés (1981);

Podemos compreendê-la a partir de duas abordagens distintas. A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. A despeito das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um grande processo de enclausuramento das crianças (...), que se estende até nossos dias, a qual se dá o nome de escolarização (ARIÉS, 1981, p. 11).

Isso surge com o intuito de disciplinar as crianças. Já nas famílias com menor poder aquisitivo, as quais não disponham de bens, para manter seus filhos nestas instituições disciplinadoras, as crianças eram facilmente descartadas para serem substituídas por um espécime melhor, que fosse mais saudável e forte, correspondendo assim, às expectativas dos pais e da sociedade. Essa época foi marcada pela ausência do amor materno e por uma relação social não sentimental. “O sentimento que se faziam das crianças era apenas conservar algumas, pois era comum morrer até os 7 anos de idade (...) e isso durante muito tempo permaneceu forte”. (ARIÉS, 1981, p. 56). Por isso, só depois que ela “vingava”, ou seja, sobrevivia a esse período, integrava-se de fato à família. A criança era desprovida de atenção por parte da sociedade, e devido à falta de assistência, poucas chegavam a idade adulta. Nesta perspectiva, entre os séculos XVI e XVII percebemos o total desprezo pela infância. Não é que a criança não existia como ser, pois, este sempre existiu, já que é a materialização real da infância. O que não havia, era a distinção entre as fronteiras da infância com o mundo adulto.

Para Ariés,

Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o sentimento de infância não existia [...] O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia (ARIÉS, 1981, p. 156).

Ainda segundo o autor, somente no final do século XVIII e início do século XIX, este último considerado “século da infância”, surgiu a noção de infância, quando a igreja com o grande movimento da religiosidade cristã, surgiu a ideia da criança mística, associada à figura de anjo, que, aos poucos, também provocou mudanças nas relações familiares. Os poderes públicos passaram a questionar as práticas de infanticídio, anteriormente toleradas. As mulheres, no caso as amas de leite e parteiras, passaram a agir como protetoras e cuidadoras dos bebês, demonstrando uma nova característica da sociedade da época, que passou a ter um olhar de assistência à vida na infância. Os adultos, em especial as mulheres, começam a destinar certa atenção às crianças reconhecidas como fonte de distração ou relaxamento, o que Ariés (1981, p. 159) chamará de “crianças bibelot”, expressando um sentimento de “paparicação” pela infância. As condições de higiene e saúde formam melhoradas, fazendo com que a família não aceitasse perder as crianças com naturalidade.

Com o passar dos anos, surge um novo olhar sobre a infância, com mudanças de atitudes por parte dos adultos, de apreciação a beleza, ingenuidade e graciosidade da criança; e a pressão da sociedade, foi de fundamental importância para promover uma mudança do atendimento da criança pequena. A infância, vista como uma etapa do desenvolvimento do ser humano que tem características próprias e bem definidas, é uma ideia moderna. Ela aparece no contexto social e histórico da modernidade, com a redução dos índices de mortalidade infantil, graças ao avanço das ciências e às mudanças econômicas.

A partir dessa concepção, a sociedade passa a educá-las dentro de uma visão racional, acreditando que são capazes de formular ideias e elaborar pensamentos. Nesta nova visão Ariés (1981), discerne que; “(...) os adultos compreenderam a particularidade da infância e a importância tanto moral como social e metódica das crianças em instituições adaptadas a essas finalidades” (ARIÉS,1981, p. 67). E ao percebê-las como sujeito de grandes potencialidades físicas, cognitivas e emocionais, impulsionaram e redirecionaram a reflexão e a criação de uma prática verdadeiramente pedagógica, compromissada com o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, deixando para trás séculos de injustiças.

Mas será que nos dias atuais, todos os preconceitos e explorações vivenciados pelas crianças durante séculos foram esquecidos? Ou estão camuflados em situações diárias que achamos comuns ou normais e muitas outras vezes achamos “bonitinho”? É só observarmos com mais cautela e veremos. Hoje passado tanto tempo, parece que estamos fazendo tudo isso novamente. Afinal, continuam existindo muitas crianças que precisam trabalhar para ajudar as famílias no sustendo e nunca frequentaram a escola. Por outro lado, há ultimamente

uma discussão sobre a “adultização” da infância; os filhos das famílias com mais condições financeiras, não precisam trabalhar, mas em compensação acabam sendo hipersolicitadas no presente, para terem bons rendimentos no futuro. Desde muito cedo, são matriculados em inúmeros cursos, com o objetivo de prepará-los para o mercado de trabalho. Sem falar na exploração da imagem da criança como adulto na mídia e nas redes sociais. A moda infantil é cópia idêntica dos modelos adultos. Pensando bem, antes de sentimento de infância se consolidar a séculos atrás, a criança era vista como adulto em miniatura.

Sabemos que essas situações acontecem na sociedade atual. Mas agora, diferente da conjuntura que existem anteriormente, há leis que protegem nossas crianças, dando-lhes direitos que devem ser respeitados. É o que veremos a seguir.

2.2 A criança como sujeito de direitos

“As crianças, todas as crianças, transportam o peso da sociedade que os adultos lhes legam, mas fazem-no com a leveza da renovação e o sentido de que tudo é de novo possível” (SARMENTO, 2004, p. 43).

Apesar da extensa trajetória da infância, este período do desenvolvimento humano acabou por ser reconhecido, somente no decorrer do século XX, a qual passou a ser vista enquanto sujeito de direitos, um cidadão no mundo e para o mundo. Por isso, a ideia de infância é uma ideia moderna. Contudo, o Brasil foi o primeiro país da América Latina a adequar a legislação aos princípios de Convenção das Nações Unidas sobre os direitos da criança. O progresso que o Brasil fez nos últimos anos, com relação a infância é reconhecido nacional e internacionalmente. As últimas décadas do século XX e a primeira década deste século XXI, os responsáveis pela legislação Brasileira, aprofundaram seus olhares para essa fase tão importante na vida do ser humano, e o tema sobre infância se tornou palco de profundas e amplas mudanças nas ações governamentais, tanto no âmbito jurídico, quanto nas políticas sociais, e na participação da sociedade brasileira em relação à proteção e a participação da criança na sociedade.

(...) nos últimos anos, a inversão radical de paradigma começa a se instalar na consciência jurídica e social. A Convenção Internacional dos Direitos da Criança constitui ao mesmo tempo a evidência e o motor dessas transformações. A luta para ampliar o status de cidadania ao conjunto da infância põe definitivamente em evidência a clareza e a importância do nexos existencial entre sua condição jurídica e sua condição material (MENDEZ, 1994, p. 193).

Neste contexto, no ano de 1988, a Constituição Federal, surge como um marco, na qual foram criadas seções direcionadas exclusivamente para a Educação, no Capítulo III, da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção I da Educação; busca com este feito direcionar com esse novo olhar, abranger todas as esferas sociais, políticas e pedagógicas, e com essa ampliada e revolucionária maneira de olhar para a educação e também para a infância, e a assegura um estatuto institucional à educação da criança, propagando em seu artigo 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (ART. 205. BRASIL, p. 108, 1988).

O oferecimento da Educação Infantil, a partir de então, passou a ser dever do estado em com complementação da família, fortalecido mediante a garantia do atendimento à criança de 0 a 6 anos em creches e pré-escolas, como afirma o artigo 208, inciso IV (BRASIL, 1988).

Fatores como a Constituição Federal de 1988, em conjunto com outras movimentações sociais, passaram a exigir dos dirigentes um respaldo legal, reconhecido pela Convenção Internacional dos Direitos da Criança (1989), e que teve como papel decisivo a afirmação dos direitos da criança. Para se fazer cumprir, os preceitos da Constituição, essas afirmações precisaram ser efetivadas em leis. Para a infância, a lei nº 8.069, que deu origem ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em vigor desde 1990, concebido como um marco na proteção na infância; o qual tem como base a doutrina de proteção integral, afirmando a ideia de prioridade absoluta da Constituição, no amparo da infância, garantindo seus direitos, não só por parte do Estado, mas também da sociedade e da família.

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990, Art. 4º do ECA).

Não há dúvida que o (ECA) Estatuto da Criança e do Adolescente, reconhece a criança como uma cidadã. Os direitos sociais e civis e, inclusive, os direitos de participação em todas as esferas, assumem uma conotação jurídico social e política e incluem a infância no seu lugar de cidadania. O conteúdo da Constituição Federal de 1988, da Convenção dos Direitos da Criança de 1989 e do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, refere-se ao culminar de todo um processo que passa a conceber a criança como sujeito de direitos e, para tal, como um indivíduo que deve participar e ter voz ativa no contexto das suas múltiplas esferas de atuação. De acordo com o PNPI (Plano Nacional Primeira Infância, 2010) a Legislação quer

o melhor para nossas crianças, dando a obrigatoriedade aos Governos Federais, Estaduais e Municipais de:

Atender com prioridade absoluta o compromisso constitucional de garantir à criança o direito, à vida, à saúde, à alimentação, à educação infantil, ao brinquedo, à informação, à cultura e à diversidade cultural, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Agir, por todos os meios de que dispõe, para que ela não seja vítima de negligência, não seja discriminada em razão de gênero, etnia, cor, idade, condição familiar, condição econômica, crença religiosa, localização geográfica de sua residência, não seja explorada pelo trabalho infantil, como objeto sexual, como ator de promoção comercial, não seja vítima de violência física, moral, psicológica, cultural, econômica ou sequestro, no ambiente familiar, escolar ou social não sofra crueldade não sinta opressão psicológica, física ou moral e não seja assediada por publicidade contrária a qualquer um de seus direitos (BRASIL, 2010, p. 15).

Resguardar a existência da infância cidadã é valorizar a constituição, a democracia e buscar a consagração de uma lei, é também, acreditar que sua efetiva implantação e aplicação transformarão o presente e futuro de uma população que, sendo acostumada a ser tratada como cidadã desde o início de sua formação, terá condições e possibilidades de agir de forma consciente no exercício de sua cidadania, participando plenamente da sociedade e qualificando a sua vida e existência, dentro da sua condição particular de pessoa em desenvolvimento. É necessário acentuar uma participação infantil para agregar na sociedade os interesses, necessidades e direitos da criança, que seja manifestado em seu protagonismo e intervenção político-social. A infância como construção social emergiu de sociedades através de valores em mudança. E as crianças são indivíduos e atores sociais com direitos e obrigações de acordo com suas capacidades.

É este novo paradigma da infância que tem sido base indispensável para a emergência da participação infantil como uma questão social, política e científica (...) ou seja, pensar nas crianças, pensar na infância, é pensar também num grupo social, com um conjunto de direitos reconhecidos no campo dos princípios, apesar da sua escassa aplicabilidade nos cotidianos de muitas crianças, para as quais o desenvolvimento de esforços, que assegurem a sua participação é essencial, uma vez que a participação infantil é uma ferramenta indiscutível para fugir ou lutar contra ciclos de exclusão. (...) solidificou-se a ideia da indispensabilidade da participação infantil, ao, entre outros aspectos, se considerar que é necessário mudar o mundo, não só pelas crianças, mas acima de tudo com a sua participação (SOARES, 2005, p. 03).

Diante destes proveitosos avanços, ficou claro o quanto é importante cuidar e educar as crianças que com certeza serão o futuro do país, pois a partir dos primeiros passos dados

pela Constituição de 1988, e conseqüentemente a criação do ECA, surgiram outras afirmativas voltadas para a Educação Infantil. Em 1996, a educação infantil passou a ser primeira etapa da educação básica, sendo de responsabilidade do estado e um direito da criança, e reafirmada pela Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), sob a lei nº 9.394/96, que estabelece um documento referencial visando ao atendimento específico desse nível de ensino. Tal documento se constitui de orientações pedagógicas que respaldam a ação do professor e as práticas educativas de qualidade.

Mesmo com tantas melhorias, muito ainda precisava mudar, e considerando fatores existentes na (LDB) Lei de Diretrizes e Bases, como garantir nomenclatura comum às múltiplas possibilidades de organização dos níveis de ensino, como (série, ciclo) – conforme art. 23 da LDB; surgiu a discussão sobre a ampliação do Ensino Fundamental de oito, anos para 9 anos, a qual se efetivou no ano de 2005, com a Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005, a qual altera os Arts. 6, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com o objetivo de tornar obrigatório o início do ensino fundamental aos seis anos de idade e dar como vetado o Art. 32 “O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública a partir dos seis anos”. Sendo assim a Educação Infantil, continua sendo a 1ª etapa da educação básica, mas agora com uma ressalva, não mais no atendimento de crianças de 0 a 6 anos e sim no atendimento de crianças 0 a 5³ anos.

No ano de 2009, o Ministério da Educação (MEC), elabora as (DCNEI) Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, sob a Resolução nº 5⁴, a qual fixa definições, propostas e concepções, em especial, apresenta discussões sobre como orientar o trabalho com a crianças de 0 a 5 anos de idades, assegurando e garantindo o processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetido a controle social (BRASIL, 2009, p. 12).

Para melhor compreensão de todos os avanços criados pela Legislação Brasileira, no decorrer dos anos, desde o primeiro passo dado pela Constituição Federal, até os dias atuais, observe com atenção a linha de tempo a seguir.

³ Lei nº 11. 274, de 6 de fevereiro de 2006 – amplia o Ensino Fundamental para 9 anos de duração e estabelece o prazo de implantação pelos sistemas até 2010.

⁴ Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

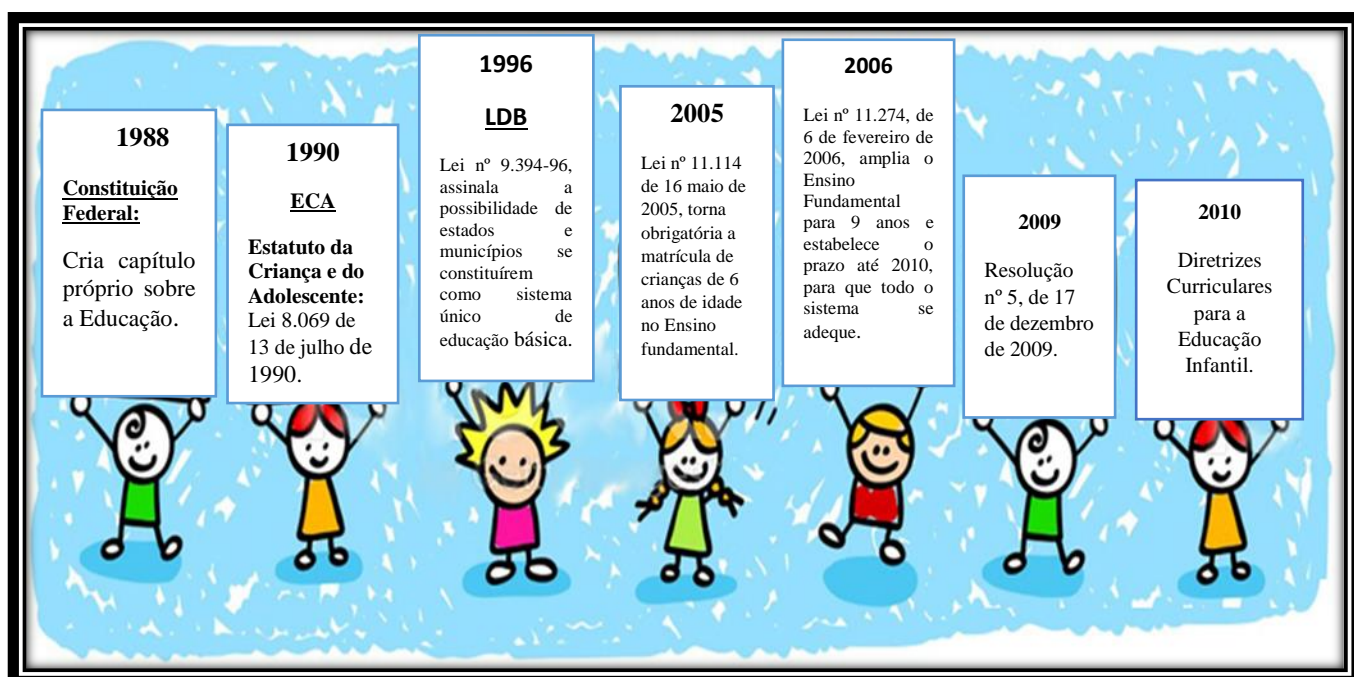


Figura 3: Linha de tempo - Avanços das Leis Brasileiras voltadas para Educação.

Tudo isso surge na busca da identidade da educação infantil, juntamente com o desafio de afirmar a necessidade de se integrar educação e cuidados, que é a especificidade desta modalidade educacional; ou seja, cuidar da criança e educá-la. Nas instituições que atualmente se dedicam a infância, o cuidado e educação são vistos como funções complementares e indissociáveis. É pertinente concordar com os Referenciais Curriculares Nacionais (RCNs), Brasil (1998), quando afirma que:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis da relação interpessoal de ser e estar com os outros(...) e cuidar considera as necessidades das crianças, que quando ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo (...), para se atingir os objetivos do cuidado com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas, baseados em conhecimentos específicos sobre o desenvolvimento biológico, emocional e intelectual das crianças (BRASIL,1998, p. 23-24). (Grifo meu).

Assim, educar de forma indissociável do cuidar, é dar condições para a criança explorar o ambiente de diferentes maneiras; manipulando, observando e nomeando objetos, pessoas ou situações e, dessa forma, constituírem sentidos pessoais e significados coletivos, à

medida que vão se familiarizando com outros sujeitos e se apropriando de um modo singular das formas culturais de pensar, agir e sentir.

Com a evolução das relações sociais, percebeu-se que a criança ocupou um papel central na família e na sociedade, pois como enfatiza Kramer (2003, p. 91), “além de cidadãs, as crianças são pessoas que produzem cultura e são nela produzidas”. Nesse meio tempo, passa a ser vista dentro de uma perspectiva de sujeito com identidade, direitos e características próprias, necessitando ser respeitada e entendida no seu próprio processo evolutivo.

A infância hoje traz suas singularidades, caracterizando a criança como ser que sente e pensa o mundo de uma maneira própria, interagindo e construindo aprendizagens com pessoas que lhe são próximas e com o meio em que está inserida. Na construção de suas ideias, buscam entender, criar e ressignificar suas hipóteses sobre o mundo que as cerca; cabe aos adultos entendê-las em suas diferenças e individualidades, acreditando que a criança foi e será um agente transformador da realidade.

2.3 Aprendizagem e desenvolvimento infantil

“(…) a aprendizagem humana pressupõe, para Vygotsky, uma específica natureza social, sendo um processo, através do qual, a criança cresce dentro da vida intelectual dos que a rodeiam” (FINO, 2001, p. 7).

Tornou-se frase comum afirmar que as crianças são o futuro do país e que a nação que não cuida do ser humano durante a infância, não terá como oferecer um futuro melhor do que o presente. Atualmente, uma nova concepção sobre criança vem tomando espaço no panorama educacional: A criança: ser social.⁵

Nessa nova visão, a criança como cidadã, caracteriza-se por um sujeito ativo, onde a situação sociocultural, as condições econômicas, o sexo e a etnia exercem grande influência sobre ela e seu comportamento. Dessa forma, o conceito de criança passa a ser único, mas depende de vários fatores, do contexto onde ela está inserida.

O ser humano, desde o seu nascimento, desenvolve uma complexa rede de estruturas mentais ligadas aos aspectos cognitivos, motores, sócio emocionais e físicos. Porém, sabe-se que o ser humano não nasce com essas estruturas prontas, é necessário um longo caminho no desenvolvimento de todas as potencialidades humanas. Comparando com outros animais, o

⁵ Grifo da autora. Desde o nascimento, o homem já é um ser social em desenvolvimento e todas as suas manifestações acontecem porque existe um outro social. Mesmo, quando ainda não se utiliza da linguagem oral, o sujeito já está interagindo e se familiarizando com o ambiente em que vive.

bebê humano nasce com maior nível de imaturidade e inaptidão para várias ações que solicitam autonomia, como andar e alimentar. Embora o ser humano apresente características de total dependência no início da vida, apenas ele é capaz de se desenvolver e de aprender ilimitadamente durante sua existência.

O início desse processo de aprendizagem ocorre de forma marcante na primeira infância, sendo caracterizado por grandes saltos no desenvolvimento. Nos seus primeiros seis anos de vida, a criança encontra-se em plena explosão das estruturas mentais de ordem psíquica, cognitiva e motora, sendo, portanto, um momento decisivo na construção do sujeito.

Como enfatiza Piaget,

Em síntese, na primeira infância interpretação significaria que, em princípio, todos os indivíduos seriam capazes de atingir o nível das estruturas formais sob condição do meio social e da experiência adquirida fornecerem ao sujeito os recursos cognitivos e a estimulação intelectual necessária para tal construção (PIAGET, 1972, p. 8).

Não temos mais nenhuma dúvida de que investir na infância é fincar as bases de um futuro mais promissor e sólido, de que priorizar a infância é uma maneira inteligente para obter ganhos sociais ou econômicos superiores aos gerados por quaisquer outros investimentos. No entanto, para as crianças, o mais importante do que preparar o futuro é viver o presente. Elas precisam viver agora e na forma mais justa, plena e feliz.

Mas nem sempre se pensou desta maneira. Durante muito tempo a escola foi o único local de socialização do conhecimento historicamente acumulado, e a finalidade da instituição e do professor era apenas de transmitir o conhecimento pronto e acabado, exigidos pelo sistema; deixando de lado ou mesmo não dando nenhuma importância ao desenvolvimento integral da personalidade do educando, não observando o sujeito como um todo. A ação docente se concretizava apenas na tarefa de ensinar e ensinar bem. Mas sabemos que não é desta forma que o conhecimento é adquirido, para que a criança se desenvolva e a aprendizagem verdadeiramente aconteça, o sujeito deve estar inserido em um ambiente rico em oportunidades de construção do conhecimento juntamente com seus pares. Nesta perspectiva, Vygotsky (2001), distingue desenvolvimento de aprendizagem argumentando que a aprendizagem é um processo social complexo, culturalmente organizado, universal e necessário ao processo de desenvolvimento. Assim, o desenvolvimento antecede a aprendizagem. A aprendizagem por sua vez, deixa de ser individualista, para ser social e facilitadora da aprendizagem de seus pares mais próximos, despertando um conjunto de processos internos com seus colegas e ou professor. Essa gama de processos internalizados

passam a ser conquistas evolutivas. Portanto, para Vygotsky, a interação do indivíduo com a situação sociocultural, promove a aprendizagem e esta conduz ao desenvolvimento.

Vygotsky, ainda completa que:

(...) a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não-naturais, mas formadas historicamente (VIGOTSKY, 2001, p. 115).

Através de observações feitas nos estudos sócio interacionistas, a qual é uma concepção defendida por Vygotsky, o mesmo refere-se a aprendizagem, não como uma mera aquisição de informações; e sim como um processo interno, interpessoal e ativo, que emerge da interação entre os pares, ou seja, da relação com interlocutores mais experientes, fazendo com que o desenvolvimento cognitivo se estabeleça, e a aprendizagem flua de maneira efetiva. Uma vez que há uma inter-relação entre o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem organizada pela escola, esse processo interno é reativado, sempre que surgirem novas informações, oriundas desta parceria entre os sujeitos. Pois, para Vygotsky (1989), a aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre mediada pelo outro.

O processo educacional exige que se olhe para as ações humanas como instrumentos que caracterizam e auxiliam a transformação social.

Na medida em que as crianças rejeitam uma Escola que não está em sintonia com a vida contemporânea, elas tornam-se agentes ativos de pressão para mudança. Como qualquer outra estrutura social a Escola precisa ser aceita por seus participantes. Ela não sobreviverá muito além do tempo em que não se puder mais persuadir as crianças a conceder-lhe certo grau de legitimidade (PAPERT, 2008, p. 21).

A aprendizagem e desenvolvimento constitui-se como resultado de experiências vividas pelo indivíduo que interage com o outro, onde o professor assume o papel de mediador, que procura aperfeiçoar e aprofundar o seu conhecimento baseado na realidade do aprendiz. Papert (2008, p. 19) afirma que “a melhor aprendizagem ocorre quando o aprendiz assume o comando e a escola seja o local onde aprender coexista com uma cultura de responsabilidade pessoal”, pois, a criança desfrutando da oportunidade de buscar o conhecimento, torna-se construtora de suas próprias estruturas intelectuais, também a faz feliz e, por isso, mais propensa a ser bondosa, a amar o próximo, a ser solidária.

Sobre a importância da construção da aprendizagem através da interação entre os pares, Vygotsky (2007), explicita que nos primeiros anos de vida a interação consiste em um processo mais elaborado cognitivamente, pois exige capacidade de concentração das crianças, bem como a exigência de múltiplas competências sociocognitivas que são importantíssimas na interpretação das ações comportamentais entre os pares. Essa complexidade é o que diferencia a interação criança - criança, da interação criança – adulto; visto que, quanto mais novas as crianças, mais aprendem com a interação. Nesta perspectiva, a medida que a interação for tendencialmente mais complexa e exigente, maior será a necessidade de se ter um comportamento mais ativo durante a interação. Sabe-se que Vygotsky e Piaget compartilham da mesma noção de que os sujeitos são ativos na construção e organização de seu conhecimento, de forma cada vez mais complexa. Sendo assim, a interação condiz ao comportamento de um indivíduo e propicia a participação de outro, como por exemplo em interações como: em numa conversa, em uma troca de gestos, em um jogo ou um conflito. E o que indica a existência de um objeto em comum é representada através da cooperação, ou melhor, da interação entre os pares.

Dessa forma podemos visualizar e propor práticas em que os alunos passam de sujeitos passivos para a condição de pensantes e interativos numa lógica do conhecimento construída de uma relação de colaboração e construção mútua por parte de professores e alunos (VYGOTSKY, 1978, apud FINO, 2001, p. 5).

O aprendizado ocorre especialmente quando o aprendiz está engajado em construir um produto de significado pessoal, que surja de uma ação concreta e que possa ser apresentado a outras pessoas. “O conhecimento resulta de interações que se produzem a meio caminho entre os dois” (PIAGET, 1972, p. 14), embora muitas vezes isso seja relegado e deixado em segundo plano por muitos educadores. Contudo Vygotsky (2007), afirma que o desenvolvimento ocorre quando o sujeito interage com o meio, considerando que a linguagem é sua principal ferramenta.

Para que esse processo de construção do conhecimento seja verdadeiramente efetivado, precisamos mudar as condutas que estão enraizadas nas práticas tradicionais. Conforme incita Saviani (1992), os docentes devem buscar conduzir sua ação, identificando o saber socialmente adquirido e que possa ser assimilado pelos alunos, os quais garantam as condições necessárias para que estes não apenas tomem posse do conhecimento, mas ainda possam elevar seu nível de compreensão sobre a realidade. Assim, mediante a intervenção e apoio do adulto, os conflitos e dificuldades, nos momentos de interação entre pares, podem ser encarados como adaptáveis, e, conseqüentemente, fomentando a sua autonomia.

Significa, pois, que a interação dos conhecimentos escolares e dos contextos da vida do aluno e da realidade que ele transita, favorecem a construção de competências aqui compreendidas como a capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para um tipo de situação. [...] a capacidade de mobilizar conhecimentos, valores e decisões para agir de modo pertinente numa determinada situação (PERRENOUD, 2000, p. 15).

Não podemos esquecer que o Projeto Ágape é uma instituição voltada para o atendimento a infância, e o local onde a criança cresce é decisivo para o desenvolvimento; o vínculo com os mediadores e o ambiente no qual vive, são fundamentais para uma infância saudável. Nestes momentos em que as crianças estão envolvidas com os seus pares, o educador dispõe, assim, de oportunidades únicas de contribuir para a aprendizagem social das crianças (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 1999). É de suma importância que durante a infância, a criança seja percebida como um sujeito aprendente, respeitando o momento onde se vê, se pensa e se sente o mundo de um modo próprio. Para ele é na ação do educador que atuará como mediador, que fará com que a criança seja construtora de seus conhecimentos.

Neste momento, deve ser uma ação natural, que leve em conta as peculiaridades da infância, a ingenuidade e a inconsciência que marcam a falta da razão adulta. A infância tem formas próprias de ver, de pensar, de sentir, que lhes são próprios; nada é menos sensato do que querer substituí-los com os nossos (ROUSSEAU, 1999, p. 86).

Ferreiro (1996), acredita que um educador mediador é aquele que tem uma nova forma de ver a criança que aprende, ou seja, uma criança ativa que compara, conclui, ordena, caracteriza, reformula em hipótese, reorganiza em pensamento e em ação efetiva. Um bom mediador respeita o interesse do aluno e trabalha a partir de sua atividade espontânea, ouvindo suas dúvidas, formulando desafios à capacidade de adaptação infantil e acompanhando seu processo de construção do conhecimento.

Nesse sentido, segundo Zabala (1998, p. 96),

A maneira de ver o aluno (...) é essencial na manifestação do interesse por aprender. O aluno encontrará campo seguro num clima propício para aprender significativamente, num clima em que se valorize o trabalho que se faz, (...): num marco de relações em que predomine a aceitação e a confiança, num clima que potencializa o interesse por aprender e continuar o processo pessoal de construção de conhecimento.

Pensamento, linguagem e cultura caminham de mãos dadas. Vygotsky (2007), diz que a aprendizagem da criança se inicia muito antes dela ir à escola e a sua ligação com o desenvolvimento existe desde os seus primeiros anos de vida. Portanto, o ensino deve ser conduzido e orientado alicerçando-se no aperfeiçoamento daquilo que a criança ainda não

domina, pois “o bom aprendizado é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento”. (Ibid., 2007, p. 102). Levando sempre em consideração que é de relevância muito grande a colaboração com pares mais experientes.

Observação feita nos estudos sócio interacionistas é a concepção defendida por Vygotsky quando se refere à existência de uma interdependência entre a aprendizagem dos conteúdos e o desenvolvimento cognitivo. Uma vez que há uma interdependência entre o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem em geral e, em particular, da aprendizagem sistemática organizada pela escola.

Para Vygotsky (1989), a aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre mediada pelo outro. “Aqueles funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão, presentemente, em estado embrionário”. (VYGOTSKY, 1989, p. 97). Portanto, aprender constitui-se como resultado da interação entre estruturas mentais e o meio sociocultural. Dando ênfase a quebra da conjuntura educacional tradicional, buscando com um olhar mais apurado e inovador, enxergar e fazer diariamente ações centrada na aprendizagem, onde o professor é coautor desse processo juntamente com os alunos. Nesse enfoque, o conhecimento é construído e reconstruído continuamente.

Podemos fazer referência aos conceitos da teoria construtivista de Jean Piaget, a interacionista de Vygotsky e o construcionismo de Seymour Papert, “cujas abordagens, na perspectiva psicopedagógica, sugerem inovações das práticas pedagógicas, de modo que favoreçam a aprendizagem” (CÂNDIDO, 2010, p. 263). A partir dessa perspectiva conceitual, as propostas de práticas pedagógicas baseadas nos pressupostos teóricos das concepções interacionistas e construcionistas são orientadas no sentido de promover uma relação dialógica entre professor e aluno, este último concebido como sujeito ativo e participante do seu processo de aprendizagem.

Entretanto, Vygotsky (1978) afirma que:

(...) são ineficazes, em termos de desenvolvimento, as aprendizagens orientadas para níveis de desenvolvimento que já foram atingidos, porque não apontam para um novo estágio no processo de desenvolvimento. A consideração de ZDP possibilita a proposta de “boas aprendizagens”, que são as que conduzem a um avanço no desenvolvimento (VYGOTSKY, 1978, apud FINO, 1998, p. 117).

O desenvolvimento da criança com o aprendizado escolar, se diferencia, pois trata de conhecimentos sistematizados. Ao distinguir o aprendizado escolar e o não escolar, Vygotsky

(2007) enuncia dois níveis de desenvolvimento: o desenvolvimento real, e o desenvolvimento potencial. O nível de desenvolvimento potencial, trata-se do conhecimento que a criança ainda pode aprender, das capacidades e funções que ela pode efetuar apenas com a ajuda de uma pessoa mais experiente, mas que será capaz de efetuar mais tarde sozinha. O desenvolvimento real é o nível que trata do conhecimento já concretizado pela criança, àquelas habilidades ou funções que ela domina e consegue realizar sozinha, sem o auxílio de alguém com mais experiência. Neste nível “a criança realiza tarefas e soluciona problemas através do diálogo, da colaboração, da imitação, da experiência compartilhada e das pistas que lhe são fornecidas” (VYGOTSKY, 2007, p. 73). A interação entre conhecimento e aprendizagem se dá em qualquer ambiente ou situação, basta o indivíduo observar o que o cerca, e por outro lado, atribuí um novo e importante papel a escola na construção do conhecimento.

Dentro desta perspectiva Fino (2001), corrobora afirmando que:

A ideia da ZDP de Vygotsky sugere a existência de uma “janela de aprendizagem”, em cada momento do desenvolvimento cognitivo do aprendiz, individualmente considerado, que pode ser muito estreita. E por maioria de razão, que num grupo de aprendizes, não existe uma única “janela de aprendizagem”, mas tantas quantas os aprendizes, e todas tão individualizadas quanto eles (FINO, 2001, p. 6).

Para melhor compreensão, Fino, (2001) menciona três implicações pedagógicas, relacionadas as Zonas de Desenvolvimento Proximal.

- A primeira ele denomina como sendo a “janela de aprendizagem”, que garante a cada grupo um leque de maneiras, para que os aprendizes possam personalizar sua aprendizagem. E ainda completa que existem várias janelas de aprendizagem.
- A segunda implicação, o autor a nomeia como sendo “o tutor como agente cognitivo”, que só existe com a interação entre professor e aprendiz, e somente através dessa reciprocidade há a habilitação deste último em um nível cognitivo mais elevado.
- A terceira implicação é apontada pelo autor como sendo “a importância dos pares como mediador de aprendizagem”; é no interior do contexto social, que a aprendizagem do conhecimento ocorre, no qual o indivíduo mais apto guia as atividades de um indivíduo menos apto. Assim gerando a auto regulação.

Neste contexto de aprendizagens, percebemos que é necessário garantir aos aprendizes, um leque de oportunidades e conseqüentemente atividades, que direcionem os

objetivos rumo às metas que se desejam alcançar, tendo o olhar focado na prática inovadora. Cabe à escola, ao invés de continuar adotando a postura de simples transmissora do conhecimento, organizar situações que conduzam à aprendizagem, reconhecendo que já não é mais a detentora do saber, mas proporcionar aos alunos meios para aprender e obter informações para construir o conhecimento e adquirir competências e habilidades que desenvolva simultaneamente o espírito crítico.

Essa perspectiva de aprendizagem, constitui-se um aspecto bastante relevante, pois nela legitima a autonomia como um papel construtivo do próprio indivíduo na contemporaneidade. Moraes (1997, p. 225) enfatiza que a autonomia na aprendizagem implica a procura de conhecimentos onde quer que estes “ (...) estejam pelo domínio de diferentes formas de acesso às informações associado ao desenvolvimento de uma atitude crítica de investigação, no sentido de que o indivíduo seja capaz de avaliar, reunir e organizar as informações mais relevantes”. Desta forma entende-se, que é na autonomia que o indivíduo torna-se mais crítico, flexível e independente. Visto que, é na autonomia que os sujeitos podem deixar fluir as mais distintas formas de informação e comunicação, representando assim, um poderoso recurso a serviço da boa prática.

Devemos deixar claro, que a aprendizagem não só acontece entre os muros da escola. A escola sistematiza o ensino, mas temos consciência que a aprendizagem pode acontecer em qual lugar, seja em escola do ensino regular, seja em baixo de árvore, seja em uma instituição sem fins lucrativos como o Projeto Ágape; basta apenas termos pessoas engajadas em fazer as mudanças e possam enxergar que as práticas pedagógicas tradicionais não são mais suficientes para matar a sede de conhecimento apresentadas por nossas crianças.

CAPÍTULO III

INOVAÇÃO PEDAGÓGICA E QUEBRA DE PARADIGMA

“E é esse o sentido da inovação: antecipar no presente o futuro que se desconhece” (SOUSA & FINO, 2007, p. 13).

Vivemos hoje um arraigado e intenso processo de mudanças e transformações que têm nos desafiado e, ao mesmo tempo, nos encorajado a descobrir novos procedimentos ao pensar e agir em todas as áreas da atividade humana. A globalização e o desenvolvimento nos fazem cidadãos do mundo, alteram valores, conhecimentos e relações sociais, transformam verdades até então soberanas em aparentes e acrescentam uma grande multiplicidade de incertezas. A velocidade, o caráter destas mudanças e a quantidade de informações disponíveis, exigem do homem um caráter inovador, uma nova conduta e o aperfeiçoamento de habilidades e estratégias, para que possa conviver e compreender a chamada sociedade do conhecimento. Como afirma Toffler (1973, p. 384), “toda sociedade enfrenta, não apenas uma sucessão de futuros prováveis, mas um punhado de futuros possíveis e um conflito quanto aos futuros preferíveis”; desta maneira é pertinente compreender de maneira clara e objetiva a construção do conhecimento pelo ser humano.

Esclarecer o que se entende pelo termo “inovação” é, inicialmente, um aspecto muito proeminente, em especial, quando se pretende analisar, de maneira crítica, como as mudanças vêm acontecendo indiscriminadamente em todos os setores da sociedade. Com a mesma intensidade de redefinir e superar modelos característicos nos quais permeiam com grande grau de complexidade da vida humana, como é o caso da educação.

Sabemos que a educação é uma das áreas mais importantes na transformação da sociedade; e para que ocorra esta transformação é necessário primeiro inovar, ou melhor, inovar pedagogicamente. Inovação pedagógica é a quebra de paradigma na conjuntura tradicional, com a junção de novos elementos como: práticas pedagógicas inovadoras, uma visão crítica sobre as organizações arcaicas, valorização da aprendizagem, deixando de lado a ideia de que o professor é o sujeito ativo e o aluno sujeito passivo no processo de aprendizagem. Todas essas ações efetivadas, são capazes de modificar intensamente a realidade de qualquer instituição que se preocupa em unir-se ao processo de mudanças que bate a nossa porta. Segundo Demo (2009, p. 55), “enquanto as tecnologias correm a velocidade da luz, a pedagogia anda a passos de cágado”. Pois, por mais que o mundo tenha evoluído, modernizado, globalizado, a educação continua instrucionista e, infelizmente, não tem conseguido acompanhar esse ritmo acelerado que as mudanças atuais exigem. Basta

apenas, vemos essa crítica feita por Papert (2008), o qual deixa claro o sucateamento e descompasso da educação, sobre o qual ele parafraseia da seguinte forma:

Imaginemos viajantes do tempo de um século atrás – Um grupo de cirurgiões e outro de professores (...) – Cada qual ansioso para ver o quanto as coisas mudaram nas respectivas profissões em 100 anos ou mais no futuro. Imagine o espanto dos cirurgiões entrando em uma sala de cirurgia de um hospital moderno. Embora pudessem perceber que algum tipo de operação estava ocorrendo e até mesmo adivinhar qual órgão operado, na maioria dos casos seriam incapazes de imaginar o que o atual cirurgião estaria tentando fazer ou qual a finalidade de muitos instrumentos estranhos que ele e sua equipe cirúrgica estavam utilizando. Os rituais de assepsia e anestesia, os sons de alarme dos aparelhos eletrônicos e até mesmo as luzes intensas, tão familiares às plateias de televisão, seriam completamente estranhos para os visitantes. Os professores viajantes do tempo reagiriam de forma bem diferente a sala de aula (...). Eles poderiam sentir-se intrigados com alguns objetos estranhos. Iriam constatar que algumas técnicas convencionais mudaram – e provavelmente discordariam entre si se as mudanças foram para melhor ou pior - mas perceberiam plenamente a finalidade da maior parte do que se estava tentando fazer e facilmente poderiam assumir a classe (PAPERT, 2008, p. 17).

Neste trecho, Papert deixa claro que quase não houve mudanças na maneira da escola estimular o aprender, apesar da escola atual ser posterior e contemporânea a enormes revoluções nas atividades humanas; ela continua a mesma, obsoleta, retrógrada, a qual valoriza apenas a figura do professor como detentor do saber, não valorizando o conhecimento que o aluno já traz na bagagem. Do ponto de vista de Bourdieu e Passeron (2013), o papel da escola tem sido muito mais de reprodução das diferenças sociais, do que de transformação dessa realidade, na qual somos ao mesmo tempo, dominados e dominadores, agentes e vítimas da violência simbólica. E ainda completam descrevendo que: “os mecanismos pelos quais a violência simbólica é exercida pela instituição escolar e seus agentes que, em geral, ignoram que contribuem para legitimá-la socialmente” (BOURDIEU & PASSERON, 2013, p. 12). Refletir sobre como os atores descrevem, reagem e percebem sobre a realidade da cultura escolar é considerar que as ações, as palavras e as formas errôneas como as interpretamos, lhes dão sentido.

Aprofundada por Fino (2006) essas percepções de cultura da escola, sobre o conhecimento e aprendizagem, apresentam aspectos que ficaram adormecidos com o passar dos anos, e ainda completa que:

As escolas se inscrevem numa matriz comum (...), numa representação de escola, profundamente enraizada dentro e fora dela, socialmente partilhada de modo a incluir a generalidade dos estratos da sociedade e das várias gerações presentes e com força suficiente para contrariar propósitos deliberados ou não, de mudança (FINO, 2006, pp. 1-2).

Isso configura-se como um invariante cultural, que é definido por Fino (2001), como um “conjunto de elementos culturais partilhados pelas escolas, relacionados com a sua origem comum, que as marca indelevelmente e lhes determina um conjunto de características que, de alguma maneira, as uniformiza” (FINO, 2000, p. 391). Entretanto, é importante salientar que a cultura popular, constitui-se uma relevante fonte de referência no conhecimento significativo, e é muito frequente a desvalorização os elementos da cultura popular em relação às fontes tradicionais de aprendizagem.

Essa visão de cultura é percebida pedagogicamente como agentes de construção do conhecimento que possibilita tanto ao professor quanto ao aluno, se constituírem e participarem ativamente dos processos significativos de aprendizagem, visto que, a construção do conhecimento não acontece só no espaço escolar, ela pode acontecer em qualquer lugar onde as pessoas possam agir com autonomia, criticidade e assumindo seu papel principal no aprender com significado.

De acordo com Fino (2008a);

As práticas pedagógicas ocorrem onde se reúnem pessoas, das quais algumas têm o propósito de aprender alguma coisa e, outras, o propósito de facilitar ou mediar nessa aprendizagem. Ou quando todas têm o mesmíssimo propósito de aprender alguma coisa em conjunto (FINO, 2008a, p. 03).

Nesses novos tempos, educar é um grande desafio que surge da necessidade de investir com urgência e de forma qualitativa, no atual sistema de ensino, trazendo mudanças para o campo pedagógico, como uma nova forma de pensar o aprendizado e construção do conhecimento, promovendo uma ruptura nos métodos arcaicos, rumando para uma educação inovadora.

3.1 O despertar de um novo paradigma

Notamos a urgência da mudança paradigmática nas orientações dos sistemas educativos, mas para que a mudança seja realidade, o primeiro passo a ser dado é a tomada de consciência, e ter um olhar voltado para a insatisfação apresentada pelos modelos educacionais existentes. O invariante cultural deverá ser certamente o primeiro elemento a ser aniquilado. E para isso, necessitamos de renovação de atitude; atitude esta que para Fino (2006), encontra-se “em cada um de nós, em primeiro lugar. E só depois o professor inovador estará apto a projetar uma instituição (ou nenhuma instituição) educativa diferente” (FINO,

2006, p. 14). Nessa renovação da escola, ou qualquer outro local que esteja disposto a valorizar aprendizagem, um dos pontos fortes a ser desenvolvido é a descentralização do conhecimento, tido no sistema tradicional, como a figura docente; e buscar novas perspectivas de diálogos intersociais, que irá permitir ao aprendente, ser agente do seu próprio conhecimento, tendo assim uma transposição de incidência do processo de ensino, para o processo de aprendizagem.

Apesar de toda a retórica em prol da mudança e de melhorias para o futuro da educação, os avanços são tímidos. Pois como suscita Toffler (1973), a máquina engenhosa do ensino em massa, foi criada pelo industrialismo, que formava o sujeito com as aptidões necessárias para o mundo do trabalho repetitivo, e ainda completa que a escola nasceu formatada, fazendo uso de elementos característicos do modelo industrial, como por exemplo: turmas separadas por idade, campainha, submissão as ordens propostas, enfileiramento, entre outros; adotando mesmo que inconscientemente o modelo do paradigma fabril.

A disposição dos lugares, a sineta, a segregação de idades, as distinções de classes sociais, a autoridade do professor e o próprio facto dos estudantes estarem numa escola em vez de na própria comunidade. Todas estas mensagens transmitem ao estudante mensagens silenciosas e moldam as suas atitudes e as suas concepções. Mas os programas continuam a ser apresentados como se estivessem isentos de valores. Ideias, acontecimentos e fenómenos são despídos de todas as implicações de valores, privados de toda a realidade moral (TOFFLER, 1973, pp. 409 - 410).

A escola da atualidade é em muitos aspectos, semelhante e apresenta características de um modelo escolar tradicional, permanecendo sem modificações. O primeiro a ser observado, é a desvalorização dos saberes anteriormente adquiridos a vida escolar da criança; o qual confere a escola a centralidade da ação educativa, tendo na figura do professor, autor principal do processo.

As nossas escolas estão voltadas para trás, para um sistema moribundo, em lugar de se virarem para a frente, para a nova sociedade que desponta. Todas as suas energias se concentram em instruir o Homem industrial, em preparar gente para sobreviver num sistema que tem os dias contados. A fim de evitar o choque do futuro temos de criar um sistema educacional superindustrial, e para isso temos de procurar os nossos objetivos e métodos no futuro e não no passado (TOFFLER, 1973, p. 392).

Urge a necessidade de inovar dentro das instituições escolares. Mas o que é inovar? O termo inovação, segundo Ximenes (2002, p. 533), é apresentado como significado a “introdução de novos conhecimentos, métodos, processos, aquilo que é novo, ação ou efeito de inovar, mudar converter, diversificar”. O autor apenas utiliza o significado da palavra de modo objetivo, numa linguagem exata e precisa, tendo como objetivo apresentar como mera

ampliação do vocabulário. No entanto, sabemos que a inovação vai muito mais além de uma denotação.

O conceito de inovação pedagógica está efetivamente ligado à superação do vigente paradigma fabril, descrito por Alvin Toffler (1973) no livro *Choque do Futuro* e José Gimeno Sacristán (1985) *A Pedagogia por Objetivos: Obsessão por eficiência*, e por Fino em diversos artigos publicados, os quais esclarecem as concepções tradicionais de ensino e aprendizagem, e como estas concepções antiquadas, impossibilitam as novas necessidades sociais no que se refere à formação das novas gerações. A prática educacional da escola tradicional e seus valores estão profundamente enfraquecidos, esgotados, revelando sua obsolescência diante das novas aspirações da sociedade emergente. O modelo burocrático que a escola adotou, baseados nos paradigmas industriais, focados em normas rígidas, e tendo a figura do professor como principal detentor do saber; dificulta que as práticas pedagógicas inovadoras sejam inseridas nas instituições escolares. O ensino em massa, a hierarquia e a burocracia industrial, que outrora foram tão aceitos pela sociedade industrial, não serve mais como modelo para tornar cidadãos críticos e conhecedores da importância do seu papel na sociedade. Como em todas as outras áreas nota-se claramente mudanças efetivas, é urgente e necessário que estas mudanças também sejam visíveis na área educacional; e tudo isso primeiramente necessita partir das ações dos atores que dentro delas residem.

Sendo assim, para que haja inovação pedagógica é necessário haver mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas de aprendizagem, sejam elas desenvolvidas em escolas, em projetos sociais, dentro ou fora dos muros das instituições ditas escolarizadas, ou melhor, em qualquer ambiente que se preocupe em banir para longe as velhas práticas, que pensam em primeiro lugar no ensino e não na aprendizagem. Essas mudanças envolvem um posicionamento crítico diante das concepções do passado e busca a criação de contextos de aprendizagem inovadores, diferentes do modelo tradicional, que insiste em criar contextos de ensino, mantendo sempre o foco no professor e não no aprendiz. Deste modo, não resta dúvida, de que em um ambiente construcionista, o professor age como mediador da aprendizagem do aluno, respeitando o nível de cada um. Desta forma, o aluno constrói o conhecimento quanto parte daquilo que lhe interessa. Desse modo, fica claro que a função dos recursos educacionais, não deve ser de ensinar, e sim, de criar condições de aprendizagem, deixando para trás as velhas amarras, que nos impedem de pensar, ser críticos, e que possamos visualizar as práticas pedagógicas tradicionais, como ações que não serve mais para empolgar, suscitar desejos de aprender, em uma geração de aprendizes que têm sede de conhecimento.

Fino (2008a), dimensiona a importância da inovação pedagógica no processo de ruptura da crise, quanto afirma que:

(...) a inovação pedagógica não é resultado da formação de professores, ainda que a (boa) educação seja determinante. (...) a educação institucionalizada preserva as práticas tradicionais, encontrando sempre pretextos para impor a ortodoxia (...) inovação pedagógica, ainda que inspirada ou estimulada por ideias ou movimentos, que extravasam do âmbito local, é sempre uma opção individual e local (...) (FINO, 2008a, p. 2).

Convém reconhecer que estamos diante de situações de desafios, que exige dos profissionais de educação, um olhar apurado, somado a um sentido crítico e reflexivo, para agregar-se a onda de mudanças a qual a sociedade está sendo desafiada. O professor deve apresentar condutas inovadoras ao lidar no processo aprendizagem. Nesse sentido, a conotação de inovação e quebra de paradigma é muito mais ampla e astuta, pois nela, o processo educativo é aceito dentro de um campo que auxilia e unifica várias dimensões distintas da vida pessoal e social, além de se constituir um imenso movimento de interligação e integração entre o campo educacional e os inúmeros setores existentes na sociedade.

Papert (2008), aponta teóricos inovadores em educação que formularam perspectivas arrojadas.

A ideia de John Dewey de que as crianças aprendiam melhor se a aprendizagem realmente fizesse parte da experiência de vida: ou a ideia de Paulo Freire de que elas aprenderiam melhor se fossem verdadeiramente responsáveis por seus próprios processos de aprendizagem; ou a ideia de Jean Piaget de que a inteligência surge de um processo evolutivo no qual muitos fatores devem dispor de tempo para encontrar seu próprio equilíbrio; ou a ideia de Lev Vygotsky de que a conversação desempenha um papel crucial na aprendizagem (PAPERTE, 2008, p. 29).

Sem dúvida, todos esses teóricos, nos esclarece o quanto é relevante dar voz e vez aos sujeitos no processo de aprendizagem, e sabemos que isso naturalmente envolve obrigatoriamente as práticas. Fino (2008a), afigura a inovação pedagógica como ruptura de natureza cultural, num cenário de culturas escolares tradicionais. E reafirma que “o caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou censo comum, por mais saltos premeditados e absolutamente em direção ao muitas vezes inesperado”. (FINO, 2008a, p. 2). Sendo também a abertura para novas culturas, que poderão ser censuradas pelos olhares conformistas dos mais tradicionais.

A inovação pedagógica está voltada para a mudança nas relações ensino-aprendizagem, onde o aluno passa a ser o foco principal do aprendizado. Neste sentido, Fino (2008b, p. 3), afirma que “a inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou

implícito face às práticas pedagógicas tradicionais”. O processo educacional exige que se olhe para as ações humanas como instrumentos que caracterizam e auxiliam a transformação social.

Nesse sentido, Papert (2008) afirma que:

Na medida em que as crianças rejeitam uma Escola que não está em sintonia com a vida contemporânea, elas tornam-se agentes ativos de pressão para mudança. Como qualquer outra estrutura social a Escola precisa ser aceita por seus participantes. Ela não sobreviverá muito além do tempo em que não se puder mais persuadir as crianças a conceder-lhe certo grau de legitimidade (PAPERT, 2008, p. 21).

Cabem então as instituições, ao invés de continuar adotando a postura de simples transmissora do conhecimento, organizar situações que conduzam à aprendizagem, reconhecendo que já não é mais a detentora do saber, mas proporcionar aos alunos meios para aprender e obter informações para construir o conhecimento e adquirir competências e habilidades que desenvolva simultaneamente o espírito crítico, pois com afirma Sousa (2004, p. 73), “a educação não pode deixar de ter os olhos no futuro”. Neste sentido, a concepção do professor reflexivo, crítico e transformador, ganha certa urgência, como proposta de transformação das práxis.

Considerando que as instituições escolares, ditas “salvadoras”, atendem a diferentes interesses, Sacristán (1999) conclui:

As práticas escolares ultrapassam o âmbito da aplicação de modos de pensar, ou das teorias sobre educação as escolas que conhecemos com sua estrutura, seu funcionamento, suas práticas internas e o papel designado para seus agentes não são frutos maduro nutrido por uma filosofia concreta de educação e, sim, um produto histórico criado pela sedimentação e amálgamas de ideias diversas, interesses variados e práticas multiformes (SACRISTÁN, 1999, p. 148).

A escola precisa levar seu aluno a experimentar ativamente, para poder construir e reconstruir por si mesmo, aquilo que ele apreende, através do processo de assimilação e acomodação. Papert (2008), agrega essa teoria com sua concepção construtivista sobre a superação de que as crianças farão melhor descobrindo por si mesma o conhecimento específico de que precisam. Por esse motivo é preciso desenvolver a capacidade de aprender a aprender, como diria Papert (2008), “*matética*”; contemplando o máximo de aprendizagem com o mínimo de ensino. Neste sentido, é necessário entender a cultura onde se pretende desenvolver a prática pedagógica. Dentro deste mesmo consenso, Papert (2008, p. 54) enfatiza que, “na realidade, todo professor deveria ser encorajado a ir tão longe quanto possível ao sentido de desenvolver um estilo pessoal de ensinar”. Não existe uma maneira única de

ensinar, cada professor precisa usar suas ideias e não ficar atrelado ao um currículo imposto pelo governo; descobrir que precisa entender e aceitar que a todo o momento a educação está em constante mudança e ele precisa acompanhar essa mudança. Ainda assim, Fino (2008b) suscita que:

Só há inovação pedagógica quando existe ruptura com o velho paradigma (fabril), no sentido que Khun (1962) atribui à expressão ruptura paradigmática, e se cria localmente, isto é, no espaço concreto (ou virtual) onde se movem professores e alunos, um contexto de aprendizagem que contrarie os pressupostos essenciais do paradigma fabril (FINO, 2008b, p. 03).

Compreender, pois, que a veleidade da inovação é a sua adesão, e o compromisso com a qualidade da prática pedagógica, a qual precisa ter necessariamente, a conjuntura com sua função teórica. E simultaneamente, quando apoiada e agregada pela inovação, a educação adquire uma função mais atualizada suprimindo, ou pelo ao menos tentando suprir as necessidades da sociedade presente.

É importante identificar que mudanças se impõem em seu contexto e não são implementadas no rigor e urgência das demandas que se apresentam. Desta forma, se o mundo globalizado vive a era das constantes transformações, que trazem ao mesmo tempo incertezas, é preciso antever o futuro e estabelecer estratégias para se antecipar ao inesperado, superar desafios e alcançar objetivos. Toffler (1973, pp. 23-24), corrobora com a afirmação acima dizendo: “A aceleração da mudança altera radicalmente o equilíbrio entre as situações que nos são familiares e as situações novas. (...) O índice crescente do fluxo das situações novas passa por nós, complica grandemente a estrutura integral da vida”, fator que ele diz ser o principal responsável pelo sentido atordoante das dificuldades em relação à vida contemporânea.

A inovação pedagógica sugere mudanças, novas formas de concepções nas práticas de ensino e aprendizagem, materializando as práticas educativas que se apresentam como ideia principal, o desenvolvimento do educando partindo de suas possibilidades. As experiências pedagógicas proporcionam que o educando seja construtor de sua própria aprendizagem, desenvolvendo suas potencialidades, apenas com o auxílio de um professor, ou melhor, alguém mais experiente, e não mais sob seu direcionamento.

A Inovação Pedagógica é um processo de reflexão sobre antigos paradigmas que precisam mudar para se adaptar ao novo contexto não é induzida de fora, mas um processo de dentro, que implica reflexão, criatividade e sentido crítico e autocrítico (FINO, 2008a, p. 2).

A inovação requer, ainda, do professor, capacidade para atuar de forma dinâmica na implementação de uma prática pedagógica que considere os novos paradigmas educativos, os quais se encontram alicerçados na capacidade de reflexão, de construção de alternativas, que contribuam para solucionar os problemas sociais contemporâneos que tanto afligem a humanidade. De acordo com Sousa e Fino (2001), estamos perante “(...) um paradigma que caducou irremediavelmente. Está declarada a crise no velho paradigma fabril ” (SOUSA & FINO, 2001, p. 378). É necessário e urgente repensar a escola, como lugar de mudanças verdadeiramente efetivas, e que dê uma resposta eficaz às demandas que a sociedade atual precisa. Pensando desta forma, deixaremos de lado um passado sombrio, sortido de mazelas, e iniciaremos a construção de dias melhores para os sujeitos centrados no futuro de nosso país. Em um ambiente com pessoas capazes de adotar novos princípios, valores, técnicas, lidar criticamente com as transformações que são fundamentais para renovação; em um contexto assim definido, com certeza serão poucos agraciados os atributos da era industrial.

Assim, não basta mais apenas saber. A escola não é mais uma máquina de fabricar informações desconexas. É preciso mais do que nunca saber o que fazer com o saber. O conhecimento por si mesmo não representa mais um domínio suficiente do saber. Os saberes ultrapassam os limites das memorizações e dos raciocínios lineares, alcançando níveis mais elevados e subjetivos. Sua mobilidade nos diferentes setores da vida real, obriga o indivíduo a estar sempre conectado às exigências profissionais e sociais, em um mundo onde o trabalho e o estudo não estão mais limitados a espaços físicos.

Desta forma, inovar pedagogicamente, é ter por princípio a meta de ensinar de tal maneira, a produzir conhecimentos e mudanças, sendo responsável por romper o paradigma tradicional e ser capaz de aprender a aprender. Sendo assim, buscam-se meios de aprendizagens que valorizem a construção cognitiva do aprendiz, apoiada em suas próprias formulações e construções do mundo. Entretanto, afirmar que estruturas intelectuais sejam construídas pelos próprios alunos ao invés de instruídas pelo docente, não significa que elas sejam concebidas no vazio ou do nada. Pelo contrário, como qualquer construtor, o educando se adapta, para seu próprio uso, de instrumentos significativos do seu dia a dia, sugeridos pela cultura que o rodeia.

PARTE II – O ESTUDO

CAPÍTULO IV

O PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 A pesquisa qualitativa e o seu paradigma

“As pesquisas de campo de inspiração qualitativa realizam uma verdadeira “garimpagem” de ações, realizações e sentidos e estão interessadas acima de tudo com o vivido impregnado da cultura daqueles que os instituem” (MACEDO, 2010, p. 87).

Cada vez mais percebe-se a evolução de métodos que estudam as ciências. Esse desenvolvimento é perceptível em pequenas coisas em nossas vidas, porém esse foi um processo que se deu em um longo espaço de tempo. É importante destacar que esta é uma ação contínua e que novos métodos científicos estão sendo aperfeiçoados, numa busca constante de novas teorias do conhecimento. Segundo Koche (1997), durante a idade média, a metodologia e os métodos científicos surgiram na tentativa de organizar as formas de pensar para se chegar ao meio mais adequado de conhecer tudo e todos que nos cercam. Muitos cientistas foram perseguidos pela Igreja, e somente no final do século XIX, o conhecimento científico passou a ser referência em estudos metodológicos, e a partir de então, a pesquisa científica começou a ser respeitada em todas as áreas do conhecimento; passando a ter uma importância fundamental. Augusto Comte na sociologia; Karl Marx na Economia; Charles Darwin revolucionou na Antropologia, entre outros, contribuíram para que a ciência passasse a assumir uma posição mais definida diante dos esclarecimentos dos fenômenos, e a pesquisa qualitativa deve seu papel importante para realização desses estudos.

A pesquisa qualitativa, ganha significados diferentes, pois tenta traduzir e expressar as observações feitas no mundo real, é direcionada ao longo do seu desenvolvimento e dela faz parte a descrição direta do contato interativo do pesquisador com a situação e o objeto de estudo. Os métodos qualitativos têm um papel importante no campo das investigações e podem ser classificados no mínimo em três diferentes possibilidades de abordagem: o estudo documental, o estudo de caso e a etnografia. Segundo Bogdan e Biklen (1994), cada uma tem suas características próprias, que são extremamente importantes de acordo com a escolha do estudo a ser realizado.

Vejamos algumas características das abordagens apresentadas:

O estudo documental, possibilita a averiguação de material e podem ter uma interpretação nova ou complementar, sendo fonte propícia para uma investigação que dure muito tempo. Já o estudo de caso, visa o estudo detalhado de um ambiente, de uma pessoa ou situação, buscando aprofundar nos detalhes. E por fim, o estudo etnográfico, no qual o

pesquisador envolve-se diretamente com o objeto de estudo e o uso de técnicas de observação. Dentro dos métodos qualitativos citados, o etnográfico tem se destacado como um dos mais importantes, conforme enfatizou (SPRADLEY, 1979 apud FINO, 2008b, p. 1),

A etnografia de ser entendida como a descrição de uma cultura, que pode ser a de um pequeno grupo tribal, numa terra exótica, ou a de uma turma de uma escola dos subúrbios, sendo a tarefa do investigador etnográfico compreender a maneira de viver do ponto de vista dos nativos da cultura em estudo.

Portanto, para estudar a prática pedagógica que se desenvolve no âmbito do Projeto Ágape, a etnografia assume claramente como uma abordagem indicada, pois apresentam muitas características que facilitaram o desenrolar de minha pesquisa, como:

- É aberta a mudanças e refinamento conforme a coleta de dados, ou seja, é interativa;
- Envolve um trabalho de campo;
- Combina métodos como a observação e entrevista não estruturada;
- Enfatiza o processo daquilo que está ocorrendo e não o produto ou resultados finais;
- Tem objetivo de ser exploratória e não avaliativa;
- Tem como foco descobrir o ponto de vista do indivíduo, preocupando-se com o significado, com a maneira com que as pessoas veem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que o cerca;
- Os dados são mediados pelo instrumento humano, o pesquisador.

Ao longo da história da pesquisa científica, a abordagem etnográfica foi ganhando espaço cada vez mais importante. Segundo Ludke e André (2005), inicialmente, a pesquisa etnográfica possuía caráter histórico, restringindo-se à investigação da cultura de diferentes civilizações, através da análise dos instrumentos, os quais eram obtidos por peregrinos e analisados pelos até então denominados etnógrafos. A investigação se restringia apenas a observação de objetos, não levando em consideração as relações interpessoais, comportamento e pensamento humano. Mais tarde, a etnografia ganhou outros espaços, tornando-se presente desde a investigação da cultura para fins jornalísticos, ao estudo do comportamento humano, com o intuito de abstrair o significado de símbolos, para compreender e interpretar as atitudes das pessoas e como elas direcionam o seu modo de viver.

A atribuição do rótulo de sociedade do conhecimento, no final do século XX e início do século XXI, impregnou fortemente no processo decisório nas ações humanas. Hoje o conhecimento é visto como algo que está sendo continuamente revisto, reconstruído. A pesquisa etnográfica surgiu no final do século XIX, quando os pesquisadores perceberam que o seu olhar e o seu trabalho de campo eram imprescindíveis no processo de pesquisa, como uma forma de compreender e descrever de forma mais densa os contextos culturais, o modo de vida das pessoas e dos grupos sociais a que pertencem.

Etmologicamente falando, a palavra etnografia, deriva da união de dois vocábulos gregos: *ethnos* – que significa povo, e *graphein* – que significa grafia, escrita, descrição, ou melhor, estudo escrito. Logo, a etnografia é o estudo descrito de um povo. Sendo também, uma das várias ciências que auxiliam a antropologia. Ferreira (1986, p. 409), define etnografia como: “estudo e descrição dos povos, sua língua, raça, religião e manifestação, material de sua atividade; descrição da cultura material de um determinado povo”. Sendo assim, entendo etnografia como a descrição de determinados aspectos da cultura sem que se faça juízo de valor. Corroborando, André (2008, p. 29) conceitua etnografia como sendo a “descrição da cultura prática, hábitos, costumes, valores, linguagens, significados de um grupo social e tem por objetivo a descoberta dos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade”.

A etnografia é uma técnica já usada pelos antropólogos, na qual consiste no estudo da realidade em que está inserido o objeto de estudo, possibilitando que os diversos elementos sociais existentes sejam analisados, buscando compreender a realidade e como essas são organizadas no âmbito sociocultural.

Caracteriza essa abordagem a disponibilidade das informações suscetíveis e dos seres consultados (documentos, áudios, vídeos, transição integral); a exaustividade de tratamento das informações, transformando-se num meio de luta contra a tendência de limitar a exploração de elementos favoráveis às hipóteses dos pesquisadores; a convergência dialética entre pesquisadores e participantes sobre a visão dos conhecimentos, na medida em que os pesquisadores garantem que há identificação entre as estruturas que descobrem nas ações e aquela que orienta os participantes nessas ações (MACEDO, 2000, p. 148).

Não há resultado pronto e acabado; não há verdades inquestionáveis; não há procedimentos de investigação indiscutíveis. Compreender tudo o que está em volta, requer conhecimento e pesquisas, as quais exigem do pesquisador um olhar apurado e sensível, capaz de superar limites e enxergar o que os olhos não veem. Nesse sentido, para qualificar um

fenômeno, buscar-se-á interpretar e nunca mensurar a realidade, a qual se apresenta extremamente ativa e dialética.

4.2 A etnografia, razões de uma escolha consciente

A escolha da metodologia de pesquisa, surgiu a partir da necessidade de compreender através de diferentes técnicas interpretativas que procuram descrever e descodificar os componentes de um sistema complexo de significados, tendo em vista verificar o significado dos fenômenos sócio educacionais que ocorrem na turma de Educação Infantil de 4 e 5 anos do Projeto Ágape. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com uma abordagem etnográfica, apropriada para desvelar tudo o que ocorre no meio em que o objeto de pesquisa está inserido. Essa convicção é legitimada por Fino (2008, p. 3), quando acolhe que “não será tão controverso, pelo menos a esta luz, propor a etnografia como forma de estudar as práticas pedagógicas para de decidir se serão inovadoras”. Determinar se as práticas pedagógicas desenvolvidas pela professora da turma observada, representam mudanças, enquanto ruptura paradigmática tradicional, requer uma observação sistemática dessas práticas cotidianamente.

Considerando a pesquisa de campo e o contexto social da mesma, a etnopesquisa foi guiada pelo meu senso crítico, e o mesmo não seguiu um padrão rígido ou pré-determinado. Pois como afirma Macedo (2010, p. 37), “a atividade prática vai modificando constantemente os lugares e seus significados, marcando e renomeando, acrescentando traços novos e distintos, que trazem valores novos”. Desta forma, ter um olhar apurado, visando interpretar tudo que rodeia a cultura observada é de suma importância.

O método etnográfico utiliza a pesquisa de forma diferente dos métodos tradicionais. No método tradicional, geralmente, os problemas sociais são vistos e tratados de forma superficial, por meio da condução de objetos independentes, das opiniões e das crenças de diferentes sujeitos. O método etnográfico parte do princípio de que é impossível que a realidade seja totalmente apreendida; entretanto, tem como prelúdio a busca exaustiva do conhecimento por meio da interação entre o discurso e o comportamento das pessoas, e as observações do pesquisador sobre cada detalhe que compõe os ambientes físicos e sociais pesquisados. Por este método etnográfico, obtêm-se “o conhecimento de conhecimentos e atividades que não são diretamente observáveis”, ou “procura-se saber como o fato ocorreu e como foi percebido pelo informante e por outras pessoas” (LAPASSADE, 2005, p. 79). O

estudo etnográfico proporcionou-me adentrar no contexto sociocultural dos meus informantes, aferindo seus valores, comportamentos, crenças e visões do mundo.

Na pesquisa qualitativa o aspecto subjetivo é extremamente importante, tendo seu foco na descrição da cultura de um grupo social. O pesquisador etnográfico precisa participar e observar por um período os cenários que serão estudados, buscando a integração do pesquisador de forma efetiva no cotidiano de objeto de pesquisa. É relevante destacar que esse tipo de pesquisa, permite chegar mais perto do ambiente pesquisado, possibilitando entender como funcionam os mecanismos que influenciam a cultura local.

A princípio adentrar no ambiente a ser observado é a melhor forma de compreender, e analisar o objeto de estudo, pois para entender o comportamento humano, é necessário interpretar e considerar as relações que influenciam os sentimentos, pensamentos, e as ações. Desta forma a etnografia surge como caminho para se estudar o ser humano de forma ampla, em sua cultura em qualquer momento, lugar ou situação.

Intencionando esclarecer as bases etnográficas, Macedo (2012), ressalta que:

A forma de rigor que se exercita implica em um mergulho contextualizado e crítico nos significantes da realidade pesquisada e no exercício daquilo que os fenomenólogos chamam de apoché, ou seja, uma preparação refinada para construir distanciamos, em que o trabalho de suspensões dos pré-conceitos, mesmo que provisoriamente, torne-se uma tarefa dura, mas ineliminável em termos de aprendizagem de pesquisa e compreensão de certa realidade (MACEDO, 2012, pp. 90-91).

A prática da etnografia, supõe a imersão na cultura estudada, no qual fiz uso de instrumentos e técnicas como entrevista não estruturada, fotos, coleta de documentos, observação participante, entre outros. A partilha de espaços, costumes, artefatos, linguagem, tem como meio privilegiado a de coleta de dados a partir da observação participante, que segundo Lapassade (2005, p. 69), a define como sendo “aquela em que o observador nota, observa ao vivo as pessoas, compartilhando de suas atividades”. Neste tipo de investigação o sucesso depende muito da conduta do pesquisador. Uma vez que as ações de observação, a descrição e a análise se constituem elementares para a compreensão do estudo. Algumas qualidades são importantes para que o pesquisador tenha êxito em seu trabalho, como: ser tolerante diante das situações, ser sensível, ser empático e possuir habilidade na expressão escrita. Como nos auxilia Fazenda (2002), a descrição rica e detalhada do autor social, por meio dos valores cultivados, das crenças, em seu ambiente cultural, presente em trabalhos de modalidade etnográfica, é bastante significativa como indicador para a elaboração de intervenções educacionais.

De acordo com Sabirón:

A etnografia, como método de investigação originária da antropologia, esgotava-se numa realidade estritamente descritiva, e a etnografia escolar, nessa mesma linha, seria uma mera descrição da cultura escolar. A Etnografia da Educação, investigando de e sobre instituições, grupos e organizações sociais, supera a estrita dependência descritiva, ao ser entendida como devedora de um foco pluridisciplinar, uma vez que é pluridisciplinar o saber disponível, sobre essas instituições, grupos e organizações (SABIRÓN, 2001 apud FINO 2008b, p. 03).

Na realização de uma pesquisa etnográfica, o pesquisador deve estar munido de proficiência para um trabalho que, apesar de parecer simples, requer discernimento, habilidade e sensibilidades. O etnógrafo ao inserir-se no campo, deve observar e descrever minuciosamente tudo que capta por meio de todos os sentidos. Mas afinal, o que escrever? Recorremos aqui ao antropólogo Darcy Ribeiro (2006, p. 25), que responde de forma mais simples: “Meus diários são anotações que fiz no dia a dia, lá nas aldeias, do que via, do que acontecia (...)”. Observar e registrar com atenção tudo o que é perceptível aos olhos e ao coração. Como suscita Macedo (2000, p. 58) para o “etnopesquisador crítico dos meios educacionais, o autor social é condição irremediável para construção do conhecimento nos âmbitos das práticas educacionais”. As formas de construção do conhecimento originadas da vida cotidiana escolar são significativas para pensar e repensar a prática pedagógica, e é através dela que se caracteriza a práxis educacional onde se constituem ações as quais são inspiradas do fazer pedagógico.

Assim, neste trabalho, escolhi a pesquisa etnográfica, por entender que é nela que se amplia o debate epistemológico e a reflexão sobre as especificidades socioculturais; vinculando as trocas de experiências num diálogo direto entre pesquisador e o objeto observado, no qual verifiquei se realmente acontece aprendizagem nas ações ditas inovadoras desenvolvidas dentro do Projeto Ágape. A escolha dessa abordagem de pesquisa etnográfica se faz necessária, pois permitiu-me compreender de forma ampla o universo a ser pesquisado, sem perder de vista a complexidade das relações estabelecidas, e a partir da análise, observar detalhadamente a prática pedagógica desenvolvida pela professora.

Diante da natureza do estudo, a pesquisa qualitativa me auxiliou na obtenção de dados relevantes que permitiram compreender a complexidade das questões pedagógicas da educação, pois de acordo com Borgdan e Biklen (1994, p. 13): “A pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos obtidos no contato direto do observador com a situação estudada e enfatiza as perspectivas dos participantes”. Somente assim, através do convívio e da interação, foi possível entender a realidade observada.

4.3 Instrumentos e técnicas de recolha de dados

Para verificar se as práticas pedagógicas desenvolvidas no Projeto Ágape têm promovido a ruptura do paradigma fabril e gerado alternativas inovadoras mediante a realidade atual, utilizarei os seguintes instrumentos e técnicas, durante a pesquisa: observação participante, diário de campo, fotos, entrevistas não estruturada, coleta de documentos da referida ONG, além de todo e qualquer artifício que me auxilie a circunscrever toda a investigação e os fatos que serão extraídos, e que surgirão naturalmente dos encontros com os autores sociais.

Com o intuito de melhor compreensão dos instrumentos e das técnicas utilizadas, elucidarei como utilizá-la e a sua importância para a pesquisa.

4.3.1 Observação participante

Essencialmente a pesquisa etnográfica, é uma técnica que foi assumida, neste estudo, como o elemento para olhar atentamente todas as circunstâncias em plena interação cotidiana. Lapassade (2005, p. 69) expõe que:

Os dados coletados, ao longo dessa permanência junto das pessoas, provêm de muitas fontes e, principalmente, da “observação participante” propriamente dita (o que o pesquisador nota, “observa” ao vivo com as pessoas, compartilhando de suas atividades), das entrevistas etnográficas, das conversas ocasionais de campo, do estudo dos documentos oficiais e dos documentos pessoais.

Com o intuito de situar historicamente o leitor, busquei primeiramente discorrer sobre a origem e importância da observação participante. Introduzida pela Escola de Chicago, nos anos 1920, foi severamente criticada pelos pesquisadores experimentais, e renegada por décadas. A técnica de observação participante caiu no esquecimento por muitos anos, e só então novamente introduzida no meio acadêmico por volta de 1990, sendo, a partir de então, considerada um procedimento pelo qual a sintonia da teoria com a prática se unem, para a implementação e transformação do meio pesquisado. Na observação participante, tem-se a oportunidade de unir o objeto ao seu contexto. Com o intermédio da observação participante, o pesquisador analisa a realidade social que o rodeia; só assim, é possível observar o conjunto de regras formuladas ou implícitas nas atividades dos componentes de um grupo social.

Lapassade (2005, p. 29), argumenta que nas abordagens qualitativas, o estudo de um pequeno grupo, no máximo de uma instituição, “os investigadores devem tornar-se não somente observadores participantes, mas também atores participantes”. Macedo (2010), ainda completa que:

A observação participante é significativa, na medida em que determinadas concepções de investigação pleiteiam participações densas, no sentido de uma intensa impregnação do pesquisador pelas práticas dos atores e pelo contexto onde edificam suas instituições (MACEDO, 2010, p. 92).

Embora toda observação necessite de um plano previamente ordenado, é na observação participante que o pesquisador assume um “conhecimento de membro” e, ao mesmo tempo, sistematiza os distintos aspectos da investigação. Concordando com essa ideia, Emerson; Fretz e Shaw (2001). In Waller & Pfaff (2010, p. 257) defendem que:

Na observação participante, a obtenção do acesso a um determinado campo social por parte do pesquisador, exigindo que se apresente como pesquisador ao campo e a seus atores individuais com o objetivo de encontrar sua posição entre eles, selecionar situações e fenômenos, estruturar as próprias observações, e, por último, relatar as observações de uma forma adequada aos problemas de pesquisa.

Essa técnica permite ao pesquisador descrever e simultaneamente compreender a maneira como os indivíduos interatuam no contexto social. Enquanto observa, ele experimenta as mesmas vivências, implicando o que Lapassade (2005, p. 70) considera a “capacidade de ver as “coisas” desde dentro”. A observação participante ainda deve levar em consideração o limite da participação que se empreenderá no próprio trabalho de campo. Contudo, a circunstância da participação depende “de características pessoais, uma vez que o sexo, a idade ou o pertencimento étnico-racional podem exercer um forte impacto sobre as relações entre o pesquisador e os sujeitos investigados. ” Não obstante, a observação pode padronizar o “comportamento com questionários preparados e protocolos de observação” ou então ela pode configurar-se em cenário que está “completamente aberto a escolhas situacionais do pesquisador. ” (WALLER & PFAFF, 2010, p. 258). Esse contexto indica que tanto a observação como seus registros narrativos representam importantes e eficazes instrumentos que embasam o bom desempenho e a eficácia do trabalho etnográfico.

No caso concreto desta investigação, a observação participante decorreu a partir da minha estadia no Projeto Ágape, que aconteceu entre os meses de abril, maio e junho de 2016, sempre em dias alternados, tendo como enfoque principal a observação da prática pedagógica mediada pelas professoras com a turma de alunos de 4 e 5 anos do Projeto Ágape. Me tornei

membro ativo das atividades desenvolvidas na instituição. Essa técnica foi assumida, neste estudo, pelo fato de ser através dela que obtive maior abertura junto à malha social da instituição pesquisada. Desta forma, percebi que um dos princípios da observação participante é agregar o observador à sua observação, e o conhecedor ao seu conhecimento.

4.3.2 Diário de Campo

Trata-se de um valioso instrumento, utilizado na investigação, para registrar dados susceptíveis à interpretação. Estevam (2012, p. 1) salienta que o diário de campo “tem como objetivo registrar, em tempo real, atitudes, fatos e fenômenos percebidos no campo de pesquisa”. É, portanto, um instrumento que sistematiza as experiências para posteriormente proporcionar a análise dos resultados.

Os primeiros diários surgiram tanto no Japão quanto na Europa, em meados do século X. Pelo fato das habilidades de escrita nesta época serem restritas, os primeiros diários foram inicialmente redigidos por membros da alta corte – como o caso da corte japonesa ou e por outros países cujo idioma predominante era o inglês. Quando aconteceu a expansão do uso da escrita e a evolução dos meios técnicos, os depoimentos escritos regularmente com índole pessoal também se ampliaram. “Assim, somente por volta do século XVII, vários documentos desse tipo foram criados, não apenas por nobres e religiosos, mas por arquitetos, cientistas e outros” (ALASZEWSKI, 2006 apud ZACCARELLI; 2010, p. 1). Neste caminho de buscas, compreendemos que a prática do diário de bordo ou diário de campo, como instrumento de registo de informações e de discernimento na pesquisa científica ainda é recente, mas muito importante na realização e na construção de qualquer pesquisa.

O diário de campo, ou de bordo, se resume nas anotações que se fazem das impressões adquiridas a partir das observações realizadas em convívio presencial com os autores sociais pesquisados. É através do diário de campo, que segundo Macedo (2010, p. 110), se pode agregar “a implicação do pesquisador, com maneiras diferentes de como ele percebeu a pesquisa ao longo do processo de investigação, sobre a negociação de acesso ao campo, sobre a evolução dele ao longo dos estudos, sobre os erros e fracassos”. Portanto, é um instrumento auxiliar da memória, para que não se percam oportunidades de interpretar ocorrências importantes.

A recolha de notas de campo, se transformou num diário de campo, no qual procurei registar todas as observações, impressões, dúvidas, questionamentos, intuições, espantos, que surgiram ao longo da investigação. O diário de campo materializou-se em uma pasta de computador, na qual fui transcrevendo, com a regularidade possível, o que fora recolhido e escrito num pequeno caderno, que nos últimos dias tornou-se meu companheiro, quase que inseparável. Coube a mim enquanto pesquisadora, apontar, em meu diário, tudo o que observei no cotidiano da investigação de campo para depois analisar e estudar o processo e o objeto observado. Hess (1996, p. 80) afirma que “a escrita do diário permite coletar de vez em quando no vivido do dia a dia, “instantes” que se vivem e que nos parecem trazer neles uma parte de significado”. Todavia, o que se extrai do diário de campo pode não representar a realidade em si, porém a óptica de quem investiga o fenômeno.

No meu caminho de buscas e escolhas, vale apenas apreciar as aproximações feitas por Macedo, quando aponta a importância do diário de campo, quando enfatiza que:

Além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista (MACEDO, 2010, p. 134)

Macedo (2010) deixa claro, sobre a importância deste instrumento, pois sei que é necessário registar tudo que acontece em nossa volta, para que os mínimos detalhes não sejam esquecidos. Neste estudo, o Diário de Campo foi desenvolvido por uma escrita descritiva, onde todas as referências (datas, horários, locais observados) representaram ricos elementos para a reflexão, captação de ideias e fatos do cotidiano para a construção da pesquisa. Contudo, as informações coletadas, durante nossa permanência no campo da investigação, foram registradas no Diário de Campo, o qual se encontra no Apêndice 7 deste estudo.

4.3.3 Entrevista etnográfica

Uma ferramenta extremamente significativa, para se ter êxito em uma pesquisa etnográfica, é a entrevista etnográfica, pois é aquela em que é deixado ao entrevistador decidir-se pela forma de construir a resposta. Em uma etnografia essa simples função de coleta de dados atua como recurso poderoso na captação e na construção de sentidos da realidade pesquisada. Visto que, esse tipo de entrevista assume comumente uma estrutura flexível, mais

aberta e se inicia em momentos imprevisíveis e inesperados, no qual transformei simplesmente uma situação numa entrevista. Macedo (2010), discorre sobre esta temática definindo que:

(...) a entrevista etnográfica é flexível, mas também coordenada, dirigida e, em alguns aspectos, controlada pelo pesquisador, portanto se trata de um instrumento com um objetivo visado, projetado, relativamente guiado por uma problemática e por questões, de alguma forma, já organizadas na estrutura cognitiva do pesquisador (MACEDO, 2010, p. 105).

A entrevista etnográfica também foi uma técnica investigativa utilizada neste estudo, por entendermos sua grande contribuição e seu valor para a natureza deste trabalho. Embora Pfaff (2010) reconheça a importância dos diferentes tipos de entrevistas nas pesquisas qualitativas, Bogdan e Biklen (1994, p. 43), apontam que as entrevistas etnográficas apresentam-se como o tipo adequado de entrevista, já que é compreendida “por ser uma relação ocasional entre pesquisador e sujeito assim como uma particular extensão e abertura da entrevista”. Contudo, o contato entre o pesquisado e o pesquisador deve realçar certa familiaridade, para que ela possa colaborar e entender que os próximos passos devem pautar-se na problemática da investigação e no campo do estudo.

Como caracteriza Lapassade, (2005, pp. 69-70),

Os dados coletados, ao longo da permanência junto as pessoas, provêm de muitas fontes; o pesquisador nota, observa ao vivo com as pessoas, compartilhando de suas atividades, das entrevistas etnográficas, das conversas ocasionais de campo, estudos dos documentos oficiais e dos documentos pessoais. O observador participante vai se esforçar em adquirir um conhecimento de membro. Vai tentar identificar os motivos que os membros tinham para fazer o que fizeram estabelecer o que seus atos significam para eles mesmos naquele momento.

Sob esta visão, durante o processo da pesquisa etnográfica, procurei descrever tudo o que envolveu a instituição pesquisada: localidade, espaço físico, materiais utilizados, formação dos professores e ou voluntários envolvidos no desenvolvimento das atividades, alunos, recreio, pátios, festas, público-alvo, projetos desenvolvidos, participação da comunidade e outros aspectos que fizeram parte do cenário. Optei pela entrevista etnográfica, durante a pesquisa realizada na Instituição Projeto Ágape, por mim conceder total liberdade, visto que as entrevistas aconteceram de formas espontâneas e descontraídas, durante as conversas informais que foram surgindo no decorrer de minha estada em campo. As “conversas entrevistas”, aconteceram em diversos locais da Instituição, como: sala da diretora, sala de aula, parquinho, portão de entrada da Instituição, etc. As conversas se deram de forma natural e descontraída, sem esquecer a ética no decorrer das visitas e entrevistas. Como é

sabido, o desafio ético é, nesse sentido, um instrumento indispensável nessa técnica, pois se relaciona à segurança do anonimato do entrevistado.

Com a finalidade de sistematizar as entrevistas, construir um guião de questões a serem postas aos autores sociais envolvidos, para que pudesse nortear o estudo e não perdesse de vista o objetivo da pesquisa. Quivy e Campenhoud (2005, p. 193), indicam que o guião é suporte “no qual se incluem uma série de ideias que devem ser conduzidas de forma aberta e flexível”. A organização do guião objetivou buscar informações concretas a respeito de como o Projeto Ágape tem criado ambiente inovador capaz de ressignificar a aprendizagem dos alunos.

Descrevi detalhadamente tudo o que foi observado, e desta forma o leitor se sentirá no local da pesquisa. Pois como afirmam Bogdan e Biklen (1994, p. 47), “os investigadores introduzem-se e despendem grandes quantidades de tempo em escolas, famílias, bairros, e outros locais tentando elucidar questões educativas”. Portanto, procurei ser clara e objetiva durante todo o percurso de observação e registo do objeto em estudo.

Como evidencia Macedo,

De nada adiante produzir pesquisa qualitativa qualificada sem que seus efeitos possam trazer modificações expressivas em seu meio de atuação. Uma pesquisa qualitativa, então, só faz sentido quando sua força constituída provoca mudanças no meio de sua atuação, seja através da simples leitura de publicações, seja pela assimilação metodológica de seus elementos expressivos, que podem dar margem a novas formações conceituais, metodológicas de técnicas (...) (MACEDO, 2009, p. 37).

Os detalhes foram imprescindíveis e ao mesmo tempo indispensáveis para descrever o fenômeno, sem desagregar a experiência, nem prejudicava realidade de tal fenômeno, que finalmente irão compor as sínteses e conseqüentemente a conclusão, oferecendo assim, muito mais credibilidade à etnopesquisa.

4.4 O local da pesquisa

E nos campos formosos de outrora, entre serras, agora brilhantes, a cidade é um presépio onde aflora, muita gente de terras distantes.

(Trecho do Hino de Campo Formoso).

Município Brasileiro, localizado no semiárido Nordeste, mais especificamente na região norte do Estado da Bahia, Campo Formoso está situada a 400 km de distância de

Salvador, capital do estado, e conta com uma população estimada em 2015, em 72.271 habitantes, segundo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística); deste total de habitantes 63% vive na zona, e rural e 37% na zona urbana.



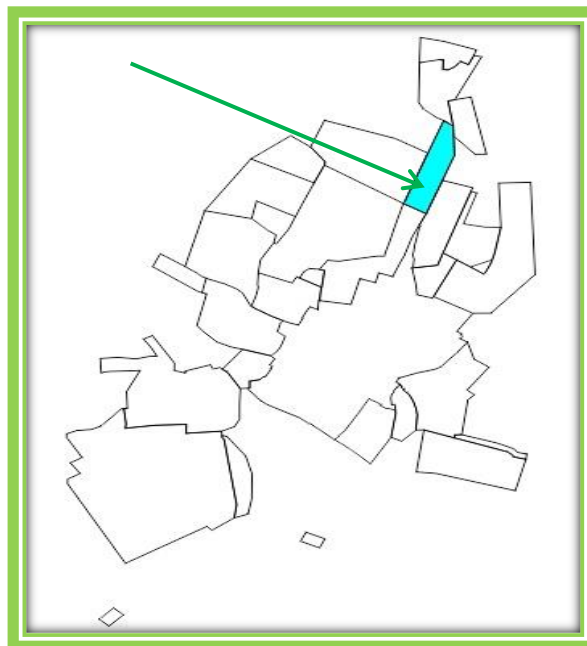
Figura 4: Localização do Município de Campo Formoso BA.

Fonte: Google.

A cidade de Campo Formoso está situada em um local em que nos seus tempos primórdios, era uma região povoada por indígenas. Os missionários da Companhia dos Jesuítas incumbidos em catequizar os silvícolas da região, prestaram aos primeiros habitantes assistência espiritual e orientaram também na vida secular. Os religiosos contribuíram decisivamente para a crescimento e prosperidade da povoação que aí se formou.

Os portugueses, nossos primeiros colonizadores, escravizaram os índios que aqui existiam. Mas em compensação foram responsáveis pela belíssima arquitetura das casas e principalmente da igreja, a qual tem como padroeiro um Santo Português, nascido em Lisboa, denominado Santo Antônio, o santo casamenteiro. Campo Formoso também é conhecida como cidade das esmeraldas, por possuir em seu solo, esmeraldas de excelente qualidade, em comparação com outros garimpos de esmeraldas do Brasil; além da economia que gira em torno do comércio de pedras preciosas, a cidade conta com empresas de extração de minério de ferro e a produção de cimento. Também possui a maior gruta do hemisfério sul, com mais de 120 km de galerias mapeadas, denominada Toca da Boa Vista, auxiliando também no potencial turístico e econômico da cidade.

Figura 5: Mapa dos bairros da Cidade de Campo Formoso-BA.



Fonte: JAR Engenharia.

O local da pesquisa é o Projeto Ágape, localizado no município supracitado, em uma casa alugada, situada na Avenida Manoel Bandeira, nº 392 – Bairro Santa Luzia. (Bairro em destaque no mapa a cima). O Projeto Ágape, funciona é uma instituição sem fins lucrativos, que foi fundada em 24 de novembro de 2005, tendo como principal entidade mantenedora a Primeira Igreja Batista desta cidade, dando assistência psicológica, social, afetiva, cognitiva, completando com atividades educativas diferenciadas das apresentadas pela escola formal.

As crianças atendidas na instituição são recebidas as 7 h 30 min., recebem o fardamento, se alimentam, e em seguida realizam atividades educativas seguidas de recreação em ambiente amplo, limpo e organizado. Após o almoço algumas são encaminhadas à escola regular por seus familiares. Aquelas que são menores de 3 anos, permanecem nas dependências do Projeto até as 16 hs, momento em que retornam para seus lares com os pais ou seus responsáveis.

A ONG, Projeto Ágape, atende nos dois turnos, matutino e vespertino, cerca de 70 crianças matriculadas na faixa etária compreendida entre 1 a 7 anos. Todas frequentando assiduamente. Contando com um número aproximado 150 crianças que se enquadram no perfil de atendimento do projeto, mas não estão matriculadas devido à limitação de recursos financeiros para atender a essa demanda. O perfil sócio econômico das famílias das crianças é classificado como classe baixa. A maior parte destas famílias sobrevivem de renda mínima oriunda de subempregos. Outra parte depende de programas assistencialistas do Governo Federal com por exemplo: o Bolsa Família.

Quanto ao espaço físico, possui amplas instalações: 4 salas; 1 sala para reuniões, 1 secretaria, 1 cozinha, 2 banheiros, área externa espaçosa. Desenvolve suas atividades com o uso de equipamentos diversos: TV, DVD, micro system e outros recursos didáticos convencionais. A Diretoria do Projeto Ágape é composta de um presidente, um vice-presidente, um primeiro e um segundo secretário, um primeiro e um segundo tesoureiro, com mandato de 03 (três) anos.

4.5 Os Sujeitos da pesquisa

A seleção dos sujeitos para realização de uma pesquisa com abordagem etnográfica, é ao mesmo tempo instigante, agradável e desafiadora. Visto que, é necessário ao pesquisador ter um olhar apurado, para observar toda e qualquer reação por parte dos sujeitos observados, e tudo que permeia o seu entorno. Os sujeitos que participaram da pesquisa foram as professoras e alunos da turma de 2º período, do turno matutino do Projeto Ágape.

4.5.1 As Professoras

As primeiras pessoas selecionadas para a pesquisa foram as professoras da turma de 2º período, e Diretora do Projeto Ágape. Tanto a PT (Professora da Turma), quanto PA (Professora Auxiliar), estão a cursar Pedagogia, com Licenciatura para as séries iniciais, com complementação em Educação Infantil. Ambas atuam há 5 anos na área educacional, e trabalham exclusivamente no Projeto Ágape. Antes de se tornarem professoras no Projeto, elas faziam apenas os serviços domésticos de suas casas e cuidavam dos filhos. Quando iniciaram a trabalhar, convidadas pelo Pastor da Primeira Igreja Batista, tinham apenas terminado já alguns anos atrás o curso de magistério. Ao ingressarem no Projeto, e passado algum tempo convivendo diariamente com crianças, sentiram a necessidade de uma formação mais consistente. Já a Diretora do Projeto Ágape, aqui identificada como DPA, é professora concursada da Prefeitura Municipal de Campo Formoso, há 17 anos. É graduada em Pedagogia, com especialização em Gestão e Coordenação Escolar, e Pós-graduada em Psicopedagogia. Também por ser membro da Igreja, já citada anteriormente, e ter experiência na área educacional, foi convidada pelo Pastor da Igreja para fazer parte da equipe do projeto. As três participantes da pesquisa são casadas, com idades que variam entre 32 a 43 anos.

Vejamos a tabela abaixo:

NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	FORMAÇÃO
PT (Professora da Turma)	43	Casada	Magistério (Cursando Pedagogia)
PA (Professora Auxiliar)	32	Casada	Magistério (Cursando Pedagogia)
DPA (Diretora do Projeto Ágape)	38	Casada	Pedagoga, Especialista em Gestão e Coordenação, Psicopedagoga

Tabela 1: Identificação das professoras pesquisadas.

Fonte: Desenvolvido pela pesquisadora.

4.5.2 Os alunos

Não poderia deixar de observar as professoras, sem observar o cotidiano dos alunos da turma do 2º período do turno matutino. São 20 crianças, sendo 12 meninas e 8 meninos, que estão na faixa etária de 4 e 5 anos, e todas são oriundas de famílias pouco favorecidas economicamente, moradoras de bairros periféricos da cidade de Campo Formoso. Das 20 crianças, 15 saem do Projeto às 11:30 hs, com seus pais ou responsáveis, vão para casa e depois são levadas para a escola regular no turno vespertino. Enquanto, 5 crianças ficam no Projeto até 13:00 hs, pelo motivo dos pais não poderem buscá-las às 11:30 hs, devido a distância entre trabalho e Projeto Ágape, elas são encaminhadas por responsáveis, diretamente para a escola que necessitam frequentar no turno oposto.

4.6 Análise dos dados, técnicas e procedimentos

Para muitos autores interpretar e analisar dados, é uma tarefa extremamente árdua. Mas, também é de conhecimento dos pesquisadores que em uma investigação qualitativa, analisar e interpretar dados é uma tarefa indispensável para dar base a sua pesquisa e construir resultados significativos. Após a coleta dos dados, iniciei a organização e análise das informações recolhidas no campo investigativo. Em seguida, foi feita a interpretação de todo

material coletado, de modo que ele, juntamente com as leituras teóricas, pôde fundamentar a interpretação final desse estudo.

A análise de dados é o processo de busca e organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspetos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros (BOGDAN & BIKLEN,1994, p. 205).

No caso desta pesquisa, o percurso da investigação e as categorias foram surgindo naturalmente, nada condicionado ou pré-estabelecido. A pesquisa de campo foi desenvolvida no primeiro semestre de 2016, no período de abril a junho. A estada em campo, foi realizada em 14 visitas, sempre no turno matutino, em dias alternados. Para compreender como as experiências educacionais vivenciadas dentro da Instituição Projeto Ágape seriam capazes de romper o paradigma fabril e, ainda assim, promover a aprendizagem de forma inovadora, busquei informações, através das observações participantes, das entrevistas não estruturadas, das fotografias, e isto aconteceu em diversas áreas da instituição, desde o portão, com a chegada das crianças, a sala de aula, secretaria, cozinha, parquinho, horta, entre outros; ou seja, as informações foram adquiridas durante toda a minha estada, em todos os ambientes da instituição pesquisada, e a medida que a investigação decorria, tudo era prontamente anotado no diário de campo. E pretendo expor as características e especificidades deste grupo de forma clara e objetiva.

Na tabela abaixo, verificaremos como aconteceu a minha estada durante o período de visitas realizadas na instituição pesquisada:

DATA	LOCAL	SITUAÇÃO VIVÊNCIADA	DURAÇÃO
04 / 04 / 2016	Portão, secretaria e sala de aula.	Entrada das crianças, início sala de aula.	2 h e 15 min.
05 / 04 / 2016	Sala de aula.	Hora do Lanche.	1 h e 20 min.
06 / 04 / 2016	Parquinho.	Brincadeira ao ar livre.	30 min.
07 / 04 / 2016	Banheiro e sala de aula.	Asseio, banho e almoço.	1 h e 25 min.
14 / 04 / 2016	Sala de aula, sala da direção.	Hora do culto, Momento do cafezinho, bate papo com a diretora.	3 h.

15 / 04 / 2016	Sala da direção.	Bate papo com a diretora.	3 h
19 / 04 / 2016	Sala de aula.	Aula do dia.	3 h e 10 min.
28 / 04 / 2016	Sala de aula.	Aula do dia.	4 h e 25 min.
06 / 05 / 2016	Sala de aula.	Comemoração do dia das mães.	3 h
12 / 05 / 2016	Sala de aula.	Aula do dia.	2h e 50 min.
18 / 05 / 2016	Área externa.	Observação da área externa.	2 h.
19 / 05 / 2016	Sala de reunião	Reunião Pedagógica	3 h e 45 min.
25 / 05 / 2016	Sala de aula	Aula do dia, Conversa com a professora.	2 h e 30 min.
10 / 06 / 2016	Sala de aula e área externa.	Encerramento do 1º semestre.	4 h e 25 min.

Tabela 2: Período das visitas de campo.

Fonte: Desenvolvido pela pesquisadora.

Os dados recolhidos sistematicamente pelas relações estabelecidas no campo e pelas observações foram ponderados junto às literaturas de referência, procurando sempre considerar as várias subjetivações do processo da aprendizagem ocorridos na Instituição Projeto Ágape.

Também vale ressaltar que o convívio adequado que estabeleci com toda a malha social do Projeto Ágape, adveio da postura acessível e ética que mantive durante toda a minha permanência em campo, resguardando o anonimato das pessoas e, apenas ocupando os espaços físicos e sociais quando autorizado. Essa maneira de conduzir a investigação me credenciou, além da boa convivência e confiança, a captação de dados indispensáveis a este estudo. Igualmente, esse conjunto habilitou-me a agir tal um investigador etnográfico.

4.6.1 Triangulação dos dados

Uma técnica bastante conceituada em uma pesquisa etnográfica é a triangulação dos dados. A triangulação é a combinação de três pontos, tendo como resultado final, a demarcação fiel da realidade pesquisada. (YIN, 2005). Para as ciências sociais a triangulação não é considerada uma técnica nova, e redimensionam às origens da própria investigação social. O termo triangulação de dados, exprime significados diferentes, dependendo da análise da realidade social pesquisada. Portanto, é a comparação plural entre fontes, e tem como finalidade, o intercâmbio ou a contraposição das informações.

Pérez (2001), completa que:

A triangulação oferece a possibilidade a todos os participantes de relativizar suas próprias concepções, admitir a possibilidade de interpretações distintas e inclusive estranhas, enriquecer e ampliar o âmbito da representação subjetiva e construir mais criticamente seu pensamento e sua ação (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p. 74).

No campo da investigação qualitativa, a triangulação é uma técnica que permite identificar, compreender e explorar as diferentes dimensões do estudo. Para isso, apoio-me em Sousa (2004, p.173), que defende que o processo de triangulação incide no ajustamento de distintas metodologias adjacentes ao estudo do mesmo fenômeno numa tentativa de “conferir um certo robustecimento à validade de uma investigação de carácter qualitativo”. No caso da pesquisa realizada no Projeto Ágape, cujo objetivo é verificar se existem práticas pedagógicas que promovam a aprendizagem de forma inovadora, será adotada uma abordagem multidimensional na recolha e análise dos dados.

A interpretação dos dados obtidos junto as observações e as entrevistas não estruturadas, nos fez vislumbrar a intersecção de diversos elementos convergentes. Assim, correlacionamos essas informações, descritivamente, para tornar sintético o resultado final. Para isso, fizemos a triangulação dos dados extraídos dos elementos ditos como essenciais, os quais serão demonstrados no quadro que se segue:

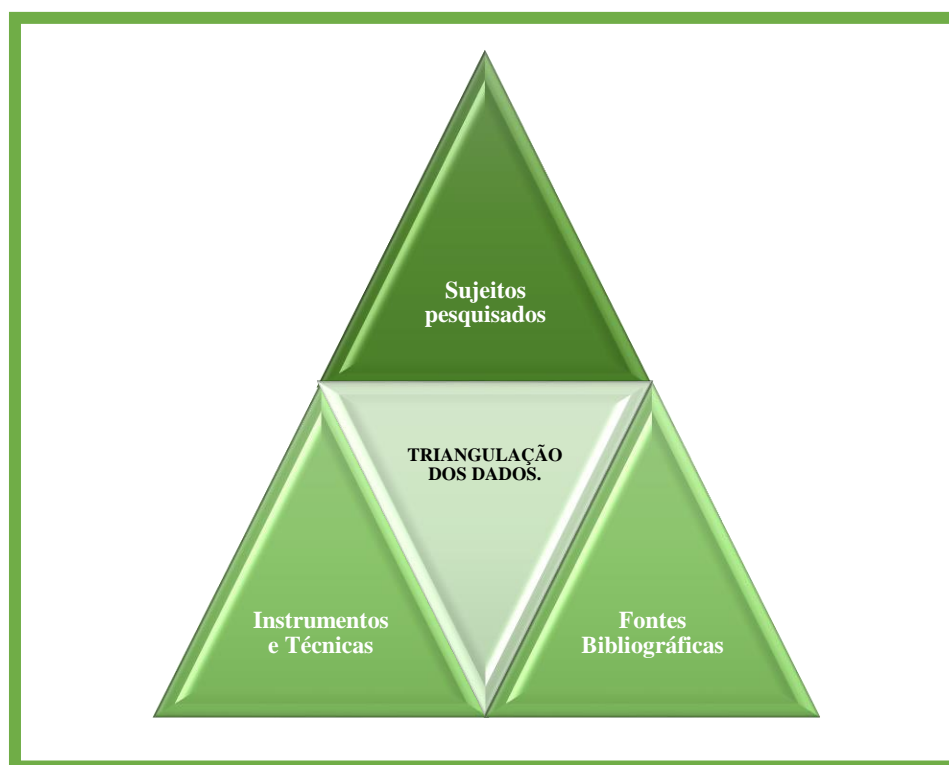


Figura 6: Triangulação dos Dados da Investigação.

Esse cruzamento dos dados obtidos, foram oriundos de várias fontes, como: observação participante, entrevista não estruturada, recolha documental, que se evidenciou bastante eficaz na análise dos dados, e que permitiu chegar a um melhor conhecimento da prática pedagógica emergente no contexto de observação – instituição acolhedora Projeto Ágape. Esse percurso permitiu esclarecer a trajetória e conduziu-me a um resultado mais significativo, e conseqüentemente à conclusão final da pesquisa.

4.7 A ética na pesquisa

A ética na pesquisa etnográfica, pressupõe um conhecimento antecipado de todas as interferências que venham a acontecer na investigação. Cabe ao pesquisador explicar e expor claramente o objetivo da investigação, e desta forma garantir a confiança e o respeito dos sujeitos pesquisados. Na investigação, a ética “ (...) consiste nas normas relativas aos procedimentos considerados corretos e incorretos por determinado grupo” (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 75). A ética na pesquisa, refere-se antes de mais nada, ao que foi investigado e para quem foi investigado, eis a questão que precisamos esclarecer.

Segundo Ximenes (2002, p. 409), “ética vem do grego *ethos*, que significa modo de ser, caráter, comportamento, é o ramo da filosofia que busca estudar e indicar o melhor modo de viver no cotidiano e na sociedade”. Para muitos autores teria sido Aristóteles o primeiro autor a desenvolver o pensamento sobre a ética. Esse pensamento teria surgido da reflexão sobre a diferença entre conhecimento teórico e conhecimento prático.

Conforme Vaz (2002, p. 267),

A ética parte do pressuposto de uma racionalidade imanente ao *ethos* e sua tarefa como disciplina filosófica consiste essencialmente em explicitar as razões do *ethos* ou em elucidar a intelegibilidade das práxis éticas em suas diversas dimensões e estados (...). Boa ação é aquela própria do indivíduo que possui virtude e deriva de um discernimento acerca das opções práticas, no qual entram muitos fatores, entre os quais, a disposição inata, a educação e a experiência (VAZ, 2002, p. 267).

Considerando que é uma pesquisa que envolve pessoas, é necessário assegurar que este estudo não intervenha ou mesmo atrapalhe os princípios do campo de pesquisa. Neste sentido, se faz necessário que o pesquisador tenha postura ética em proteger a identidade e a confiabilidade dos sujeitos da investigação e a autorização para expor o trabalho em público.

É necessário do pesquisador uma conduta honesta, de respeito, sensibilidade e acima de tudo ser verdadeira.

O primeiro contado com a (DPA) Diretora do Projeto Ágape e a (PT) Professora da Turma, ocorreu uma semana antes (28 de março de 2016) de começar efetivamente as rotinas de visitas, ou seja, as observações de campo. Conversei sobre a relevância da minha pesquisa, e como aconteceria. A DPA, autorizou-me a fazer a pesquisa dentro da instituição, (com algumas restrições já citadas anteriormente), e a PT deu toda liberdade para observar e fotografar sua rotina e realizar a pesquisa de campo.

Desta forma, acreditei ser conveniente não citar o nome verdadeiro das professoras, nem dos alunos. Com este intuito foram mantidos os nomes dos sujeitos da pesquisa no anonimato⁶, substituindo por siglas fictícias. Por exemplo: DPA, para a Diretora do Projeto Ágape; PT para a Professora da Turma, e PA para Professora Auxiliar, e alunos, ALUNO A, B, C, e assim consecutivamente. Contudo o nome da instituição pesquisada foi mantido, em virtude das especificidades da mesma.

⁶ Reporta-se ao sigilo e a proteção da privacidade dos participantes no estudo, assegurada pela alteração de identidade e pela limitação de informação que conduza à identificação dos sujeitos. Quanto ao consentimento informado reporta-se ao acordo explícito para participar. Informado significa que o participante é esclarecido antes de consentir em participar.

CAPÍTULO V

RESPOSTA ÀS QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Este capítulo, tem a intenção de apresentar os dados coletados no decorrer da incursão no campo de investigação e discutir se existem indícios e uma prática pedagógica inovadora e incitadora da ruptura do paradigma tradicional no ambiente de aprendizagem, e como ocorre a inter-relação entre alunos e docentes da turma observada no Projeto Ágape; instituição sem fins econômicos localizados no município de Campo Formoso - BA. Um dos fatores que aguçou-me ainda mais o desejo em realizar a pesquisa neste local, foi o fato desta ser a única instituição, que oferece este tipo de serviço na cidade. Com o intuito de conhecer melhor o trabalho desenvolvido nessa instituição, procurei verificar as práticas pedagógicas desenvolvidas pela Professora da turma de crianças de 4 e 5 anos que frequentam o Projeto Ágape, e a partir deste conhecimento, apurar se o ambiente de aprendizagem é emergente.

Durante o período de observação, tentei responder as questões empíricas, elaborando inúmeros registros, os quais foram obtidos através das observações participantes, do contato direto com os atores em campo de pesquisa. Desta forma a abordagem etnográfica permitiu recolher informações essenciais pela permanência no contexto do estudo e pela integração plena com toda malha social envolvida no Projeto Ágape. Sendo assim, para obter uma interpretação clara e objetiva de tudo o que foi recolhido durante a minha estada em campo, o método etnográfico, foi de grande valia, pois o mesmo enquadra o estudo da realidade onde o objeto de estudo está inserido, facilitando que diversos elementos sociais sejam envolvidos no objeto de estudo, o qual me possibilitou a compreensão da realidade da forma mais ampla possível, engajando diversos elementos obtidos durante o recolhimento das informações.

Apesar da diretora ter aceitado minha presença dentro da instituição, restringiu-me a fazer áudio e vídeos e a fotografar os banheiros. Segundo a mesma, isso era uma restrição adotada pela Igreja, (a qual é principal mantenedora do projeto), para evitar exposição invasiva na rotina do Projeto e das crianças. A dirigente autorizou-me apenas a fazer uso das fotografias dos outros ambientes da instituição. (APÊNDICE 1).

Desta forma, era necessário refletir e respeitar o espaço o alheio, assim como enfatiza Garcia (2003, pp. 18-19), “(...) o indispensável cuidado, atenção, respeito, delicadeza, a sensibilidade do outro, aceitação, o que significa ouvir o outro no que o outro diz e não no que já trazemos como resposta”. Pois sei que ao enveredar em uma pesquisa, tenho que aceitar e fazer valer as questões éticas e morais simultaneamente.

Para compreender melhor a questão das práticas inovadoras, optei por observar a rotina diária da professora, tendo um olhar atento à todas as práticas pedagógicas desenvolvidas em torno das crianças. Para tal feito, considerei necessário fazer a categorização do que era importante observar em campo.

5.1 Definição das categorias

A atuação dos atores, em seu cotidiano, foi observada nas diversas circunstâncias. Nesse cenário, aspectos relevantes foram identificados e, na busca de analisar os dados coletados, busquei, ainda o que Bardin (2010, p. 32) orienta ser a análise do conteúdo “um método muito empírico, dependendo do tipo de “fala” a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo”. Contudo, a autora defende que “classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros” (Ibidem, p. 146). Para atender à questão da investigação, que é: O Projeto Ágape promove a aprendizagem de forma inovadora? E ao objetivo da pesquisa, que é verificar se no contexto do Projeto Ágape existem práticas pedagógicas que promovam a aprendizagem de forma inovadora; dividi as categorias de análise da seguinte forma:

CATEGORIAS
CATEGORIA 1: Rotina das atividades desenvolvidas - Construção e Prática.
CATEGORIA 2: A prática pedagógica observada – permanência ou inovação? SUB CATEGORIA 2.1: Interação entre os pares.
CATEGORIA 3: A importância do brincar na Educação Infantil.

Tabela 3: Distribuição das categorias.

Todas as categorias foram analisadas exaustivamente na busca de obter as respostas necessárias para o resultado tão almejado, que é de verificar se as práticas pedagógicas desenvolvidas na relação professores e alunos da turma de 4 e 5 anos do Projeto Ágape são inovadoras.

As categorias de análise e o seu desenvolvimento foram originadas aquando da estada em campo. Quanto à emergência dos dados, e considerando a importância de suas particularidades, os grupos foram definidos de maneira indutiva, com o intuito de alcançar o objetivo e verificar ações ditas inovadoras na prática desenvolvida no âmbito da turma.

5.2 Rotina das atividades desenvolvidas - Construção e Prática

Por considerar importante que em uma Instituição que atue na área infantil deva criar um ambiente acolhedor para que as crianças se familiarizem com mais facilidade e sintam-se seguras, facilitando sua aprendizagem, é imprescindível que se estabeleça hábitos rotineiros, e por isso, essa é a primeira categoria a ser analisada; a rotina diária de todas as atividades desenvolvidas no Projeto Ágape, durante o período matutino. Observando o cotidiano, fica mais fácil verificar a prática pedagógica desenvolvida no âmbito da instituição, e se há indícios ou não de inovação.

No geral, as instituições de ensino, principalmente nas entidades de Educação Infantil, precisam construir uma rotina, pois além de transmitir segurança para as crianças, orienta as ações dos professores, e de toda a comunidade escolar, ou seja, tanto para quem presta o serviço (professores, diretor, coordenador, cozinheira, auxiliares de serviços gerais, entre outros profissionais que atuam na instituição), quanto para quem são beneficiados pelos serviços prestados (pais, alunos, parceiros, voluntários, comunidade em geral). Sendo assim, podemos dizer que a rotina escolar designa desenvolver um trabalho diário por meio de horários, atividades cotidianas organizadas, tarefas pré-estabelecidas, para que haja um ritmo e um compasso de organização em todas as atividades desenvolvidas dentro da instituição. Não é uma tarefa fácil estabelecer uma rotina, pois para o adulto, muitas vezes, é considerado algo ruim e repetitivo, porém, para a criança, é fundamental que exista uma rotina para que ela se sinta segura, e possa se desenvolver com autonomia.

Sabemos que a rotina é de suma importância na educação infantil, pois a medida em que serve de referência para a criança, ajuda-a a se sentir segura. A rotina da Instituição Projeto Ágape, apesar de ser diferente da rotina doméstica, com a qual a criança está habituada e convive desde o nascimento, estabelece bases de apoio, de organização e de convivência. Embasada na observação participante, o cronograma de atividades diárias e semanal desenvolvido pela professora da turma observada do Projeto Ágape, segue o seguinte roteiro:

Horário	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7h 15min	Chegada de todos os funcionários.	Chegada de todos os funcionários.	Chegada de todos os funcionários.	Chegada de todos os funcionários.	Chegada de todos os funcionários.
7h 20min	Momento de oração com as professoras.	Momento de oração com as professoras.	Momento de oração com as professoras.	Momento de oração com as professoras.	Momento de oração com as professoras.
7h 30 min	Recepção das crianças no portão.	Recepção das crianças no portão.	Recepção das crianças no portão.	Recepção das crianças no portão.	Recepção das crianças no portão.
8 h	Café da manhã.	Café da manhã.	Café da manhã.	Café da manhã.	Café da manhã.
8h 20min	CULTO: Atividade voltada para o estudo da bíblia.	Atividades com conteúdo voltados aos oferecidos pela escola regular.	CULTO: Atividade voltada para o estudo da bíblia.	Atividades com conteúdo voltados aos oferecidos pela escola regular.	CULTO: Atividade voltada para o estudo da bíblia.
9h40 min	Lanche.	Lanche.	Lanche.	Lanche.	Lanche.
10 h	Atividade livre: Parquinho.	Atividade livre: Parquinho.	Atividade livre: Parquinho.	Atividade livre: Parquinho.	Atividade livre: Parquinho.
10 h 30min	Asseio das crianças.	Asseio das crianças.	Asseio das crianças.	Asseio das crianças.	Asseio das crianças.
11h	Almoço.	Almoço.	Almoço.	Almoço.	Almoço.
11h 30min	Saída das crianças.	Saída das crianças.	Saída das crianças.	Saída das crianças.	Saída das crianças.

Tabela 4: Rotina diária e semanal do turno matutino.

Fonte: Desenvolvido pela pesquisadora durante as visitas de Campo, e através da observação participante.

Assim, entendo que as atividades de rotina, são aquelas que devem ser realizadas diariamente. Mas isso não significa que se deve transformar o dia a dia escolar em uma planilha inflexíveis com atividades rígidas, mas sim adequar as atividades diárias ao ritmo da instituição, das crianças e do professor. Portanto, a rotina deve e pode ser modificada, passar por transformações quantas vezes forem necessárias durante o ano letivo.

Como afirma Barbosa (2006, p. 201),

A rotina é compreendida como uma categoria pedagógica da Educação Infantil que opera como uma estrutura básica organizadora da vida cotidiana diária em certo tipo de espaço social, creches ou pré-escola. Devem fazer parte da rotina todas as atividades recorrentes ou reiterativas na vida cotidiana coletiva, mas nem por isso precisam ser repetitivas.

De acordo com as atividades desenvolvidas no Projeto Ágape, conforme observado nas visitas de campo, existia sim, uma rotina diária e semanal, mas que cotidianamente ocorriam modificações; as atividades seguiam o mesmo esquema diário, apenas na nomenclatura que recebe na pauta de rotina, ou seja, aquele momento era “intitulado” da mesma forma diariamente, no entanto, jamais se repetia a atividade. Eram sempre modificadas as formas de interagir com as crianças. Conforme a necessidade, as professoras modificavam toda a logística diária, com a quebra da rotina cotidiana para favorecer e ou complementar o desenvolvimento das atividades envolvendo os alunos, como por exemplo a organização de datas comemorativas, as quais sempre tinham grande participação e parceria de toda comunidade, supermercados e lojas, com a doação de gêneros alimentícios e presentes, e também com a participação da família, em um número mais expressivo do que em dias normais de funcionamento da instituição. Temos como exemplo o dia das mães, que foi comemorado do dia 06 de maio de 2016, em uma manhã bem movimentada na Instituição, com apresentações de músicas pelas crianças, distribuição de presentes e lanches para as mães.

“As mães foram chegando e sentando nas cadeiras que já estavam arrumadas para elas. As crianças organizadas a frente, cantavam e dançavam uma música que já tinham ensaiado, juntamente com as professoras para este dia. As mães se emocionavam e achavam lindo, vendo seus filhos cantando para elas. Ao final da apresentação as crianças foram em direção as mães e entregaram os presentes” (DIÁRIO DE CAMPO).

Essa ruptura da rotina diária do Projeto Ágape, também foi percebida com maior ênfase, durante o encerramento do semestre, que aconteceu dia 10 de junho de 2016, com a grande participação de jovens voluntários, que proporcionaram as crianças uma manhã muito divertida. Essas atividades acima descritas, não estavam programadas, mas foram sendo organizadas de acordo com as necessidades.

Já a rotina criada pelas professoras e direção que garantia às crianças segurança e conhecimento das atividades que se desenvolveria durante o dia, seguia-se da seguinte forma:

- Recepção das crianças no portão,
- Momento da oração,
- Café da manhã,
- Momento de atividade, (que se diferenciava durante a semana),
 - ✓ SEGUNDA, QUARTA e SEXTA: Estudo de atividades voltadas para histórias bíblicas;
 - ✓ TERÇA e QUINTA: Atividades pedagógicas envolvendo conteúdo voltados aos oferecidos pela escola regular.

- Hora do lanche,
- Brincadeiras ao ar livre (Parquinho),
- Asseio,
- Almoço,
- Horário de saída (os alunos em idade escolar obrigatória saíam as 11:30 hs, pois frequentam em horário oposto, uma escola municipal de ensino; já as crianças menores de 3 anos permaneciam até as 16 hs).

Toda essa rotina acima descrita, será aqui ilustrada com fotos destes momentos.

- Recepção das crianças no portão do Projeto Ágape, às 7:30 hs.



Fotografia 1: Mães e filhos chegando ao Projeto Ágape.

- Crianças orando, em seguida será entregue o café da manhã as 8 horas.



Fotografia 2: Crianças orando com a professora.

- Momento da atividade (das 8:20 hs às 9:20 hs).



Fotografia 3: Aluno formando palavrinhas.

- Momento de atividade bíblica (segundas, quartas e sextas).



Fotografia 4: Professora contando história, no momento da atividade bíblica.

- Hora do recreio na área livre, (das 10 hs às 10:30 hs).



Fotografia 5: Crianças brincando no Parquinho.

- Hora do almoço, às 11:00 hs.



Fotografia 6: Crianças almoçando.

- Horário de saída, às 11:30 hs.



Fotografia 7: Mamãe buscando filhos no Projeto Ágape.

A importância da rotina na Educação Infantil, está intimamente ligada a capacidade de beneficiar psicologicamente a criança, para que ela se sinta segura, sobretudo familiarizada com as atividades desenvolvidas no seu espaço. Pois ao sair do ambiente familiar, principalmente nos primeiros dias do ano letivo, pode gerar na criança sentimentos de abandono e angústia. É notável a preocupação das professoras do Projeto Ágape ao receber as crianças; carinho e segurança elas tentam transmitir, tanto para as crianças, quanto para os pais. E quando se familiarizam com a rotina e percebem que tudo tem início, meio e fim, e que cada atividade acontece por um determinado tempo, isto contribui para liberar o estresse com a mudança de ambiente e reorganizar suas relações com o tempo e o espaço, contribuindo

para minimizar a angústia, e principalmente, garantir a segurança e criar vínculos afetivos e de confiança na relação com as professoras.

A rotina diária da turma observada é organizada pela professora, que se preocupa com todos os detalhes para o bem-estar das crianças. Mas, ela sempre diz que a flexibilidade da rotina é fundamental para a criança aprender a relacionar-se com o inesperado. E nesta relação como o novo, estabelecido dentro da rotina criada na Instituição, que surge a ruptura das práticas tradicionais; onde antes a criança assumia um papel de extrema passividade e o professor assumia-se como detentor do conhecimento que repassava aos alunos; agora a interação e a parceria entre os pares acontece de forma natural. Durante as observações, fui perceptível que o professor assume dentro do contexto diário o papel de mediador e muitas vezes apenas de observador, dando ao aluno total liberdade de interação, tanto entre professor - aluno, quanto entre aluno - aluno.

Quando solicitei a Professora da Turma para fazer um breve resumo das atividades desenvolvidas durante a semana, respondeu-me da seguinte forma:

“A rotina das crianças da turminha tem seu diferencial, pois é especificada de acordo com a idade das crianças. Um dos pontos que é alterado durante a semana, é a atividade desenvolvida no horário das 8 h e 20 minutos, às 9 h e 40 minutos, que sucede da seguinte maneira: Nos dias de segunda, quarta e sexta, este período é destinado a atividades voltadas para o estudo da Bíblia; e já nos dias de terça e quinta, é designado para atividades sugeridas pelas escolas regulares as quais as crianças frequentam no horário oposto⁷. Mas, que também as crianças já estão habituadas. E isso facilita conseqüentemente a adaptação e a aprendizagem de nossos alunos” (PT- DIÁRIO DE CAMPO).

Segundo Mantagute (2008), a rotina pedagógica, utilizada nas instituições educativas para auxiliar o trabalho do educador, sobretudo, para garantir um atendimento de qualidade para as crianças. Um dos primeiros passos para estabelecer a rotina criativa é ver a criança como um sujeito histórico e social, capaz de desenvolver suas curiosidades, afetos, sentimentos, valores, amizades e sua identidade cultural. A organização do tempo para a criança é essencial, pois ela precisa compreender que tem hora para tudo. Hora de dormir, de acordar, de ir para a escola, de comer, de tomar banho, de brincar, de fazer atividades escolares, etc...; que podem ser individuais ou em grupos. Portanto, deve-se levar em consideração que em uma instituição que atua na área educacional, é imprescindível criar

⁷ As crianças que frequentam o Projeto, com idade entre 0 e 3 anos, ficam na Instituição o período integral. Já as crianças com idade entre 4 e 7 anos, permanecem na Instituição apenas meio período; pois é obrigatório a frequência destas crianças em uma escola que ofereça o ensino regular.

situações novas de aprendizagem. Quando a professora da Turma relata sobre a importância da rotina sala de aula, enfatiza:

“Essa rotina, facilita a criança a se acostumar com o ambiente, e a confiar na professora, pois “ela”, no caso a criança, compreende que não irá ficar o dia todo ali, e que ao terminar uma determinada atividade em seguida virá outra, ou seja, cada coisa a sua hora” (PT- DIÁRIO DE CAMPO).

A Professora pesquisada reforça a importância de uma rotina bem definida, mais ao mesmo tempo enfatiza que ela precisa ser maleável, flexível, e se adequar a mudanças quando possíveis. Quando questiono se a rotina pode ser algo considerado tradicional, ela responde:

“Depende como encaro a rotina e como a desenvolvo. A rotina pode permanecer, mas as ações que eu pratico ao desenvolver as atividades rotineiras, são modificadas e inovadas a cada dia. Por exemplo: A hora do “culto” infantil que acontece as segundas, quartas e sextas, eu sempre modifico o local para contar a história, a forma de participação das crianças, a maneira como desenvolver e avaliar a atividade proposta. Pois imagine só, se a cada dia eu fizesse as mesmas coisas da mesma forma, nem eu aguentaria nem muito menos as crianças; é necessário inovar a cada dia, mesmo as atividades de rotina” (PT - DIÁRIO DE CAMPO).

Por não vivenciar dentro do Projeto Ágape, a rotina cansativa das escolas regulares, as crianças sentem-se e são estimuladas a criarem e a participarem de tudo, sem a obrigação e a cobrança de resultados de uma avaliação no final do dia. E isso sem dúvidas influencia na aprendizagem.

E realmente o que foi observado, é que as atividades desenvolvidas, inclusive nos dias de “culto”, nunca seguiam a mesma sequência: Conto da história, perguntas sobre a história lida e pintura de desenho referente a história. As vezes os momentos de atividades bíblicas, aconteciam em salas diferentes. A rotina não era cansativa, o que contribuía para que a aprendizagem e a construção de habilidades e competências, fossem adquiridas, pois são importantes para todas as ações que perpassam a vivência das crianças. A rotina como já visto, facilita a familiarização com o ambiente e com pessoas novas, mas quando isso já foi vencido, é necessário agregar ações novas, para que a aprendizagem se concretize.

Apesar da rotina se caracterizar como facilitadora da aprendizagem, e extremamente necessária dentro de uma instituição que trabalha exclusivamente com crianças, ela necessita ir muito além de estabelecer segurança, e facilitar as relações afetivas entre os colegas e professores, e de criar um ambiente saudável; é necessário se concretizar como uma atividade

que redirecione as ações tradicionais deixando para trás algo que não é mais necessário para a construção do conhecimento cognitivo dos alunos.

Nas observações realizadas, fica evidente que a rotina flexível, instituída no Projeto *Ágape*, cria realmente este vínculo de segurança entre professoras e crianças, e isso influencia positivamente no tempo que a criança ficará dentro da instituição; visto que cada aluno já se familiarizou com o desenvolvimento da prática dentro do Projeto, sabe a sequência de atividades que acontecerão naquele dia, reconhecendo que tudo tem início, meio e fim, e que a hora da mamãe ou do papai buscar está próximo. Com o passar do tempo, as crianças se tornam mais autoconfiantes, se empenham em participar mais dos momentos de interação, das atividades em grupo, ou seja, em todos os sentidos, agem de maneira cada vez mais independente, autônomas e confiantes. No entanto, apesar de ser uma instituição que se preocupa em acolher, a rotina do Projeto *Ágape*, se diferencia da rotina das inúmeras instituições educacionais tradicionais existentes em nossa cidade, pois não segue aquele velho modelo fabril, onde todos são alertados pelo barulho de uma arcaica sirene, no qual todos estão condicionados a iniciar ou finalizar uma determinada atividade pelo som da campainha. Durante as observações, percebi que no decorrer de todo o tempo vivenciado pelas crianças na Instituição, elas assumem um papel ativo e interativo nas atividades desenvolvidas. Interativo, porque a todos os momentos elas estão se relacionando com professores e colegas. Enquanto que a professora partia sempre do coletivo quando se posicionava sobre determinado tema em questão, e cada criança mesmo sendo tão pequenas, cada um em sua individualidade se posicionava criticamente, sobre o que aprendeu. Ativo, porque as crianças passam a exercer atividade crítica e desta forma construtiva de seus próprios conhecimentos, e assim, percebo a migração do “ensinar” para o “aprender”.

5.3 A prática pedagógica observada – permanência ou inovação?

Pretendo revelar de forma clara e compreensível a prática pedagógica desenvolvida dentro da instituição pesquisada, tendo o olhar voltado para a turma de 4 e 5 anos, do turno matutino do Projeto *Ágape*, e as relações de aprendizagem que emergem e se estabelecem em torno da realidade cotidiana que envolvem os sujeitos observados.

No campo da educação, como é o caso desta pesquisa, é importante salientar que estamos pensando em novas formas de perceber como se dá a aprendizagem de nossas crianças, sobre a ótica da troca de informações, da mediação do conhecimento entre os pares,

sejam estes entre aluno - aluno, aluno - professor, não importando se essa aprendizagem acontece dentro dos muros da escola, ou em qualquer ambiente em que a troca de informação seja feita; seja essa troca através da oralidade, da atividade presencial, ou qualquer ação desenvolvida.

Quando questionei sobre a proposta desenvolvida no Projeto Ágape e em que ela se diferenciava das escolas regulares, a Diretora me responde:

“A proposta de trabalho do Projeto Ágape, não contempla somente aspectos pedagógicos. É um projeto filantrópico e assistencialista que se destina a cuidar e educar crianças carentes. Vejo como uma proposta completa, pois, baseia-se nos princípios bíblicos, e tem como objetivo acompanhar as crianças em seus aspectos biológicos, psicológicos, sociais e espirituais” (DIÁRIO DE CAMPO).

Diante do que significa Inovação Pedagógica, a resposta dada pelas professoras pesquisadas do Projeto Ágape, foram as seguintes:

PT- “Trata-se de novas formas e tecnologias para se ensinar em sala de aula. Buscar sempre métodos que facilitem a aprendizagem da criança e saber ajudá-las principalmente quando apresentam dificuldades” (DIÁRIO DE CAMPO).

PA- “Inovar é trazer a realidade educativa, algo novo. O principal objetivo da inovação pedagógica é facilitar a aprendizagem. É uma mudança visando a melhoria na educação” (DIÁRIO DE CAMPO).

DPA- “Inovação pedagógica vai além de usar recursos e tecnologias. É pensar no sujeito aprendente como ser único e direcionar uma proposta pedagógica que contemple em suas especificidades” (DIÁRIO DE CAMPO).

A partir das respostas dadas pelas professoras e pela diretora, percebe-se que todas aproximam-se do que é inovação pedagógica, pois pensa no aluno como sujeito aprendente. As professoras mencionaram a questão de mudar, e de levar em conta a aprendizagem, de buscar algo novo, ao enfatizar a relação com o outro, dando uma atenção maior as individualidades de cada criança, deixando claro a relação entre professor - aluno, e aluno - aluno. Essa relação entre os sujeitos pesquisados não é muito consistente em suas falas, mas são em suas ações. Melhor explicando: As professoras sempre são sucintas em suas respostas, mas percebo com mais ênfase em suas ações, características de elementos novos na forma de pensar como a aprendizagem acontece, quando respeitam e dão atenção as características individuais de cada criança, tornando-as sujeitos ativos e interativos. E é nesta relação que a aprendizagem acontece.

Vejam os este momento, em um encontro com outras crianças. É nítido no rostinho de cada um, a atenção dada a este momento com a participação das crianças de outras salas. Estão atenciosos, observando algo novo, diferenciado e, portanto, a aprendizagem emerge de situações assim.

Aluno F: “É o melhor dia, quando estamos todos juntos ouvindo a história”.



Fotografia 8: Apresentação do “culto” com a participação de outras crianças.

Levando em consideração o que preconiza Fino (2011, p. 49): “As escolas não proporcionam contextos de aprendizagens autênticos, uma vez que os contextos dos praticantes autênticos residem fora da escola, mas os aprendizes merecem oportunidades de aprendizagem situada”. O autor recomenda (idem, pp. 45 - 46), em seu artigo *Demolir os muros da fábrica de ensinar*, que o primeiro passo a ser dado em direção à inovação seja “demolir essas paredes”, ou seja, “o exorcismo da influência da cultura da escola do relacionamento entre futuros professores e seus formadores”. Visto que, fica claro que a prática pedagógica centrada pura e exclusivamente no professor, como única fonte da verdadeira forma do conhecimento, cria e mantém vínculos de dependência por parte do discente, o que desfavorece e prejudica a realização da construção do conhecimento autônomo.

PT - “ O Projeto Ágape, não atua como a escola regular, e, portanto, não a substitui. As crianças em idade escolar são matriculadas em um turno no Projeto e no outro turno em

outra escola; isto é fator determinante para a efetivação da matrícula. No Projeto Ágape são desenvolvidas atividades de apoio pedagógico.

De fato, quebrar paradigmas não é mesmo fácil. Igualmente, precisamos fugir do modelo autoritário, desconectado do contexto. Entretanto, Inovação Pedagógica vai muito mais além do que se pensar no sujeito como aprendiz; é uma mudança nas ações diárias tanto do professor quanto do aluno.

Portanto, urge, a necessidade de o educador pensar à sua maneira de agir. Para que se tenha consciência de que mudanças no âmbito educacional são necessárias, cabe olhar para as ações e enxergar que as velhas práticas pedagógicas não servem mais para serem aplicadas, a indivíduos que já nasceram em plena “Era” da sociedade do conhecimento e serão o futuro do nosso país. Essa forma de ver as crianças como sujeitos que aprendem incessantemente e que necessitam de estímulos diários, elas são totalmente percebidas pelas professoras da turma. Existia por parte das professoras, a preocupação em instigar os alunos a solucionar problemas, discutir, refletir e dialogar, pois eram atividades constantes. Isso vai em direcionamento dos preceitos de que Papert (1985), acredita ser importante para construção de um ambiente inovador, que o professor possa estabelecer um “ambiente de aprendizagem” cognitivamente “nutritivo”, para que os alunos construam seu próprio conhecimento diariamente. Assim, era notável que as professoras eram carinhosas, atenciosas, davam liberdade para que as crianças pudessem criar e interagir, sem a obrigação de avaliações. Preocupavam-se efetivamente com a aprendizagem dos discentes; e direcionava suas ações diárias à criação de momentos constantes de aprendizagens prazerosa e significativa. As ações das professoras voltavam-se tanto para o acolher e dar assistência as crianças, quanto para proporcionar momentos de aprendizagens durante o período em enquanto estavam afastadas de suas famílias. A professora enfatiza também que o espaço físico pode influenciar no bom andamento das atividades.

PT - “ Muitos fatores influenciam na aprendizagem dos indivíduos; o espaço físico é um deles. O espaço precisa favorecer o desenvolvimento das atividades (lazer, higiene, socialização, entre outros). ”

Notou-se durante a observação participante que as professoras ofereciam um ambiente pedagógico saudável, acolhedor, humano, ético e harmonioso; apresentava as crianças regras de comportamento, sendo criativos diante do surgimento de situações novas, valorizando as brincadeiras e atividades socioeducativas, dando importância a interação, visto que isso tudo acontecia constantemente com a participação das docentes. E é nessas mudanças que Fino, afirma que devem estar a inovação pedagógica.

Inovação pedagógica como ruptura de natureza cultural, se tivermos como fundo as culturas tradicionais. E abertura para a emergência de culturas novas, provavelmente estranhas aos olhares conformados com a tradição. Para olhares assim, viciados pelas rotinas escolares tradicionais, é evidente que resulta complicado definir inovação pedagógica, e tornar a definição consensual. No entanto, o caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo censo comum, mas por saltos premeditados e absolutamente assumidos em direção ao, muitas vezes inesperados. Aliás, se a inovação não fosse heterodoxa, não era inovação (FINO, 2008, p. 2).

A sala tem um espaço bom, onde acontecem geralmente as práticas pedagógicas diárias e os fatores de integração social, como a acolhida, hora do culto e atividades socioeducativas. Atitudes como o comportamento dos alunos e a mediação realizada pela professora, contribuem de forma harmoniosa para que as crianças se sentam seguras e acolhidas. O aluno é sempre integrado como parte ativa no processo de aprendizagem, e isso foi observando em diversos momentos quando acontecia:

- A participação de todos durante as atividades que aconteciam dentro da sala de aula,
- Durante as brincadeiras livres e dirigidas;
- Respeito a diferentes opiniões das crianças, durante as rodas de conversas sobre temas diversos;
- Durante as refeições;
- Durante as atividades que aconteciam na horta, no parquinho, na área livre.

No decorrer destas atividades pude constatar que a mediação estabelecida é divertida e prazerosa, ocasionada pela afetividade existente entre as professoras e os alunos, o que provoca ocasionalmente o rompimento das normas estabelecidas nos processos de aprendizagem tradicional, as quais ainda veem o professor como figura protagonista dentro de uma instituição escolar, e como principal detentor do conhecimento. E é diante da mudança, ou seja, o surgimento das práticas emergentes, que a criança desabrocha para o conhecimento.

Quando questionei a diretora da instituição sobre como vê o papel do professor no processo de aprendizagem, respondeu que:

DPA - “ O professor tem papel fundamental no processo de aprendizagem, ele não é o detentor do conhecimento, mas muitas vezes é quem media, intervém, propõe, desafia, articula, avalia...para proporcionar situações de aprendizagem” (DIÁRIO DE CAMPO).

Nas atividades, a participação criativa das crianças era sempre aguçada pelo professor, e concluídas pelas crianças sempre com um toque de criatividade.



Fotografia 9: Pinturas feitas pelas crianças

Sabe-se que nos modelos tradicionais de educação, não é dado ao aluno a oportunidade de criar, e questionar, e isso dificulta a construção do conhecimento e consequentemente da aprendizagem. Essa oportunidade de crescimento intelectual deveria ser estimulada desde cedo, para que nossas crianças crescessem com maior senso crítico. Na prática observada a permanência de atitudes arraigadas aos paradigmas fabris não existe, e os alunos são percebidos como aprendentes e construtores de sua aprendizagem.

5.3.1 Interação entre os pares

No decurso da investigação procurei avivar o meu olhar sobre a prática pedagógica no âmbito da Inovação Pedagógica. Através das observações realizadas durante minha estada em campo, averigui que a educadora coloca-se na posição de mediadora no processo de construção do conhecimento, o qual constitui-se de pequenas ações que favorecem a interação, a comunicação e a autonomia dos alunos, o que possibilita um clima de cooperação e colaboração entre discentes e docentes. Em todos os momentos as professoras deixaram claro que consideravam a bagagem já adquirida e o ponto de vista de cada um, mediante cada situação de aprendizagem. Para Vygotsky (2007, p. 94), isso é imprescindível ao considerar que a aprendizagem da criança se inicia antes dela entrar na escola e de que “qualquer situação de aprendizagem com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia”, identificando assim, no nível de desenvolvimento real de cada aprendente. Segundo Vygotsky (2001):

A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível real (da criança) de desenvolvimento determinado pela resolução de problemas independente e o nível de desenvolvimento potencial determinado pela resolução de problemas sob a orientação de adultos ou em colaboração com companheiros mais capacitados (VYGOTSKY, 2001, p. 148).

Referente a essa temática, ou seja, se as professoras levavam em consideração os conhecimentos adquiridos pelas crianças no seio da família e da comunidade a qual faz parte, destacam-se o seguinte relato da Professora da Turma:

“ Na escola a criança será norteada, ou seja, terá um direcionamento; e continuo a enfatizar, a criança aprende com o meio em que está inserida, e é necessário respeitar toda a bagagem adquirida pela criança, antes e durante a estadia da mesma na escola”. (DIÁRIO DE CAMPO).

Em relação a interação e participação das famílias nas atividades desenvolvidas no Projeto Ágape DPA (Diretora do Projeto Ágape), me responde que:

“A família é orientada a participar da vida da criança, tanto dentro quanto fora do Projeto. Mas como, a maioria das famílias já buscam vagas no Projeto Ágape, por necessitarem trabalhar o dia inteiro, a participação destes familiares, é em maior número em datas comemorativas. A família tem um importantíssimo papel na formação afetiva e cognitiva das crianças; embora nossas crianças estejam inseridas em contextos familiares adversos, buscamos ao máximo que a relação Família e Instituição, seja proveitosa”. (DIÁRIO DE CAMPO).

Em sua fala, a professora deixa claro que é de suma importância, conhecer as necessidades e todo o conhecimento que a criança traz do convívio com a malha social inserida no contexto de vida anterior a vinda do aluno à Instituição. Quando questionei a professora, se a sala de aula é o único lugar onde os alunos aprendem, a resposta foi:

PT - “ Jamais! Os alunos aprendem em todos os espaços de convivência: igreja, casa, clube, parquinho, ou seja, em qualquer lugar. A escola é apenas burocraticamente o local de sistematização do conhecimento; e que aos poucos muitos profissionais da área estão mudando está forma de pensar”.

E para que a mudança aconteça é necessário deixar de lado o que não serve mais. E isso é salientado por Fino (2008, p. 1), “mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, face às práticas pedagógicas tradicionais”. Pois as práticas pedagógicas tradicionais, não levam em consideração o aluno como sujeito ativo e participativo; apenas valorizam o professor como

o único protagonista do processo, dando total atenção, somente as práticas de ensino, deixando de lado, o mais importante: a aprendizagem.

Como a aprendizagem pode acontecer em qualquer ambiente, as atividades protagonizadas pelo Projeto Ágape, mostram claramente que os mediadores tinham conhecimento disso. Na fotografia abaixo, observamos um destes momentos de interação.



Fotografia 10: Momento de interação, brincadeira na rua.

E no Projeto Ágape era evidente que a professora não era a principal protagonista. Portanto essas ações, apresentam indícios de inovação, pois o seu direcionamento é para a questão da aprendizagem, e não do ensino. No entanto, é preciso que seja evidenciada a condição do professor assumir um “papel periférico, servindo de assistente, recurso, guia, agente metacognitivo, muito mais do que transmissor” (FINO, 2008, p. 2). E isso acontece no dia a dia das crianças observadas, e nas ações desenvolvidas no contexto escolar. O que foi verificado é que nas atividades desenvolvidas com as crianças; a professora se posiciona, periféricamente, auxiliando as crianças a solicitar os questionamentos diante de situações novas. Nas atividades, as crianças são chamadas a participar nos momentos de socialização, mas alguns ficam de fora e não participam; muitas vezes por timidez; mas mesmo quando a criança se recusa a participar de momentos de verbalização, a professora a incentiva a participar, mesmo que seja somente para segurar uma plaquinha. E sabemos que desta forma, através do incentivo e a participação das crianças, torna-se mais fácil ser agentes construtores de sua aprendizagem. E isto foi notado em todas as ações vivenciadas durante as 14 visitas, as quais tive oportunidade de auscultar. Não houve um dia se quer, em que as crianças não participassem de momentos de interação, acontecidos mediante a ação professor - aluno, ou aluno – aluno, ou seja, a interação entre todos os pares era constante, tanto em situações dentro, quanto fora da sala de aula, ou melhor em todos os ambientes da instituição.

Temos como exemplos estas atividades:

- Organização em quartetos para formação de palavras. A professora falava a palavra e os grupos tentavam formar do seu jeito a palavra solicitada, fazendo uso do alfabeto móvel.

Fotografia 11: Crianças usando o alfabeto móvel.



Outra atividade mediada pela PT, foi uma atividade do dia 19 de abril, (Anexo, Diário de Campo) envolvendo a sequência numérica, na qual plaquinhas com os números de 1 a 10, foram escondidas pela sala e as crianças desafiadas a encontrá-las e se organizarem na ordem correta. Era visível a alegria das crianças a encontrarem as plaquinhas e a interação ao se ajudarem a se posicionarem na sequência.

Fotografia 12: Alunos organizando sequência numérica.





Fotografia 13: Crianças usando o dado silábico.

Fotografia 14: Pesquisadora com as crianças.



Observei que o desenvolvimento destas atividades possibilitou uma interatividade entre os alunos, constituindo uma relação positiva entre os mesmos, e a orientação feita pela professora, trouxe um encaminhamento para uma colaboração entre eles. Diante disso, Papert (1997) corrobora quando ressalta que uma aprendizagem colaborativa acontece quando existe um processo de interação entre os alunos, e ocorra também uma construção do conhecimento, envolvendo o professor como um aprendiz. Visto que uma mediação coerente em sala de aula, fará com que o aluno obtenha êxito na construção do conhecimento com o auxílio do seu par mais apto e não ficará como mero receptor. Todavia, as crianças da turma, são constantemente incentivadas pela professora a construírem o conhecimento e a interagirem no decorrer da relação professor- aluno. Isso ficou evidente durante as observações ocorridas dentro da sala de aula. Já a interação aluno-aluno, acontece naturalmente entre as crianças, quando estão realizando atividades estabelecidas ou não pela professora. Elas conversavam, trocavam ideias, ajudavam umas às outras, partilhavam brinquedos e alimentos, e também cooperavam e se auxiliavam durante atividades, pré-estabelecidas pela professora. A interação criança-criança existia; e era também constantemente incentivada e observada pelas professoras.

E isto não era visível apenas em situações ocasionais, e ou atividades pontuais, os acontecimentos perduravam todos os dias. Partindo da condição de que o ambiente tem o poder de facilitar a aproximação entre os alunos, a professora fez a distribuição das mesinhas na sala de aula, da seguinte forma: organização das crianças em pequenos grupos, (de quatro em quatro), no qual a professora preocupava-se, em agrupar as crianças em níveis de aprendizagens diferenciados, para que o grupo pudesse evoluir e partilhar conhecimento uns com os outros. Neste dia a professora ressaltou a importância desta parceria entre os alunos quando disse que: “Para que a aprendizagem aconteça é preciso que alguém ensine, não necessariamente o professor”. (DIÁRIO DE CAMPO). Evidenciou-se que a professora, tem conhecimento que esse processo de interação entre pares, é importante para as crianças, e que na grande maioria das situações de aprendizagem, isso fica evidente. Sabe-se que isso pode muitas vezes facilitar e gerar excelentes situações de construção do conhecimento das crianças, confirmando o que Vygotsky (2007) discerne e destaca, acerca da Zona de Desenvolvimento Potencial, em que com a orientação adequada de alguém com mais experiência, as situações de aprendizagens se concretizam, e se tornaram funções consolidadas, estabelecendo o nível de desenvolvimento real. Tudo isso, estabelece-se um domínio psicológico em constante transformação, e aquilo que uma criança é capaz de fazer com a ajuda de alguém hoje, ela conseguirá realizar sozinha amanhã. Neste sentido, é pertinente afirmar que desde o nascimento, a inter-relação entre desenvolvimento e aprendizagem é importantíssima para a construção do sujeito, pois neste processo dialético de influências e interações entre os sujeitos aprendentes, considera-se que, ao produzir o meio em que vive, o homem também se produz.

Sabemos que quebrar paradigmas não é uma tarefa fácil, mas estimulados pela necessidade de oferecer opções de aprendizagem que sejam mais adequadas à realidade dos estudantes que habitam as salas de aula, é salutar entender e reinventar técnicas de sucesso. Em uma instituição como o Projeto Ágape, as práticas pedagógicas que decorrem existem pelo grande envolvimento por parte de todos que compõem o Projeto; desde a cozinheira, as professoras, a diretora super-preocupada com o bom atendimento às crianças, para que não lhes faltassem nada, e com toda a logística para o bom andamento do Projeto; visualizam e buscam mudanças dentro da instituição, que vão além do cuidar e buscaram mergulharam afundo na concretização da existência de práticas pedagógicas inovadoras.

E tudo isso, evidenciou-se como espaço onde as ações desenvolvidas dão importância à assistência, ao acolhimento no atendimento das crianças e juntando-se a isto, dispõe também da construção de situações de aprendizagens. Não deixando de repensar que as necessidades diárias de construção do senso crítico nas crianças devem acontecer deste cedo, e na dimensão

da distribuição do tempo e do espaço necessários a essas transformações, por parte do professor, refletindo sobre sua prática. Pois, a partir do momento em que o professor propõe refletir, e reconhecer que, para enfrentar novos desafios, precisamos mudar e desconstruir aquilo que anteriormente era necessário, mas que no momento atual não supre mais nossas necessidades. É assim nesta prerrogativa, que cabe ao professor inovador fazer com que a criança construa seu conhecimento e aprenda, agindo como sujeito capaz de se renovar a cada dia. É notável no dia a dia da instituição, que as professoras dão ênfase não somente a assistência às crianças, mas sobretudo, se preocupam com a interação e a aprendizagem dos alunos. Agindo assim, todos que compõem o Projeto Ágape está deixando de lado o velho paradigma fabril, e fazendo com que todos possam aprender a conhecer, aprender a conviver, aprender a ser, aprender a fazer, ou seja, aprender a aprender.

5.4 A importância do brincar para desenvolvimento infantil

Brincar desenvolve as habilidades da criança de forma natural, pois brincando aprende a socializar-se com outras crianças (CUNHA, 2001, p. 18).

Realizar uma pesquisa em uma instituição infantil, no caso desta, o Projeto Ágape, é de suma importância observar também as ações que decorrem em torno da importância dada ao brincar, pois brincar é coisa séria, e brincando a criança se desenvolve fisicamente, cognitivamente e psicologicamente.

O universo infantil é fascinante. É desta forma que cabos de vassouras transformam-se em cavalos e com eles as crianças cavalgam para todos os tempos e lugares: pedaços de pano metamorfoseiam-se em capas e vestimentas de príncipes e princesas; pedrinhas em comidinhas; cadeiras em trens; crianças em pais, professores; motoristas, monstros, super-heróis (BORBA, 2006).

A infância é marcada em grande parte das sociedades contemporâneas, pelo brincar, que faz parte de conhecimentos culturais típicos, independente do segmento no qual a criança está inserida. No Projeto Ágape, as atividades desenvolvidas, tinham como principal ingrediente, a brincadeira, o lúdico. Desde as brincadeiras dirigidas; que são aquelas mediadas pela professora, que aconteceram algumas vezes durante minhas observações, e sempre que aconteciam era com o intuito de alcançar algum objetivo; até as brincadeiras livres, (as quais observei acontecer com mais intensidade), pois além das professoras acharem importante este

momento, aproveitam para “tomar um cafezinho”, enquanto observavam as crianças brincando lá fora à vontade.

As brincadeiras dirigidas auxiliam no desenvolvimento de questões importantíssimas que precisam ser aprendidas na infância. O brincar é importante porque, entre inúmeros benefícios, estimula o desenvolvimento intelectual da criança, ensina hábitos que serão necessários para o seu crescimento, como por exemplo:

- Saber que existem regras e que elas precisam ser cumpridas;
- Aprender a esperar a sua vez;
- Trabalhar em equipe;
- Compreender que algumas vezes ganhamos, mas em outras vezes perdemos;
- Perceber que vivemos em sociedade e não podemos fazer tudo que queremos; entre outras.

A estada em campo possibilitou-me observar e vivenciar algumas atividades dirigidas desenvolvida no contexto observado, (APÊNDICE 7, DIÁRIO DE CAMPO), com a observação da aula do dia 12 de junho, cujo objetivo era que as crianças trabalhassem em equipe e conseguissem formar corretamente a escrita de palavras simples; a mediação da professora aconteceu em todos os grupos no decorrer da atividade, naqueles cujas crianças necessitavam de mais atenção, acontecia com mais intensidade pois, por já conhecer a turma, a professora identificava com mais facilidade os grupos cuja necessidade de atenção era maior; ouvindo atentamente cada hipótese de leitura e escrita apresentada pelas crianças. Desta forma as crianças aprendem brincando, e a professora observa com atenção a relação aluno – aluno, e como elas estabelecem a relação entre o que fala e escreve. Nesta relação entre brincadeira dirigida - professor - aluno, as ações mediadas vão se concretizando, pois é assim que a aprendizagem acontece, e que o conhecimento se estabelece.

Durante a atividade, ou seja, da brincadeira dirigida, cada criança se interessava em ajudar os colegas a formar as palavras; o entrosamento acontecia de forma natural.

Aluno A: “Espera, não é essa letra”. Dizia um aluno para um coleguinha.

Enquanto outro dizia; Aluno B: “Essas duas letras não formam o pedacinho BO”.



Fotografia 15: Brincadeira dirigida: Uso do alfabeto móvel.

Para Kishimoto, (2002) a brincadeira dirigida permite à criança vivenciar o lúdico e desvendar-se a si mesma, apreender a realidade, tornando-se capaz de desenvolver seu potencial criativo. Para as professoras, a brincadeira tem lugar garantido dentro da instituição, “pois brincando as crianças aprendem. Enquanto brincam criam um mundo onde tudo é possível”. (PT, DIÁRIO DE CAMPO).

Já as brincadeiras livres, como o próprio nome já revela, dão liberdade a criança para brincar do que quiser, sem haver a interferência de um adulto, sendo aquela em que a própria criança é quem inicia, cria, e tenta superar seus limites de imaginação. O tempo livre para as crianças brincarem no pátio da escola se enquadra aí. Sob a supervisão - não a imposição - de adultos. Nas observações feitas dentro da instituição pesquisada, as brincadeiras livres acontecem na então chamada “Hora do recreio”; que vai das 10:00 às 10:30, neste horário as crianças saem da sala de aula, e vão brincar na área livre da escola, a qual dispõe de um parquinho com escorregador, balanços, e um carrossel. É uma área composta por uma boa sombra, produzida por árvores frutíferas com mangueiras e goiabeiras. Quando eles terminam de lanche, a professora deixa-os sair.

É com muita alegria, que as crianças esperam este momento.

Aluno C: “Oba! É hora de brincar!”

E todas saem em disparada em direção ao parquinho. Dá para ver que é o momento mais esperado pelas crianças. Podemos comprovar isso, nas fotografias abaixo apresentadas, tiradas no parquinho do Projeto Ágape, as crianças se divertem e ao mesmo tempo aprendem de maneira divertida. Isso é essencial no mundo infantil.



Brincando no
carrossel.



Fotografias 16 e 17:
Crianças brincando no
Parquinho da Projeto Ágape.

Brincando no
balanço.

Nas fotografias 16 e 17, as crianças brincando no carrossel, e no balanço ou como eles dizem “gira-gira”; usando a imaginação, disseram que ali era um ônibus e o “Aluno A”, este de camisa vermelha, era o motorista. Eles giravam várias vezes:

Aluno D, dizia: “Próxima parada!”

E sempre descia ou subia alguém no “ônibus imaginário”. Esta brincadeira durou todo o período que as crianças permaneceram no recreio. A alegria estampada no rosto das crianças e a vontade que a brincadeira não terminasse, era visível, quando a professora os chamou para entrar; pedindo a professora:

Aluno E: “Deixa mais um pouquinho, professora”.

Na fotografia 18, as crianças criaram uma situação imaginária, ou seja, uma situação de faz-de-conta, fizeram um “montinho” de areia, disseram que era um bolo de aniversário, enfeitaram e começaram a cantar parabéns. (DIÁRIO DE CAMPO). Isso foi observado na minha visita de campo que aconteceu em 06 de abril de 2016. Estas situações também conhecidas como jogos simbólicos, no qual a imaginação das crianças faz surgir novos ambientes, criam novos papéis e organizam espaços de fantasias, no qual o enredo construído,

dá possibilidades a criar novidades, e isto é importantíssimo na construção de interações e no desenvolvimento das crianças.

Fala do Aluno F: “Este é o melhor momento do dia”.

Fotografia 18: Bolo de areia feito pelas crianças.



Para Vygotsky (1987), o brincar tem sua origem na situação imaginária criada pela criança no qual o mais importante é a utilização de alguns objetos como brinquedo e a possibilidade de executar com ele um gesto representativo. Ainda segundo esse autor, a brincadeira possui três características: a imaginação, a imitação e a regra. Elas estão presentes, tanto nas brincadeiras tradicionais, quanto nas de faz-de-conta, como ainda nas que exigem regras.

E é nessa relação entre o brinquedo e a brincadeira, estabelecidas entre as crianças pesquisadas, que o desenvolvimento se dá. E Vygotsky (2007), confirma este vínculo, quando diz:

(...) o brinquedo fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência. A ação da esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações – tudo aparece no brinquedo, que se constitui assim, no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar. A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brinquedo. Somente neste sentido o brinquedo pode ser considerado uma atividade condutora que determina o desenvolvimento da criança (VYGOTSKY, 2007, p. 117).

Desta forma, a brincadeira se apresenta como um agente importante para o desenvolvimento da criança. Sabemos que é brincando que a criança aprende. A ludicidade é uma ferramenta indispensável no desenvolvimento e na aprendizagem infantil, por isso o brinquedo e a brincadeira, são algo imprescindíveis na infância e suas possibilidades de uso, permitem um desenrolar e a criação de inúmeras situações de aprendizagem que possibilitam

a mediação do conhecimento, porque para a criança não há atividade mais completa do que o brincar.

Os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil, nos revelam a importância do brincar, quando referenda que:

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o "não-brincar". Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica (...). Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade (RCNEI, 1998, p. 27).

Brincar durante a infância é algo essencial para o desenvolvimento de habilidades, e consequentemente da aprendizagem. Mesmo sem saber teoricamente que a brincadeira é essencial na vida das crianças, as professoras do Projeto Ágape, mas especificamente da turma de 4 e 5 anos, deixam as crianças brincarem, pois nestas atividades com um toque lúdico, as crianças se envolvem com mais facilidade, revelando processos internos, muitas vezes esquecidos, e assim aprendem brincando. A criança percebe e aprende, através de suas experiências de mundo, ou seja, daquilo que ela vivencia no seu dia a dia. A aquisição de habilidades e competências também se dá através dessas interações, e é assim que o conhecimento acontece.

Com o intuito de ouvir da própria professora se o brincar tem lugar garantido na instituição, questionei qual seria a importância do brincar no desenvolvimento das crianças, e se as atividades lúdicas têm espaço garantido no Projeto Ágape, e a professora me responde: “Sim. Reconheço com certeza a importância do brincar para o desenvolvimento das crianças, e aqui no Projeto incluímos diariamente na nossa rotina tempo destinado a essa finalidade. A brincadeira é uma atividade necessária e saudável na infância. Por meio da brincadeira ela constrói seu próprio mundo e se projeta no mundo real.” (DIÁRIO DE CAMPO).

Esta fala da Professora, é reafirmada por Vygotsky (2007, p. 117), quando corrobora dizendo que: “Na brincadeira a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além do seu comportamento diário; no brinquedo, é como se ela fosse maior do que ela é na realidade”. As crianças aprendem com mais facilidade, quando são envolvidas em um universo de fantasia, no qual o mundo real e o mundo imaginário se misturam, e neste caso a linguagem que ela domina é a imaginação e o faz-de-conta, e o papel do brinquedo e da brincadeira é presença indispensável neste mundo imaginário.

O brincar pressupõe também o aprendizado de uma forma particular em relação com o mundo marcado pelo distanciamento da realidade da vida comum, ainda que nela referenciada. As brincadeiras de imaginação-fantasia, por exemplo, como a realizada pelas crianças, apresentadas nas fotos anteriores, exige que seus participantes entendam que o que está se fazendo não é o que aparenta ser.

De acordo com Kishimoto (1999);

A brincadeira é ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica, é o lúdico em ação, pois para ser capaz de falar sobre o mundo, a criança precisa saber brincar com o mundo com a mesma agilidade que caracteriza a ação lúdica (KISHIMOTO, 1999, p. 37).

A brincadeira é sem dúvida uma forma de auto expressão; mesmo as aparentemente mais simples são fontes de estímulos ao desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança. E as professoras pesquisadas dispõem boa parte do momento que as crianças ficam no Projeto, a prática de atividades lúdicas. O faz-de-conta estimula a fantasia, a criatividade, e auxilia a criança a construir cenários, a comunicar-se com outras crianças, na aquisição da linguagem e conseqüentemente da aprendizagem. Sendo assim, fica evidente que durante a infância a aprendizagem está aliando ao brincar, e que este constituísse basicamente um sistema que integra a vida social das crianças. Tendo em vista que a instituição pesquisada desenvolve suas atividades exclusivamente com crianças, é pertinente observar e analisar, como se destaca a importância dada ao brincar no desenvolvimento e na aprendizagem, que convenhamos é importantíssimo nesta fase da vida. Sabemos que além da família, a escola, é um dos primeiros momentos em que a criança é inserida no meio social, e que assume com uma das suas principais funções, estimular as crianças a serem sujeitos éticos, reflexivos e autônomos. Ou seja, o papel das instituições que atuam na área de educação Infantil, é antes de tudo, promover a socialização das crianças, e o brinquedo e a brincadeira são uma das formas mais precisas e concretas desta socialização.



Fotografia 19: Voluntários brincando com as crianças.

O brincar significativo, aliado ao aprender a aprender, estar presente no cotidiano das crianças do Projeto Ágape e em algumas ações desenvolvidas dentro da instituição observada, desde o horário da chegada (ao serem recepcionadas pelas professoras no portão), até o momento da saída, quando são buscadas pelos pais ou responsáveis. Nota-se que na maioria das atividades desenvolvidas, as crianças são tratadas como crianças, deixando-as agir naturalmente, e as ações voltadas para divertir as crianças se destacou com mais veemência, nas atividades desenvolvidas em datas comemorativas. Como na fotografia vista anteriormente.

E qual o papel do educador, para que as crianças possam se desenvolver e aprender através das brincadeiras? O papel do educador se faz necessário numa vivência em todas as fases da infância, pois é importante ter ligado ao seu autoconhecimento e autoconsciência, o conhecimento teórico. Desta forma, ele estará preparado para mediar no jogo infantil, de maneira correta, destacando o posicionamento mais adequado a situação. As professoras participantes da pesquisa até se fantasiavam, em alguns momentos lúdicos para dar mais ênfase a estas situações.



Fotografia 20: Professoras fantasiadas.

Todas as atividades lúdicas, realizadas na área livre pelas crianças, durante a minha estada no Projeto Ágape, foi com a presença atenta das professoras. Pois elas sabem que este tempo é importante para que as crianças possam desenvolver a autonomia e a socialização, brincar, não é perder tempo é ganhá-lo, ou seja, é através da brincadeira que as crianças estabelecem relações com o meio e interagem com o outro para construir a própria identidade e desenvolver sua autonomia. Como nos salienta Piaget, “O conhecimento resulta de interações que se produz a meio caminho entre dois” (PIAGET, 1972, p. 14). Também é importantíssimo, o repertório de brinquedos e brincadeiras de um educador, pois é altamente revelador de sua proposta de trabalho e sua concepção de educação. Afinal, os brinquedos e

as brincadeiras contam muitos segredos. A presença do educador no momento de brincar é agregadora e estimulante. Brincando junto, o educador infantil mostra como se brinca, não só porque assim demonstra regras, mas também porque sugere modos de solução de problemas e atitudes; identifica soluções lúdicas, fazendo o educando avançar tanto no desenvolvimento quanto na aprendizagem.



Fotografia 21: Banho de mangueira, prós e alunos.

Estes momentos lúdicos entre o professor, a criança e o brincar, no Projeto Ágape, é uma atividade diária, isto me encantou, pois em uma simples brincadeira de banho de mangueira em uma manhã de calor, os pequeninos e as professoras se divertiram muito. E assim é visto como é simples e prazeroso deixar de lado à base das velhas fórmulas “carrancudas” de ensinar, e direcionar às práticas pedagógicas uma nova visão de “Brincar de aprender”.

CAPÍTULO VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando decidi verificar se no contexto do Projeto Ágape existiam práticas pedagógicas inovadoras, tinha em mente conhecer a única Instituição da cidade que atua na área assistencialista e educacional concomitantemente, e como as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas professoras observadas, seriam capazes de criar um novo ambiente de aprendizagem no cotidiano das crianças que frequentam a instituição pesquisada.

Durante o percurso reflexivo deste estudo, debrucei-me, sobre várias ações desenvolvidas dentro da Instituição, como: a rotina das atividades desenvolvidas – construção e prática; para verificar se a prática pedagógica permanece arraigada aos velhos paradigmas fabris, ou se há inclusão de ações inovadoras; como acontece interação entre os pares, e qual a importância dada ao brincar dentro do Projeto Ágape. Tudo isso direcionado para a compreensão de como a criança aprende, e como acontece o desenvolvimento cognitivo, psicológico, físico e intelectual, durante a infância, pois sabemos que este é o maior desafio para os profissionais que atuam na Educação Infantil, principalmente na chamada “era da sociedade do conhecimento”.

A influência motivada pelas mudanças exercidas sobre as sociedades contemporâneas deve, ou melhor, deveria ser contemplada por todas as instituições, principalmente, pelas instituições que atuam na área educação escolar e pela educação informal. Assinalo, ainda, que os desafios apontados pelas transformações da sociedade do conhecimento, quando bem utilizada, estão originando um processo positivo e de grande eficácia em prol da educação, e no processo de crescimento e desenvolvimento humano. Tendo em vista tudo isso, a minha estada no Projeto Ágape, possibilitou-me um olhar diferenciado em busca de uma prática inovadora, que tem na aprendizagem seu principal objetivo. A inovação foi designada a conceitos de mudança, desafio, conhecimento, novidade, visando a melhoria da aprendizagem das crianças. E foi aguçada com a existência da professora mediadora, que incentivava e deixada com que cada aluno contribuísse com a aprendizagem de forma coletiva.

Contudo, as mudanças provocam sempre certa inquietação nas estruturas já existentes, causando confrontos constantes nas ideias de todos que não se conformam com um sistema pré-determinado, e que não supre as necessidades atuais. Aliás, se não houvesse o confronto, não aconteceria a inovação. É preciso que a educação seja vista e entendida, como prioridade, e, portanto, extremamente fundamental nas mais diversas sociedades; por isso cabe a ela o papel e o dever de fornecer elementos inovadores. Por esse motivo, o Projeto Ágape e os

atores envolvidos na pesquisa demonstraram estarem aptos ao enfrentamento das mudanças ressaltadas pela nova ordem socioeducativa, visando a melhoria na qualidade dos processos de aprendizagens existentes, e sobretudo prepará-los criticamente para o autoconhecimento e, também para as relações que surgirão no decorrer do percurso, voltadas para as práticas inovadoras já existentes nessa instituição, que não tem como função apenas cuidar e educar das muitas crianças de nossa cidade, mas de sim agregar valores que integrem a construção da autonomia. Esta tal mudança, apresenta-se como indícios de transformação quando direcionados para a questão da aprendizagem, as quais convergem com ambientes interacionistas, que comungam com ações de partilha de ideias, dando voz e vez aos alunos da turma observada.

Para tanto, os resultados demonstraram que a aquisição do conhecimento e consequentemente da aprendizagem, apresenta-se mais ativa, dialética e com maior significado para o cotidiano das crianças e de todas as pessoas que estão engajadas com as ações desenvolvidas dentro da instituição pesquisada. Assim, essa reflexão mostra que as ponderações e intervenções em torno das ações desenvolvidas dentro do espaço do Projeto Ágape, comungam com a teoria interacionista de Vygotsky, especialmente, quando apontam para a abrangência de partilhar entre os sujeitos envolvidos, possibilidades individuais e coletivas de conhecimento e aprendizagem, a fim de que todos os envolvidos possam se desenvolver sob o signo das várias formas e expressões e, fundamentalmente, desenvolvam-se pela valorização da interação entre os aprendentes, como artifício de estímulo cognitivo.

Os dados averiguados também se aproximam do Construcionismo de Seymour Papert, especialmente da Matemática, uma vez que os alunos demonstraram adquirir uma maior aprendizagem em um menor espaço temporal, pois são respeitadas em suas ideias, são tratadas como uma criança realmente deve ser, e desta forma aprendem a aprender. O fato de proporcionar e valorizar a autonomia e ao mesmo tempo a cooperação entre os sujeitos aprendentes, também podem ser compreendidas dentro de uma visão dialética.

Finalizando essa dissertação, julgo importante destacar que é cada vez mais importante e frequente que se busquem novas formas para evoluir no desenvolvimento cognitivo entre os pares, e tendo a figura do professor como mediadora do processo de aprendizagem e não como principal figura detentora do saber. Para que se atinja esse objetivo, uma boa experiência é valorizar aprendizagem e nunca o ensino. Posto que se tornou claro que os sujeitos não devem se restringir à busca pela sabedoria de forma individualizada, pelo contrário, devem agir como autores e atores atuantes no processo de aprendizagem e da construção de uma sabedoria coletiva, pois só convivendo em um cenário em que muitos evoluem é que se pode continuar

evoluindo. Esse processo deve ser realizado em meio a um clima de confiança e parceria entre educandos e educadores, que estejam envolvidos por uma mesma proposta, ou seja, em busca da valorização da aprendizagem, que leve em consideração o meio social no qual está inserido, valorizando as experiências sociais, as vivências culturais, e sobre tudo, o respeito à trajetória histórica de cada sujeito aprendiz.

Foi possível, a partir das respostas às questões de investigação, a construção de um conhecimento mais útil e seguro sobre a prática pedagógica desenvolvida no Projeto Ágape, modifica a maneira dos aprendizes, verem as novas formas de desenvolver a aprendizagem. Sendo assim, recomendo que este estudo é de grande valia para a comunidade Campo-Formosense, e também para todo o meio acadêmico, tendo em vista o reconhecimento incontestável da importância desta Instituição em nossa cidade.

Ao término de toda a investigação e análise dos dados coletados, cheguei à conclusão que as atividades desenvolvidas pelo Projeto Ágape, juntamente com os autores sociais envolvidos por esta instituição, são capazes de gerar mudanças pedagógicas inovadoras e ao mesmo tempo promover aprendizagem. A inovação em educação estabelece uma análise profunda das práticas que decorrem das condições organizacionais da escola. Diante, disto, a pesquisa realizada, corresponde assim, a representação que foi dada à inovação pedagógica que destacou ser o uso de novas maneiras que auxiliam no processo de aquisição da aprendizagem, confirmando assim uma prática pedagógica que não permanece num tradicionalismo, mas sim que busca a cada dia mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

ABRONG. **Comissão sobre Governança Global**. Nossa comunidade Global. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmoso Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2008.

ARIÉS, Philipe. **História social das crianças e da família**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BARBOSA, Maria C. S. **A Rotina nas Pedagogias da Educação Infantil**: dos binarismos à complexidade, Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, p. 56-69, Jan./Jun.2006. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/barbosa.pdf>. Acesso em 19/05/2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, Editora: Edições 70, 2010.

BOGDAN, R., BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação** – uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BORBA, Ângela M. **O brincar como modo de ser e estar no mundo**. In: BRASIL, MEC\SEB. Ensino Fundamental de nove anos de idade\ Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BOURDIEU. Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 6ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

BRASIL. **Plano Nacional da Primeira Infância**. Versão resumida. Rede Nacional da Primeira Infância, Brasília, 2010.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2009.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação. Brasília: MEC\SEF, v.1, 1998.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Secretaria de Educação. Brasília, 1996.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Secretaria de Ação Social. Brasília, 1990.

_____. **Constituição Nacional de 1988**. Brasília, 1988.

CÂNDIDO, F. F. **Práticas pedagógicas e inovação na instituição de ensino**: uma abordagem psicopedagógica com foco na aprendizagem. Revista Psicopedagogia 2010; 27(83): 262-72 <<http://www.revistapsicopedagogica.com.br/83/files/search/text.xml>. Acesso em 08 de jan. 2016.

CUNHA, Nulse Helena Silva. **Brinquedoteca, um mergulho no brincar**. 3ª edição, Vetor, São Paulo, 2001.

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

DEMO, Pedro. **Educação hoje**: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades. São Paulo: Atlas, 2009.

ESTEVAM, Bread Soares. **Reflexões sobre o Diário de Campo**. Rio Grande, RS: Universidade Federal do Rio Grande, 2012. < Publicado em 08/01/2012 > acessado em 23 fev. 2017.

FAZENDA, Ivani (Org.) **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1996.

FINO, Carlos Manuel Nogueira. **Demolir os muros da fábrica de ensinar**. *Humanae*, v. 1, nº 4, p.45-54, ago. 2011.

_____. **Inovação Pedagógica**: significado e Campo (de investigação). In MENDONÇA, A.; BENTO, A. V. (Org.) *Educação em Tempo de Mudança*. Funchal: Grafimadeira, p. 277-287, 2008a.

_____. **A Etnografia enquanto Método**: Um modo de entender as culturas (escolares) locais. In ESCALLIER, Christine; VERÍSSIMO, Nelson (Org.). *Educação e Cultura*. Funchal: DCE – Universidade da Madeira, p. 43-53, 2008b.

_____. **Inovação e Invariante (Cultural)**. In Atas do VII Colóquio sobre Questões Curriculares. Braga: Universidade do Minho, 2006. Disponível em: <http://www.uma.pt/carlosfino/publicacoes/a3.pdf>. Em Acesso em 14 de jun. de 2016.

_____. **Convergência entre a Teoria de Vygotsky e o Construtivismo/Construcionismo.** Funchal: Universidade Madeira, p. 1-6, 2004.

_____. **Escola da Pena:** o emergir de uma cultura “nova”. In A. Estrela & J. Ferreira (Eds.). Atas do X Colóquio Internacional da AFIRSE/APELF (pp. 390-401). Lisboa: Universidade de Lisboa, 2001a.

_____. **Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP):** três implicações pedagógicas. Revista Portuguesa de Educação, vol. 14, nº 2, pp. 273-291, 2001.

_____. **Novas Tecnologias, Cognição e Cultura:** um estudo no primeiro ciclo do Ensino Básico. Tese de Doutoramento. Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Defendida em 30 de jun.2000.

GADOTTI, Moacir. **Educação e compromisso.** 4. ed. Campinas: Papirus. 1992.

GARCIA, R. W. D. **Reflexos da globalização e da cultura:** considerações sobre as mudanças. Revista de Nutrição, Campinas, out. /dez., 2003.

GOHN, Maria da Glória. **Organizações não governamentais:** a modernidade da participação social brasileira. Campinas: Unicamp. 1997.

_____. **Movimentos Sociais na Contemporaneidade.** Revista Brasileira de Educação. v.16, nº 47. Maio-ago. Campinas: Unicamp. 2001.

HESS, Remi. **O Movimento do Diário de Pesquisa na Educação.** In: Ambiente e Educação – vol. 14 – Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 1996, p. 61-87.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo.** Tradução Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Globo, 2009.

KOCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica:** Teoria da ciência e da prática da pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes,1997.

KRAMER, Sônia. **O papel da pré-escola.** In: SOUSA, S. J.; KRAMER, S. Educação ou tutela. A criança de 0 a 6 anos. São Paulo: Ática, 1991.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org.) **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. **Jogos Infantis: O jogo, a criança e a educação.** 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

KUHLMANN, JÚNIOR, Moisés. **Instituições pré-escolares assistencialistas no Brasil.** São Paulo, 1999.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** Tradução Beatriz Vianna Doeira e Nelson Boeira. – 2ª Ed. - São Paulo: Perspectiva, 1978.

LAPASSADE, G. **As Microsociologias.** Brasília: Liber Livros Editora, 2005.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, E. D. **A Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPV, 2005.

LOCKE, John. **Ensaio Acerca do Entendimento Humano.** Trad. Anoar Aiex. São Paulo: Editora Abril, 1978.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmações.** Brasília: Líber Livro, 2012.

_____. **Etnopesquisa Crítica, Etnopesquisa- Formação.** Brasília: Líber Livros Editora, 2010.

_____. **Um rigor outro sobre a qualidade da pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas.** Salvador: EDUFBA, 2009.

_____. **A etnopesquisa crítica e multirrefencial nas ciências humanas e na educação.** Salvador: UDUFBA, 2000.

MANTAGUTE, Elisângela L.L. **Rotinas na Educação Infantil.** Centro Acadêmico de Pedagogia – II Semana da Pedagogia - FACIP-UFU. 2008. Disponível em: http://200.195.151.86/sites/educacao/images/stories/elisangelarotinas_na_educacao_infantil.pdf. Acesso em 03/12/2015.

MENDEZ, Emílio Garcia, **Infância e Cidadania na América Latina.** São Paulo: Hucitec, 1994.

MORAES, Maria Cândida, **O Paradigma Educacional Emergente.** Campinas São Paulo. Papyrus, 1997.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. **A construção social da moralidade pela criança pequena**. 2ª edição. Lisboa: Texto editora, 1999.

PAPERT, Seymour. **A Máquina das Crianças: repensando a Escola na Era da Informática**. Ed. rev. Porto Alegre, Artes Médicas, 2008.

_____. **A família em rede**. Tradução de Fernando J. F. Nunes e Fernando Augusto B. L. de melo. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

PFAFF, Nicolle. **Metodologia da pesquisa qualitativa na educação: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PÉREZ GÓMEZ, A. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PIAGET, Jean. **A Epistemologia Genética**. Petrópolis: Vozes, 1972.

QUIVY, Raymond.; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 4ª edição. Lisboa: Gradiva, 2005.

REIS, M. C.; LIMA, A. F. O.; GASCÓN, A. S. M.; DIAS, V. L. **A implantação da rotina didática no primeiro ano de ensino fundamental**. Anais do XV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica. Universidade do Vale da Paraíba, 2011. Disponível em http://www.unicepg.inivap.br/cd/INIC_2001/anais/arquivos/0_147_1053_01.pdf. Acesso em 30 de jun.de 2016.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e o Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Editora Vozes. 2006.

ROSSI, Padre Marcelo. **Ágape**. São Paulo: Editora Globo,2010.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Poderes instáveis em educação**. Trad. De Beatriz Affonso Neces. Porto Alegre, RS: Artmed, 1999.

_____. **A pedagogia por objetivos: obsessão pela eficiência.** Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedo e infância: Um guia para pais e educadores em creche.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SARMENTO, J. M. **As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade.** Lisboa: ASA, 2004.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.

SILVA, Michelle Pereira da; CARVALHO, Carlos Henrique de. **Infância e modernidade: redimensionando o ser criança.** Cadernos da FUCAMP, v.3, nº 3, 2004. Disponível em: [http://cefort.ufam.edu.br/posinfantil/pluginfile.php/567/mod_resource/content/11/INFANCIA %20E%20MODERNIDADE_1UNID.PDF](http://cefort.ufam.edu.br/posinfantil/pluginfile.php/567/mod_resource/content/11/INFANCIA%20E%20MODERNIDADE_1UNID.PDF). Acesso em 21 abr. 2016.

SILVA, Carmem Virgínia Moraes da; FRANCISCHINI, Rosângela. **O surgimento da educação infantil na história das políticas públicas para a criança no Brasil.** Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v.8, nº 12, 2012. Disponível em: http://cefort.ufam.edu.br/posinfantil/pluginfile.php/568/mod_resource/content/5/texto%202.pdf. Acesso em 17 abr. 2016.

SOARES, Natália Fernandes. **Os direitos das crianças nas encruzilhadas da proteção e da participação.** In: Revista Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância, UFSC/CED, Centro Ciências da Educação, n.12 - julho/dezembro 2005.

SOUSA, Jesus M.; FINO, Carlos N. **As TIC Abrindo Caminho a um Novo Paradigma Educacional.** In Revista Educação & Cultura Contemporânea. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, p. 11-28, 2008. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino>. Acesso em: 24 abr. 2015.

_____. Jesus. M. & Fino, C. N. **Inovação e incorporação de novos saberes: o desenho curricular de um mestrado em Inovação Pedagógica,** in Actas do VIII Congresso da SPCE, "Cenários da educação/formação: Novos espaços, culturas e saberes", 2007. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino>. Acesso em 30 de jun.2015.

_____. Jesus Maria. **Educação: textos de intervenção.** Funchal: Editora O Liberal, 2004.

TOFLER, Alvin. **O choque do futuro.** Editora Artenova S\A. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos, 1973.

VALENTE, J. A. **Diferentes usos do computador na educação.** 2000. http://edutec.net/textos/Alia/PROINFO/prf_txtie02.htm. Acesso em 04 de jun. 2014.

VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. **Educação da infância: história e política.** Rio de Janeiro: DP e A, 2005.

VAZ, H. C. L. **Ética e Direito.** Edições Loyola, São Paulo, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semyonovitch. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henry. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WELLER, Wivian e PFAFF, Nicolle (org.). **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação,** Petrópolis: Vozes, 2010.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

XIMENES, Sérgio. **Minidicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo: Ediouro, 2002.

ZABALLA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZACCARELLI, Laura Menegon; GODOY, Arilda Schmidt. **Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações.** In: Scielo - Cad. EBAPE.BR, v. 8, n. 3, Rio de Janeiro, sept. 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512010000300011. Acesso em 03 de março de 2016.

ANEXOS

ANEXO 1 – Projeto Político Pedagógico do Projeto Ágape***Projeto Ágape***

Instruindo o menor para um futuro melhor!

Av. Manoel Bandeira 392 – Santa Luzia - Campo Formoso - Ba
Caixa Postal 21 - CEP 44.790-000 - CNPJ 07.772.425/0001-68
Lei Municipal Nº. 014/2006 - Lei Estadual Nº. 18.984/2010

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO**1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

1.1 Escola: PROJETO ÁGAPE

1.2 Entidade Mantenedora: Primeira Igreja Batista em Campo Formoso

1.3 Grau de Ensino: Creche e Pré-escolar

1.4 Endereço: Avenida Manoel Bandeira, 392 – Bairro Santa Luzia.

1.5 Município: Campo Formoso – BA

2. APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

O Projeto Ágape foi fundado em 24 de novembro de 2005 com o intuito de amparar crianças desassistidas socioeconomicamente por suas famílias e sociedade em geral.

A escola possui 70 crianças matriculadas na faixa etária compreendida entre 1 a 7 anos. Todas frequentando assiduamente. Contamos com um rol de aproximadamente 150 crianças que se enquadram no perfil de atendimento do projeto, mas não estão matriculadas devido à limitação de recursos financeiros que necessitaríamos para atender a essa demanda.

O perfil socioeconômico das famílias das crianças é classificado como classe baixa. A maior parte das famílias sobrevive de renda mínima oriunda de subempregos. Outra parte depende de programas assistencialistas do Governo Federal com o Bolsa família.

Possui amplas instalações: 4 salas; 1 sala de reuniões, 1 secretaria, 1 cozinha, 2 banheiros, área externa espaçosa. Desenvolve suas atividades com o uso de equipamentos diversos: TV, DVD, micro system e recursos didáticos convencionais.

A Diretoria do PROJETO ÁGAPE é composta de um presidente, um vice-presidente, um primeiro e um segundo secretário, um primeiro e um segundo tesoureiro, com mandato de 03 (três) anos que possuem as seguintes atribuições:

PRESIDENTE:

- A) convocar e presidir as reuniões administrativas;
- B) supervisionar os trabalhos e atividades gerais da instituição;
- C) cumprir e fazer cumprir estes estatutos, zelando pela regularidade de todos os trabalhos;
- D) contratar, profissionais competentes para os diversos serviços do PROJETO ÁGAPE;
- E) abrir, movimentar, encerrar contas bancárias e assinar conjuntamente com o 1º. Tesoureiro os compromissos financeiros do PROJETO ÁGAPE;
- F) assinar com o Secretario toda correspondência oficial da entidade;
- G) Dar, quando necessário, o voto de desempate nas reuniões.

VICE-PRESIDENTE:

- A) auxiliar o Presidente e substituí-lo em seus impedimentos;
- B) no caso de vacância na Presidência assumirá o Vice-Presidente.

1º SECRETÁRIO

- A) redigir e assinar todas as atas;
- B) manter em dia a correspondência da entidade, assinando-as juntamente com o Presidente.

2º SECRETÁRIO

Auxiliar o 1º Secretário e substituí-lo em seus impedimentos.

1º TESOUREIRO

- A) escriturar as finanças da entidade, efetuar os pagamentos por ela autorizado e prestar relatório do movimento financeiro da entidade;
- B) abrir, movimentar, encerrar contas bancárias e assinar conjuntamente com o Presidente os compromissos financeiros da entidade.

2º TESOUREIRO - Substituir o 1º. Tesoureiro nas suas ausências e impedimentos.

3. JUSTIFICATIVA

O PROJETO ÁGAPE é uma associação sem fins lucrativos de duração indeterminada. É um ministério filantrópico, assistencial e sem fins lucrativos que se destina ao amparo e educação de crianças e adolescentes carentes e/ou desassistidos, atendendo em regime de semi-internato e creche. O Projeto procura proporcionar atendimento, objetivando o desenvolvimento global das crianças, suprimindo as necessidades biopsicossociais e espirituais. No campo pedagógico atua como suporte à escola regular proporcionando situações didático-pedagógicas que desenvolvam o conhecimento, as habilidades e o desenvolvimento cognitivo de cada criança.

O Ágape está inserido em uma comunidade carente desprovida de condições financeiras que lhes permitam deixar em segurança seus filhos enquanto saem para prover a sobrevivência da família. O projeto Ágape é uma instituição confiável, séria e condizente para ampará-las e cooperar na educação formal e informal condigna das mesmas em parceria com os pais e/ou responsáveis e com os professores da escola regular, onde no contra turno as crianças, em idade escolar, estão matriculadas. Assim, contribuindo para que as crianças assistidas possam ter asseguradas uma infância feliz e expectativa de um futuro melhor.

4. HISTÓRICO

O Projeto Ágape existe há nove anos. Sua fundação foi em 24 de novembro de 2005 quando oficialmente e juridicamente o sonho foi concretizado. Durante esses anos manteve uma rotina de trabalho voltada para o desenvolvimento global das crianças que por lá passaram. As mesmas são recebidas às 7:30; recebem o fardamento, se alimentam, e em seguida são realizadas atividades educativas seguidas de recreação em ambiente amplo, limpo e organizado. Após o almoço algumas são encaminhadas à escola regular por seus familiares. Aquelas que não possuem idade escolar, permanecem nas dependências do Projeto até as 16:00 hs momento em que retornam para seus lares com seus responsáveis.

Para cumprimento de seus objetivos o Projeto é mantido por doações, ofertas, contribuições, de qualquer pessoa ou entidade, ou através de parcerias estabelecidas em contrato, desde que não sejam desobedecidos os princípios morais, éticos ou doutrinários por ele estabelecido. Todos os recursos são utilizados na consecução de seus fins.

Por escassez de recursos o Projeto permaneceu 6 meses fechado no período de janeiro a junho de 2010. Apesar de ter a Primeira Igreja Batista como mantenedora, os recursos são insuficientes para manter as despesas provenientes dos atendimentos aos menores. A proposta e a razão da existência do Ágape é atender de forma condigna as crianças que lá permanecem,

caso contrário, não há razão para fazer de conta que o trabalho é realizado. Para tanto o Presidente junto com a Diretora empenham-se diariamente em buscar parceiros para que o trabalho continue funcionando.

As atividades do Ágape não se limitam ao acolhimento das crianças. A família também recebe amparo através de encontros, reuniões, palestras e orientações individuais, quando se faz necessário.

Vários profissionais também têm dedicado atenção ao projeto em resposta às solicitações de seus diretores: Psicanalista, Médico, Psicopedagoga e outros.

A quantidade de crianças recepcionadas no Projeto variou nesses cinco anos entre 40 e 70 números atendido atualmente. Entretanto é necessário explicitar que o retorno desse trabalho não fica limitado a elas somente, mas é extensivo a dezenas de famílias, diversos bairros da cidade e à sociedade em geral, pois nosso lema é instruir o menor para um futuro melhor.

5. PROPOSTA

O Projeto Ágape é um Ministério filantrópico e assistencial, sem fins lucrativos, da Primeira Igreja Batista em Campo Formoso, que se destina ao amparo e educação de crianças carentes atendendo em regime semi-internato e Creche. Para tanto se adota projetos pedagógicos que as possibilitem conquistar autonomia, criatividade, expressão e decisão, construindo assim sua cidadania, tendo como princípios éticos a Bíblia Sagrada. O Projeto não é uma escola convencional, não temos como objetivo principal trabalhar com a estrutura curricular formal. Um dos critérios para recebermos e matricularmos uma criança é justamente que ela esteja matriculada também na escola regular para assegurar que ela usufrua desse direito que lhe é assegurado por lei. As ações desenvolvidas no Projeto vão além do conhecimento formal nos propomos investir na formação do caráter, no acompanhamento e satisfação de suas necessidades básicas, físicas, afetivas, sociais e cognitivas.

6. VALORES E MISSÃO

Contribuir para constante melhoria das condições educacionais, sociais, psicológicas dos matriculados, visando assegurar uma formação global de qualidade as crianças, num ambiente acolhedor, inovador, espiritual e pautado nos valores e princípios éticos e morais descritos na Bíblia a Palavra de Deus.

7. O QUE QUEREMOS

Uma das grandes necessidades do Projeto Ágape é a aquisição de uma área apropriada para construção da sede própria, onde poderemos atender um número bem maior de crianças com ambientes adequados as necessidades das mesmas. A construção da sede própria visa ampliar o nosso atendimento. Semanalmente temos dezenas de responsáveis em busca de vagas para crianças que estão dentro do perfil de atendimento do nosso Projeto, mas, com muita tristeza, não podemos atendê-los, pois já trabalhamos no limite máximo das nossas acomodações.

Continuar trabalhando dentro de uma perspectiva cristã de acolhimento aos necessitados, visando a prevenção de problemas sociais de jovens que apresentam comportamentos socialmente reprovados, através da do investimento na formação do caráter das crianças;

Pedagogicamente trabalhar dentro de uma proposta sócio interacionista, onde se crer que todo indivíduo é apto a aprender e que o meio onde se encontra possibilita situações reais de estímulo para que o desenvolvimento cognitivo seja promovido com eficácia e eficiência.

Manter um processo de avaliação processual de forma a assegurar uma proposta baseada no esquema de reflexão-ação-reflexão por parte de toda equipe de trabalho.

8. O QUE SOMOS?

Descreveremos o que somos abordando três eixos: os pontos fortes, os pontos fracos e nosso principal problema.

Pontos fortes:

- Liderança forte/ gestão participativa;
- Plano de trabalho bem definido;
- Estatuto do projeto;
- Espírito colaborador de toda equipe
- Bom relacionamento interpessoal
- O Projeto é bem visto pela comunidade;
- Experiência e comprometimento dos gestores
- Inexistência de evasão
- Espaço amplo das dependências e área de lazer

Pontos fracos:

- Escassez de recursos financeiros;
- Estrutura da área de lazer;
- Formação acadêmica da equipe docente;
- Informatização do projeto/ Internet;
- Inexistência de um refeitório;

Problema que deve ser atacado prioritariamente:

- Sensibilizar a sociedade e o poder público para a necessidade de manter o projeto por meio de doações/ parcerias.

9. O QUE FAREMOS? PROPOSTA CURRICULAR

O Projeto Ágape assume as funções de educar, cuidar e brincar, que devem ser trabalhados como processos complementares e indissociáveis.

O cuidar não abrange apenas cuidados primários como sono, alimentação e higiene pessoal, mas também o cuidado com a organização dos espaços, dos horários, dos brinquedos e atividades oferecidas as crianças, buscando sempre respeitar as peculiaridades e necessidades das mesmas, e oferecendo experiências e aprendizagens desafiadoras e adequadas a cada uma das faixas etárias atendidas.

O educar envolve as ações que vão promover a ampliação do conhecimento de mundo e do próprio universo cultural da criança, partindo dos conhecimentos prévios das mesmas e possibilitando que ela possa participar das experiências culturais próprias do seu grupo social, dando assim significados àquilo que a cerca.

De acordo com Piaget, o desenvolvimento cognitivo é um processo de sucessivas mudanças qualitativas e quantitativas das estruturas cognitivas derivando cada estrutura de estruturas precedentes. Ou seja, o indivíduo constrói e reconstrói continuamente as estruturas que o tornam cada vez mais apto ao equilíbrio.

No tocante ao brincar, consideramos que a brincadeira se constitui em um espaço de aprendizagem, de imaginação e de reinvenção da realidade, sendo fundamental para o desenvolvimento infantil. É através da brincadeira que a criança desenvolve a sua imaginação, a memória, a atenção, criando e recriando a realidade na qual está inserida, construindo valores e atitudes, enfim, se constituindo enquanto sujeito, produto e produtor de cultura no contexto onde está inserido.

Guimarães afirma que:

O brincar, tanto para criança como para os educadores, constitui uma atividade humana promotora de muitas aprendizagens e experiências de cultura. É parte integrante do processo educativo, devendo ser incentivada, garantida e enriquecida. É também canal de encontro e de diálogo entre adultos e crianças, diálogo que se faz com encantamento, alegria, criatividade, imaginação, transgressão, participação e cooperação. Que tal aprender com as crianças a inverter a ordem, a rir, a representar, a sonhar e a imaginar. (2006, p. 12).

A brincadeira está presente na rotina diária da criança tendo momentos de atividades livres e dirigidas.

Conforme Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, definimos as atividades pedagógicas nos seguintes eixos: Formação Pessoal e Social; Identidade e Autonomia e Conhecimento de Mundo.

Os conteúdos e metodologia são selecionados e desenvolvidos de forma que:

- Promovam um bom desenvolvimento psicomotor, cognitivo e linguístico que esta ligado a construção da personalidade e a capacidade de se relacionar com outras pessoas, no intuito de firmar a identidade e autonomia.
- Desenvolvam seu raciocínio lógico de forma lúdica através das brincadeiras e atividades diversas.
- Promovam a exploração dos movimentos e a expressividade afetiva e gestual, a sensação, a percepção e o conhecimento do mundo pelo próprio corpo, de modo a atender as especificidades etárias, desejos, interesses, curiosidades e necessidades individuais e coletivas das crianças, e valorizar as diferentes expressões de corporeidade (formas, cabelos, tons de pele).
- Possibilitam às crianças vivências éticas na relação com outras crianças e com seus grupos culturais e étnico-raciais em um ambiente de educação coletiva que alarguem os padrões de

referência das crianças e permitam a construção de múltiplas identidades no diálogo e reconhecimento das diferenças.

- Façam a mediação da exploração, da expressão da curiosidade, do questionamento e do conhecimento das crianças em relação ao mundo físico, social e natural, as coisas, ao tempo, ao espaço e à natureza, e em relação às quantidades e relações matemáticas;

- Ampliam as possibilidades comunicativas com uso de diferentes linguagens. Hoje sabe-se que a evolução da comunicação não se dá de forma espontânea nem está relacionada à genética e à hereditariedade. Participar de diferentes formas sociais de comunicação tem um papel fundamental nessa aprendizagem.

- Possibilitam a apreciação, a interação e o progressivo domínio das crianças das várias formas de expressão oral e escrita, assim como seu convívio com diferentes gêneros orais e escritos.

- Possibilitam às crianças o relacionamento com diversos gêneros e manifestações de música, artes, poesia, literatura.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, MEC/SEF. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:** introdução, v.1, Brasília, 1998.

GADOTTI, Moacir & ROMÃO, José E. **Autonomia da Escola** – Princípios e Propostas. São Paulo: Cortez, 1977.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento:** Plano de Ensino-Aprendizagem e Projeto Educativo. São Paulo: Libertat, 1995.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto Político Pedagógico:** Uma construção possível. Cortez, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Termo de consentimento

**TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO
AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

À Diretora do Projeto Ágape.

Eu Michele Sampaio dos Santos,
na qualidade de responsável pelo Projeto Ágape, autorizo a pesquisadora Maria Djani
Alves Silva, a realizar seu estudo intitulado “**Inovação Pedagógica e aprendizagem na
infância: O caso do Projeto Ágape**”, nessa instituição. Compreendo como a pesquisa
será realizada e sua importância tanto para a pesquisadora, quanto para comunidade
educativa. A responsável pela pesquisa se compromete:

- Sigilo, assegurando a privacidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa;
- Respeitar a Diretrizes Éticas envolvendo seres humanos.

Campo Formoso, 04 de abril de 2016.

Michele Sampaio dos Santos

Diretora do Projeto Ágape

Maria Djani Alves Silva

Maria Djani Alves Silva (Pesquisadora)

APÊNDICE 2 - Termo de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

À professora da turma.

Entendo que a pesquisa incluirá registro escritos e fotográficos de meus alunos e sobre minha atuação em sala de aula. Compreendo também que a minha identidade não será revelada e autorizo a transcrição, leitura, análise e divulgação do material obtido e conduzidos pela pesquisadora Maria Djani Alves Silva.

Concordo em participar do estudo.

Não concordo em participar do estudo.

Campo Formoso, 04 de abril de 2016.

Ana Cléia Santana Bezerra

Professora pesquisada

Maria Djani Alves Silva

Maria Djani Alves Silva (Pesquisadora)

APÊNDICE 3 - Termo de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

À professora auxiliar.

Entendo que a pesquisa incluirá registro escritos e fotográficos de meus alunos e sobre minha atuação em sala de aula. Compreendo também que a minha identidade não será revelada e autorizo a transcrição, leitura, análise e divulgação do material obtido e conduzidos pela pesquisadora Maria Djani Alves Silva.

Concordo em participar do estudo.

Não concordo em participar do estudo.

Campo Formoso, 04 de abril de 2016.

Josemilde Zabel da Silva Carvalho.
Professora pesquisada

Maria Djani Alves Silva.
Maria Djani Alves Silva (Pesquisadora)

APÊNDICE 4 – Termo de autorização do uso de imagem

Termo de autorização do uso de áudio e vídeo

Às professoras participantes da pesquisa.

Por entender minha atuação com professora e cotidiano de meus alunos ficarão muito expostos, não autorizo fazer uso de áudios e vídeos para realização da pesquisa que tem como título **Inovação Pedagógica e Aprendizagem na infância: o caso do Projeto Ágape**, realizada pela pesquisadora Maria Djani Alves Silva.

Portanto,

Não concordo que a pesquisadora faça uso de vídeos e áudios sobre minha atuação em sala de aula.

Campo Formoso, 04 de abril de 2016.

Ana Cléia Santana Bezerra

Professora da turma.

Josemilde Izabel da Silva Carvalho.

Professora Auxiliar.

Maria Djani Alves Silva.

Maria Djani Alves Silva (Pesquisadora)

APÊNDICE 5 - Guião de entrevista – Diretora da Instituição

- 1- Como você vê a proposta desenvolvida no Projeto Ágape? No que ela se inspira ou se baseia?
- 2- De que forma as famílias contribuem para a aprendizagem dos alunos?
- 3- Como acontece a participação das Famílias no Projeto Ágape?
- 4- Você acredita que o espaço físico, influencia na aprendizagem dos alunos?
- 5- As crianças de 4 e 5 anos atendidas no Projeto Ágape, desenvolvem atividades iguais as das escolas regulares?
- 6- Atualmente se fala muito em inovação pedagógica, o que você entende por isto?
- 7- Você considera o Projeto Ágape uma instituição inovadora? Por quê?
- 8- Por ser uma Instituição que baseia seus ensinamentos nos princípios religiosos, como isso influencia no dia a dia e conseqüentemente na aprendizagem das crianças?
- 9- Como você vê o papel do professor no processo de aprendizagem das crianças?
- 10- O brincar é uma forma de comunicação universal durante a infância; e sendo o Projeto Ágape, uma instituição que atua diariamente com na formação de crianças, como é visto o brincar na aprendizagem dos pequenos?
- 11- O que é mais importante: O ensino ou aprendizagem? Justifique.
- 12- Na sua opinião a sala de aula é o único lugar onde os alunos aprendem?
- 13- O que destaca de pontos positivos e negativos na Instituição Projeto Ágape?
- 14- Faça um breve resumo das atividades desenvolvidas no Projeto Ágape durante a semana.
- 15- O que você gostaria de acrescentar a esse momento de conversa?

APÊNDICE 6 - Guião de entrevista – Professoras

1-Como você vê a proposta desenvolvida no Projeto Ágape? No que se diferencia das escolas regulares?

2-Atualmente fala-se muito em Inovação Pedagógica, o que você entende por isto?

3-Você considera que as práticas pedagógicas desenvolvidas na sua sala de aula favorecem a aprendizagem?

4- De que maneira as crianças de 4 e 5 anos podem aprender?

5- Sabemos que a escola se constitui o local onde o ensino sistematicamente é transmitido. Você concorda que é somente na escola que aprendizagem verdadeiramente acontece?

6- O que é mais importante: O ensino ou a aprendizagem?

7- Como você vê o papel do professor diante do processo de aprendizagem das crianças?

8-O que destaca de pontos positivos e negativos na Instituição Projeto Ágape?

APÊNDICE 7 - Diário de Campo**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Data: 04 de abril de 2016.

Hora início: 7h e 15 min. **Hora término:** 9 h e 30 min.

Local: Portão, secretaria e sala de aula.

Atividade vivenciada: Entrada das crianças, início da aula.

No primeiro dia de observação, cheguei ao Projeto Ágape as 7 h e 15 min. Neste mesmo momento, também iam chegando na instituição algumas funcionárias, entre elas, as 2 professoras que atuam na sala que irei observar (PT e PA) e A Diretora da Instituição (DPA). Como já tinha conversado com a 8 dias atrás com a mesma, me apresentei e falei sobre a importância da minha estadia no Projeto, para o bom desenvolvimento da minha pesquisa, e posteriormente com a autorização de todos responsáveis pela instituição e participantes na pesquisa, apresentaria no futuro o resultado final da pesquisa.

Fui muito bem recebida por todas e encaminhada para uma sala, onde todas as funcionárias se reúnem para fazer a primeira oração do dia. A oração foi conduzida pela (DPA), a qual agradeceu por mais um dia de trabalho, pediu sabedoria e discernimento para lidar com as situações difíceis enfrentadas diariamente. (Por sinal um momento de oração muito bonito). Ao término da oração, as professoras se dirigiram ao portão da Instituição, para recepcionarem as crianças e pais. Neste momento o relógio marcava 7h e 30 min. Os pais entregam os filhos às professoras no portão da Instituição e as mesmas são encaminhadas pelas (PA) Professoras Auxiliares, para suas respectivas salas. Este período de entrada das crianças, dura cerca de 30 minutos; ou seja; das 7h e 30 min., às 8h.

Quando todas as crianças já estão na sala de aula, a PT, organiza a turma em uma rodinha fazem oração com as crianças; em seguida é servido o café da manhã, na sala mesmo, pois o Projeto não dispõe de um refeitório. Cardápio do dia: Cuscuz com manteiga e café com leite.

OBS: Antes das crianças fazerem o desjejum, todas oraram juntas (as 2 pró, PT e PA) e as crianças.

A primeira atividade do dia, a PT, reorganizou a sala e colocou todas as crianças em uma rodinha sentadas no chão, e disse que o momento da historinha (mais tarde fiquei sabendo que elas chamam este momento de culto). Apresentou às crianças uma Bíblia Infantil Ilustrada, e começou a contar a história de Noé, fazendo uso de materiais concretos. (Era notável a grande

atenção de todos durante a contação da história e o interesse pelos objetos apresentados). Em seguida a professora realizou a interpretação oral da história lida. As perguntas feitas para as crianças foram:

- 1- Qual o título da história que a pró acabou de contar? (A resposta ecoava em coro pelas crianças).
- 2- Por que Noé construiu um grande barco?
- 3- O que Noé colocou na Arca?
- 4- Quantos dias e quantas noites a chuva caiu sem parar?
- 5- Qual foi o primeiro animal a sair da Arca para ver se já tinha terra firme?

Entre as crianças notasse a participação mais ativa de 6 delas; enquanto as outras observa com atenção a resposta dada pelos colegas e a explicação da professora.

Ao término da conversa, a PT, pede para todos voltarem a sentar nas cadeiras para concluírem a atividade. Um desenho livre sobre o que mais gostaram da história.

Obs.: Neste momento, precisei me ausentar do Campo de Pesquisa, o trabalho me esperava.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 05 de abril de 2016.

Hora início: 9h e 20 min. **Hora término:** 10h.

Local: Sala de aula.

Atividade vivenciada: Hora do lanche.

Neste dia, cheguei às 9 h e 20 min., as crianças estavam sendo levadas ao banheiro em pequenos grupos de 4 por vez; para fazer as necessidades pessoais e em seguida lavar as mãos. A turma foi dividida em 5 grupos de 4 crianças. Enquanto a PA, leva as crianças ao banheiro, a PT, organiza as que já tinha ido, para fazerem o lanche. Quando todos já estavam organizadinhos em suas mesas, entrou Dona Maria, uma das Senhoras que trabalham na cozinha para lhes servirem o lanche. O lanche era composto por 2 frutas (banana, maçã) que ficava a critério das crianças escolherem a que mais gostava. A escolha procedeu assim: 12 crianças escolheram banana e 8 crianças escolheram maçã. O lanche foi servido às 9 h e 40 min.

Ao terminarem, todos foram levados à área externa para brincarem ao ar livre.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 06 de abril de 2016.

Hora início: 9h e 50 min. **Hora término:** 10 h e 20 min.

Local: Parquinho.

Atividade vivenciada: Brincadeiras ao ar livre.

As crianças esperam com grande alegria este momento. Ao serem liberadas pela PT, saíram em disparada em direção aos brinquedos que ficam na área externa, que é razoavelmente grande, composta por algumas árvores frutíferas, como: mangueira, goiabeira, aceroleira, que além de nos presentear com uma bela sombra, também dá deliciosos frutos.

No parquinho têm, escorregador, gangorra, balanço e ainda uma grande caixa de areia, na qual as crianças brincam fazendo montinhos de areias, os quais nomeiam suas obras de artes como: castelos, bolos de aniversário e montanhas. Até cantavam parabéns para os colegas em volta do bolo de “mentirinha”, com pequenos pedacinhos de pau, colocados em cima, simulando velas.

É contagiante a alegria demonstrada pelas crianças neste momento.

OBS: O tempo que elas ficam no parquinho, era em torno de 30 minutos.

“A hora de brincar”, como dizem as crianças é um momento muito esperado.





Neste dia, sentada ao lado da PT enquanto observávamos as crianças brincarem, perguntei-lhe se ela achava importante o brincar na vida das crianças, atendidas no Projeto Ágape. Ela me diz que:

_ O brincar é suma importância para o desenvolvimento das crianças, pois além de aprender a compartilhar os brinquedos, as crianças fantasiam situações que os fazem vivenciar situações cotidianas. E isso as faz crescer crianças criativas e assim facilita a aprendizagem. Aqui no Projeto Ágape, reconhecemos a importância do brincar para o desenvolvimento da criança. Por isso, garantimos diariamente um tempo destinado ao brincar, pois brincando as crianças aprendem. Enquanto brincam criam um mundo onde tudo é possível.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 07 de abril de 2016.

Hora início: 10h e 20 min. **Hora término:** 11h e 45 min.

Local: Banheiro e Sala.

Atividade vivenciada: Asseio e banho; hora do almoço.

Neste dia, não deu para chegar no Projeto mais cedo. Quando cheguei, já estava finalizando o horário do recreio. E durante esta visita, foi possível observar que: Ao final da recreação ao ar livre, todas as crianças foram encaminhadas para suas respectivas salas. Recebi a informação da PT, que agora era hora do banho (mais apenas algumas crianças tomam banho na instituição); ou seja; das 20 crianças que frequentam a sala, 5 delas saem somente as 13h, e são encaminhadas diretamente do Projeto Ágape, para uma Escola municipal de ensino regular. Os pais destas 5 crianças só pedem buscá-las neste horário, por causado trabalho. Por este motivo, estas 5 crianças tomam banho na instituição e já saem de lá arrumadinhas para a escola. As outras 15 crianças, somente almoçam no Projeto e saem as 11h e 30 minutos. Os pais ou responsáveis veem buscá-las neste horário, as levam para casa, arrumam e levam para a escola de ensino regular que as mesmas frequentam no horário oposto.

VOLTANDO AO FINAL DA RECREAÇÃO.....

Ao término do recreio, as crianças são encaminhadas para a sala. As 15 crianças que saem as 11h e 30 min, brincam na sala sobre o olhar atento da PT, enquanto as 5 que saem as 13h, são encaminhadas para o banheiro para tomar banho. São levadas 2 crianças e depois as outras 3. Elas voltam para a sala tomadas banho e de roupinha trocada; sentam e aguardam o almoço. Já as 15 crianças que saem mais cedo, fazem apenas o asseio das mãos. Neste dia o almoço foi servido as 11h e 10 minutos. Quando o almoço chegou a alegria foi geral!! Feijão, arroz, macarrão e carne; foi o cardápio do dia.

Era perceptível, a alegria das crianças, com a chegada do almoço. Todos comiam com gosto daquele almoço preparado por Dona Maria, com muito carinho.

O cheirinho estava delicioso!



Obs.: As professoras também almoçam na instituição.

Terminando o almoço, os pais e responsáveis começaram a chegar para buscar as crianças.

As 5 crianças que saem mais tarde (13h), ficam assistindo TV até os pais virem buscar.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 14 de abril de 2016.

Hora início: 8 h . **Hora término:** 10h

Local: Sala de aula.

Atividade vivenciada: Hora do Culto infantil.

Neste dia cheguei as 8hs, a PT e a PA, e as demais professoras ainda estavam no portão, à espera da chegada das últimas crianças. Fiquei por alguns minutos com elas e em seguida entrei juntamente com a PT e mais 2 crianças que tinham acabado de chegar.

Percebo que a cada dia as crianças se familiarizam mais com minha presença na instituição, já estão até me chamando de pró.

Ao entrarmos as crianças já estavam todas sentadas (são organizadas em grupos de 4 crianças) e organizadas pela PA, para o momento de oração, que foi dirigida pela PT. Ao término da oração, o café da manhã foi servido. Também ajudei a servir as crianças. O café da manhã: Pão com manteiga e café com leite.

OBS: Tomei uma xícara de café com leite. Em seguida a PT iniciou a aula. Este momento é chamado pelas professoras de “Hora do Culto”. Ela iniciou, arrumando próximo ao quadro, alguns objetos que usaria para contar a história bíblica do dia: Zaqueu.

Estes objetos eram:

Uma árvore feita de Madeirit, tendo a copa feita de E.V.A (tipo de emborrachado que pode ser encontrado nas papelarias em diversas cores, espessuras e texturas), e 2 bonecos confeccionados com tecidos. 1 representava Jesus e o outro Zaqueu. A PT, contava com grande entusiasmo a passagem bíblica, enquanto as crianças, prestavam atenção a história.

A história é essa: Lucas Cap. 19, versículos: 1 ao 19.

Zaqueu era um homem baixinho, muito baixinho. Zaqueu era um homem rico, muito rico. Mas ele não tinha amigos. As pessoas não gostavam dele, ele trabalhava para os romanos, era cobrador de impostos e cobrava até mais do que devia cobrar. Zaqueu ouviu que Jesus estava indo para aquela cidade. Ele já tinha ouvido falar de Jesus e queria muito conhecê-lo. A multidão que acompanhava Jesus era grande e Zaqueu era muito baixinho. Ele se esticava,

esticava, mas não conseguia ver Jesus. Correu e subiu numa árvore. Quando Jesus chegou bem debaixo da árvore falou:

_ “Zaqueu quero ir na sua casa e conversar com você”. Como Zaqueu ficou contente! Desceu depressa da árvore e levou Jesus à sua casa. Eles conversaram bastante. Zaqueu falou para Jesus:

_ “Não vou fazer mais as coisas erradas que eu fazia”. E não fez mesmo. Jesus estava contente com Zaqueu. Zaqueu estava muito, muito feliz.

Ele encontrou o melhor amigo do mundo. Ele encontrou o Salvador!

APLICAÇÃO:

Jesus quer ser o nosso melhor amigo. Ele é o Salvador, a grande promessa de Deus para nós. Como ser amigo de Jesus? Devemos convidar Jesus para morar em nosso coração e depois dizer-lhe que não vamos fazer mais as coisas erradas que estávamos fazendo. Também precisamos obedecer e cumprir nossas promessas.

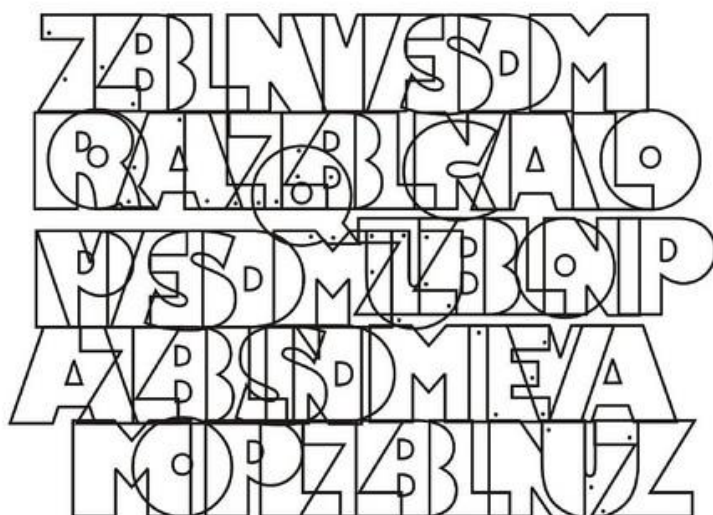
E para continuar a sequência didática enfatizando a história, a PT, contextualizou o tema com matemática, mostrando situações problemas, envolvendo: GRANDE- PEQUENO, ALTO – BAIXO, EM CIMA – EM BAIXO, fazendo comparações entre a árvore e os bonecos utilizados para contar a história.

As crianças participavam da atividade com grande prazer, e esperavam sua vez (a pró chamava de 2 em 2), para representar a situação mencionada pela pró. E para finalizar a sequência didática, as crianças foram incentivadas a capricharem na atividade a seguir.

Modelo da atividade sobre a história de Zaqueu.

nome: _____ idade: _____ data: ____/____/____

Pinte somente onde aparecem os pontinhos,
e descubra quem subiu na árvore para ver Jesus.



ALGUMAS IMPRESSÕES.

As crianças são organizadas em pequenos grupos, mas nada impede que elas interagem com toda a turma. Todas estavam envolvidas e atentas ao momento de contação de história, (hora do culto) para a turma, parece ser uma atividade prazerosa e frequente. Isso é possível perceber pelo próprio tempo em que as crianças permanecem envolvidas na atividade. Observei que houve uma atenção por parte da professora, em relação as interações entre as crianças neste momento. Pois ela chama todas as crianças, uma a uma para participar da atividade de contextualização da história. Fiquei pensando que esses momentos são ricos para se estabelecer relações e vínculos e também para que elas possam tomar conhecimento do que as crianças aprenderam, além de perceber as direções que podem ser tomadas a partir da observação da turma. Com certeza, são momentos únicos e preciosos de interação entre adultos-criança, criança- criança. Percebo haver por parte da professora, uma concepção de infância que os valoriza enquanto sujeitos. Chego a essa conclusão, pela preocupação com a organização do espaço para recebê-los, mesmo não tendo muitos recursos, ela cria com carinho os recursos utilizados.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 14 de abril de 2016.

Hora início: 10 h . **Hora término:** 11h

Local: Sala da direção.

Atividade vivenciada: Hora do cafezinho, bate papo com a Diretora.

Neste dia, enquanto as crianças lanchavam, fui até a diretoria na intenção apenas de tomar um café. Chegando lá, CPA (Coordenadora do Projeto Ágape), a organizar o cardápio do dia seguinte, apresentando um semblante preocupado. Começamos a conversar e ela desabafou, falando que as doações estavam cada vez mais escassas, e o pequeno repasse que a prefeitura repassava, estava diminuindo cada vez mais. A verdade é que a situação financeira do Projeto estava difícil. E até as pessoas físicas que fazem doações semanais, quase não aparecem mais. As padarias e frutarias que faziam doações semanais, estão doando menos da metade do que doavam dias atrás. Isso tudo é reflexo da situação financeira vivida no país. Ela enfatizou o número de refeições servida durante o dia.

Foi neste momento que questionei quais eram os pontos positivos e negativos que ela destacava, estando a frente da Instituição. A resposta da CPA foi a seguinte:

PONTOS POSITIVOS:

- ❖ Reconhecimento do trabalho realizado pelas famílias atendidas;
- ❖ Proposta de trabalho bem definida;
- ❖ Resultados alcançados no desenvolvimento das crianças;
- ❖ Espírito colaborador da equipe;
- ❖ Inexistência de evasão.

PONTOS NEGATIVOS:

- ❖ Condições para sustentabilidade financeira do Projeto;
- ❖ Falta de reconhecimento e valorização do poder público;
- ❖ Adequação do espaço físico (refeitório, melhoria da área de lazer).

Durante a conversa ela foi falando tudo que acontecia durante o período da manhã. Isso me deu base para criar um cronograma das atividades desenvolvidas no turno matutino,

juntamente com as observações já realizadas nos dias anteriores, observando a rotina da turma pesquisada. O cronograma criado ficou assim:

Horário	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7h 15min	Chegada de todos os funcionários.	Chegada de todos os funcionários.	Chegada de todos os funcionários.	Chegada de todos os funcionários.	Chegada de todos os funcionários.
7h 20min	Momento de oração com as professoras.	Momento de oração com as professoras.	Momento de oração com as professoras.	Momento de oração com as professoras.	Momento de oração com as professoras.
7h 30 min	Recepção das crianças no portão.	Recepção das crianças no portão.	Recepção das crianças no portão.	Recepção das crianças no portão.	Recepção das crianças no portão.
8 h	Café da manhã.	Café da manhã.	Café da manhã.	Café da manhã.	Café da manhã.
8h 20min	CULTO: Atividade voltada para o estudo da bíblia.	Atividades com conteúdo voltados aos oferecidos pela escola regular.	CULTO: Atividade voltada para o estudo da bíblia.	Atividades com conteúdo voltados aos oferecidos pela escola regular.	CULTO: Atividade voltada para o estudo da bíblia.
9h40 min	Lanche.	Lanche.	Lanche.	Lanche.	Lanche.
10 h	Atividade livre: Parquinho.	Atividade livre: Parquinho.	Atividade livre: Parquinho.	Atividade livre: Parquinho.	Atividade livre: Parquinho.
10 h 30min	Asseio das crianças.	Asseio das crianças.	Asseio das crianças.	Asseio das crianças.	Asseio das crianças.
11h	Almoço.	Almoço.	Almoço.	Almoço.	Almoço.
11h 30min	Saída das crianças.	Saída das crianças.	Saída das crianças.	Saída das crianças.	Saída das crianças.

Tabela 1: Rotina diária matutina.

Fonte: Desenvolvido pela pesquisadora.

Em seguida fui ao parquinho, observar as crianças brincando, e início uma conversa com a PT, sobre a rotina estabelecida na turma. E pedi a mesma que fizesse um breve resumo das atividades desenvolvidas com a turma, desta maneira verificando se era compatível com as informações passadas pela CPA.

Ela relatou-me que:

- A rotina das crianças da turminha tem seu diferencial, pois é especificada de acordo com a idade das crianças. Um dos pontos que é alterado durante a semana, é a atividade desenvolvida no horário das 8 h e 20 minutos, às 9 h e 40 minutos, que sucede da seguinte maneira: Nos dias de segunda, quarta e sexta, este período é destinado a atividades voltadas para o estudo da Bíblia; e já nos dias de terça e quinta, é designado para atividades sugeridas pelas escolas regulares as quais as crianças frequentam no horário oposto. Mas, que também as crianças já estão habituadas. E isso facilita conseqüentemente a adaptação e a aprendizagem de nossos alunos.

Ela ainda acrescentou que:

- Essa rotina, facilitava a criança a se acostumar com o ambiente, e a confiar na professora, pois “ela”, no caso a criança, compreende que não irá ficar o dia todo ali, e que ao terminar uma determinada atividade em seguida virá outra, ou seja, a cada coisa a sua hora.

A rotina pode ser algo considerado algo tradicional? Pergunto:

-Depende como encaro a rotina e como a desenvolvo. A rotina pode permanecer, mas as ações que eu pratico ao desenvolver as atividades rotineiras, são modificadas e inovadas a cada dia. Por exemplo: A hora do Culto infantil que acontece as segundas, quartas e sextas, eu sempre modifico o local para contar a história, a forma de participação das crianças, a maneira como desenvolver e avaliar a atividade proposta. Pois imagine só, se a cada dia eu fizesse as mesmas coisas da mesma forma, nem eu aguentaria nem muito menos as crianças; é necessário inovar a cada dia, mesmo as atividades de rotina”.

Realmente se confirma o cronograma de atividades descrito pela CPA, e a rotina relatada pela PT.

Neste momento, as crianças se dirigem para sala e eu me despeço da Pró e vou embora.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 15 de abril de 2016.

Hora início: 8h . **Hora término:** 11h

Local: Sala da direção.

Atividade vivenciada: Bate papo com a Diretora.

Com o intuito de continuar a conversa com a diretora, este dia quando eu cheguei, fui diretamente para a diretoria organizar as estantes de livros e brinquedos que a instituição tinha recebido como doações. A DPA, ainda não tinha chegado; mas mesmo assim, como já ela já tinha me autorizado no dia anterior, comecei a organizar as estantes. A diretora assume concomitantemente, a função de Diretora e também de coordenadora. Pouco tempo depois, ela chegou. Como sempre muito simpática. Me cumprimentou e disse:

-“Estou te dando trabalho eh! ”. E começou a falar que mesmo com tão poucos recursos, recebo diariamente elogios dos pais, sobre o bom funcionamento da instituição. E continuou, eu acho que seja assim que a inovação pedagógica deve ser, não precisa ter recursos sofisticados para inovar, basta apenas ter boa vontade.

_Então instiguei, o que é mesmo inovação pedagógica?

Ela prontamente responde:

-Inovação pedagógica vai além de usar recursos de tecnologia de informação e comunicação. É pensar no sujeito aprendente como um ser único e direcionar uma proposta pedagógica que contemple em suas especificidades.

Eu aproveito e continuo. Você considera o Projeto Ágape uma instituição inovadora?

Ela responde: -Sim, considero. Tenho mais de 17 anos que trabalho no magistério (docência, coordenação, formação de professores, etc.), não conheço em nossa região, nenhuma instituição que cuide do “ser” de forma global como o Ágape. Aqui atendemos a família, cuida da vida, alimentação, higiene, lazer, formação espiritual, saúde (isso tudo com acontece com a ajuda de parceiros).

Enquanto eu organizava as doações e ela alguns classificadores com documentos, a conversa foi fluindo com a maior naturalidade. Perguntei se por ser uma Instituição que baseia seus ensinamentos nos princípios religiosos, como isso influencia no dia a dia e conseqüentemente na aprendizagem das crianças. Ela continua arrumando os classificadores e com calma fala:

_ Percebo a mudança gradativa no jeito de ser das crianças, de como elas se relacionam com o outro (colegas), a relação com as professoras e com os outros adultos do projeto (atitudes de respeito que se constrói); o comportamento geral (na hora das brincadeiras, das refeições). A Bíblia fala que o temor ao Senhor é o princípio da sabedoria e ainda diz: “ Ensina a criança no caminho em que deve andar e mesmo quando crescer não se desviará dele”. (PROVÉRIOS). Isso precisa ser ensinado desde a infância, o fruto colhemos em todos os aspectos da vida dos sujeitos em todo o tempo. Conhecer Jesus é tudo.

Evidenciou também que mesmo não sendo todas as professoras graduadas, elas desenvolvem um bom trabalho. Disse que o professor tem papel fundamental no processo de aprendizagem, ele não é o detentor do conhecimento, mas é quem media, intervém, propõe, desafia, articula, avalia...para proporcionar situações de aprendizagem.

E completou que na relação ensino-aprendizagem não há escala de importância. Por muitos anos o foco esteve no ensino (figura do professor), hoje há um olhar para o aluno (aprendizagem), gosto de pensar que há uma intrínseca relação onde um não coexiste sem o outro.

Neste momento eu já estava tão encantada com a conversa que parei de arrumar as doações, peguei meu caderninho (diário de bordo), e comecei a anotar tudo para não esquecer de nada.

Então perguntei, na sua opinião a sala de aula é o único lugar onde as crianças aprendem? Ela responde: Jamais! O aluno aprende em todos os espaços de convivência: casa, igreja, clubes, espaços sociais, escola... É importante pensar que é a escola, (na sala de aula), instituição “especializada” para trabalhar o conhecimento sistematizado e assim responsabilizar-se pela aprendizagem sistematizada.

Neste momento nossa conversa foi interrompida por Dona Maria, a cozinheira do Projeto, para verificar o andamento do almoço. A DPA, saiu para cozinha e eu fui terminar de arrumar o que tinha começado.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**Data:** 19 de abril de 2016.**Hora início:** 7h e 15 min .**Hora término:** 10h e 20 min.**Local:** Sala de aula.**Atividade vivenciada:** Aula do dia.

Me sinto cada dia mais familiarizada com a rotina do Projeto. Neste dia cheguei as 7h e 15 min., justamente para participar do momento de oração com todos os funcionários. A Diretora ainda não tinha chegado, e quem ministrou a oração foi a professora da turma a qual eu estou observando. Desde o primeiro dia que participei deste momento, fiquei encantada, por perceber que através de simples palavras, elas encorajam umas as outras para enfrentar o dia de trabalho, e as dificuldades que passam junto as suas famílias. Foi neste dia que fiquei sabendo que todas elas recebem mensalmente um determinado valor pelo trabalho prestado à instituição (não chega a ser um salário mínimo), sendo parte paga pela Primeira Igreja Batista de Campo Formoso, principal mantenedora; e a outra parte pela Prefeitura Municipal. Esses incentivos pagos as professoras, estavam cada vez mais demorando para serem pagos; e mesmo sendo tão pouco, era a única fonte de renda da maioria das funcionárias da instituição. Isso estava dificultando a vida financeira delas. Ao término da oração as prós se direcionaram ao portão para receberem as crianças.

Hoje preferi ir para sala de aula, esperar as crianças chegarem, juntamente com a PA. Começamos a conversar sobre o Projeto Ágape e a proposta desenvolvida. Ela disse que a proposta é muito boa, pois além de tirar várias crianças das ruas, ajuda os pais, ou melhor, principalmente as mães que precisam trabalhar e não têm onde deixar as crianças.

Falei que atualmente ouve-se muito falar em inovação pedagógica e o que ela entendia por isso? Ela respondeu que:

_ Inovar é trazer a realidade educativa algo efetivamente novo. O principal objetivo da inovação pedagógica é facilitar a aprendizagem da criança. É uma mudança visando uma melhoria na educação. E eu e a PT na medida do possível procuramos está inovando, para que a aprendizagens das crianças pudessem acontecer de maneira satisfatória; pois crianças na faixa etária de nossa turma aprendem através de brincadeiras, das histórias contadas na escola, ou em qualquer ambiente que elas tenham contato com outras pessoas. Isso contribui para o desenvolvimento da criança; o desenho também é muito importante.

Neste momento começou a chegarem as primeiras crianças. Fomos recepcionando as crianças e a conversa foi continuando. Perguntei se ela acreditava que era na escola que a aprendizagem verdadeiramente acontecia. A PA responde: - Não. Na escola a criança vai ser norteada, ter um direcionamento, mas a criança aprende com o meio, ou seja, com a convivência com os colegas e a bagagem que ela traz de casa.

Suscito então: O que é mais importante, o ensino ou a aprendizagem?

Ela cita Paulo Freire, dizendo que não existe ensino sem aprendizagem; portanto os dois andam juntos. Pois se aluno não aprende é porque não houve ensino, e para que aconteça a aprendizagem é preciso que alguém ensine.

Para que eu pudesse entender melhor questionei-lhe, como ela via o papel do professor no processo de aprendizagem das crianças. A resposta dela foi a seguinte: O papel do professor é de fundamental importância, pois ele pode ser uma bênção ou uma maldição na vida do aluno. Pois muitas vezes o processo de aprendizagem da criança depende muito do professor; existe muitas crianças com dificuldades de aprendizagem e isto depende da metodologia aplicada pelo professor.

O papo estava bom. Mas neste instante chega a PT com as últimas crianças que faltavam. Terminamos de organizar as crianças, a PT faz a oração com todas e só então é servido o café da manhã da turma. Hoje foi servido: Tapioca e café com leite.

Como já havia colocado do cronograma confeccionado anteriormente a PT me diz: Djani hoje não será dia de Culto. Hoje trabalharemos atividades voltadas para o reforço escolar; ou seja, faremos atividades com conteúdo voltados aos oferecidos pela escola regular, que as crianças frequentam no turno oposto. Hoje será atividade envolvendo matemática.

Neste momento, ela distribui pela sala, plaquinhas com números de 0 a 9. E pede que as crianças que peguem essas placas. As mais rápidas correm e pegam uma a uma as placas. A pró pede que quem pegou as plaquinhas venham a frente. As crianças se posicionam à frente; e aí a PT começa a fazer perguntas, tipo:

-Qual número vocês acham que vai ser o primeiro da fila?

- Esses números estão organizados corretamente?



Que número vem depois do 5? E aí foi fazendo perguntas as crianças respondendo e por fim a sequência numérica de 0 a 9 foi organizada, sem que a PT respondesse uma pergunta, apenas instigando e incentivando as crianças a responderem. Em seguida distribuiu uma atividade xerografada envolvendo sequência numérica.

A atividade foi muito descontraída e a maneira como a PT conduziu foi muito divertida. Percebi que foi muito apreciada pelas crianças. O tempo passou tão rápido que já era hora do lanche.

Lanche do dia: Suco de frutas com biscoito.

Ao terminar o lanche todas as crianças saíram para a área livre, e o parquinho.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**Data:** 28 de abril de 2016.**Hora início:** 7h e 15 min .**Hora término:** 11h e 40 min.**Local:** Sala de aula.**Atividade vivenciada:** Aula do dia.

Cheguei como na maioria das vezes cedo, ao local de pesquisa. Já citei, nas visitas anteriores como se sucede a rotina diária matutina. Todos os funcionários se reúnem na sala de reuniões, e juntos fazemos a oração do dia. Em seguida as prós se encaminham para o portão e ficam à espera das crianças. Só que neste dia, a PT pediu a PA, para inverterem a posição, ou seja, a PT iria para a sala, enquanto a PA iria para o portão, pois não tinha dormido muito bem durante a noite e estava se sentindo muito cansada. E assim fizeram. Me dirigi à sala juntamente com a PT, e enquanto organizávamos a sala para recepcionarmos as crianças, iniciamos uma conversa. Ela me perguntou como era o meu mestrado, e eu fui falando. Em seguida perguntei-lhe como via a proposta desenvolvida no Projeto Ágape, e sua resposta foi a seguinte:

-Vejo como uma ótima proposta, porque é através desse projeto que muitas crianças carentes da comunidade têm acesso à educação e ao mesmo tempo estão sendo cuidados, tendo o suporte no atendimento com médicos, dentistas, psicólogos. O Ágape cuida da criança em tempo integral; é um lugar onde as mães podem ir trabalhar tranquilas, pois sabem que as crianças vão ser bem cuidadas.

Mas qual é a área do seu mestrado, perguntou-me curiosa. Eu apenas respondi, inovação pedagógica. E continuei, diga-me o que entende por inovação pedagógica. Ela disse:

- Creio que inovação pedagógica, trata-se de novas formas de tecnologia para ensinar em sala de aula. Buscar sempre métodos que facilitem a aprendizagem das crianças em sala de aula e saber ajudá-las principalmente quando apresentarem dificuldades.

Aproveitei a “deixa” e continuei: Você considera que as práticas pedagógicas desenvolvidas na sua sala, favorecem a aprendizagem de forma inovadora? Ela responde:

-SIM. Porque é através das práticas pedagógica e o desenvolvimento do meu trabalho em sala de aula com meus alunos que observo cada criança, que verifico as suas dificuldades e facilidades para o aprendizado. Procuro sempre inovar, procurando a melhor forma para que os alunos aprendam.

E então questiono: - E de que maneira as crianças de 4 e 5 anos aprendem?

A resposta da professora foi:

-Eles aprendem de várias formas, as quais são: De forma lúdica, com músicas, brincadeiras livres e dirigidas, jogos e colocando tudo em prática nas atividades aplicadas em sala de aula.

Neste momento, algumas crianças foram entrando na sala, mas mesmo organizando as crianças em seus respectivos lugares, não poderia fechar a conversa deste dia de outra forma, pois como ela sempre frisava nas respostas a palavra **sala de aula**, fiz a seguinte pergunta: Sabemos que a escola se constitui o local onde o ensino “sistematicamente” é transmitido. Você concorda que é na escola que a aprendizagem verdadeiramente acontece? A resposta da PT, foi: -Não concordo. A criança não só aprende na escola, o aprendizado acontece no meio em que vive, quando chega na escola só aprimoramos os seus conhecimentos que já foram adquiridos no seu meio familiar.

Neste dia as crianças demoraram um pouco mais a chegarem pois iniciou, por volta de 7 h e 50 min., uma chuva muito forte. A PA entrou na sala e ficamos sentadas com apenas 8 crianças. Enquanto esperávamos as outras crianças chegarem, continuei a minha proveitosa conversa com a PT. O questionamento seguinte foi:

-O que é mais importante o ensino ou a aprendizagem?

- Os dois são importantes. O ensino e a aprendizagem caminham juntos, sem o ensino não há a aprendizagem e vice e versa. Essa foi sua resposta.

-Como você vê o papel do professor diante do processo de aprendizagem das crianças? O papel do professor é de grande importância para o processo de aprendizagem. Ele conduz a criança a entrar no mundo do conhecimento e das descobertas que irá acompanhá-la pelo resto de sua vida. Esse é o papel do professor, criar possibilidades para sua própria construção do conhecimento.

Neste momento já era 8 h e 20 min, Dona Maria entra na sala com o café da manhã, e era Farofa de cuscuz e café com leite.

A chuva começou a cessar e as crianças que faltavam começaram a chegar e já tomavam café da manhã.

Percebendo que a PT, não estava bem, pedi a mesma para dar aula no seu lugar; ela aceitou, dando –me um belo sorriso. Como já estava por dentro da rotina, já sabia que hoje, (sendo quinta-feira), seria o dia da atividade voltadas para o reforço escolar. No planejamento, a atividade a ser desenvolvida com as crianças era o DADO SILÁBICO.

Recurso da aula:

- 2 dados com sílabas simples.

**Procedimento:**

Expliquei como seria a atividade, e todos entenderam rapidinho.

Pela ordem como eles estavam distribuídos na sala, fui chamado individualmente e eles jogavam um dado por vez, falava a sílaba e eu anotava as sílabas no quadro.

Exemplo:

- Primeiro dado: a criança jogou o dado e caiu na sílaba SA.
- Segundo dado: a criança jogou o dado e caiu na sílaba PO.

Formou a palavra SAPO.

E assim prosseguiu a atividade, até todas as crianças participaram. Ao fim da participação de todos, tínhamos no quadro uma lista de 20 palavrinhas. Fizemos a leitura coletiva e o estudo de letra inicial, letra final e número de letras de cada palavra.

Foi uma atividade divertida e descontraída; o tempo passou tão rápido que o lanche foi servido às 10h e 20 minutos.

Boa parte da turminha já reconhece as letras do alfabeto e grande maioria já conseguia fazer a relação sonora entre o que se ler e o que se escreve. Estão iniciando o processo de alfabetização.

Como o dia estava chuvoso, as crianças não saíram para a área externa e ficaram brincando dentro da sala, até a chegada do almoço as 11h e 15 minutos. Às 11h e 30 minutos, as primeiras mães começaram a chegar para pegar os filhos. E como já é sabido, 5 crianças só saem às 13hs.

Como a PT, não estava se sentindo bem; ela foi embora antes das 10 hs, e ficamos eu e PA, com as crianças. Eu saí as 11h e 40 minutos; já a PA trabalho todos os dias até as 16 hs.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 06 de maio de 2016.

Hora início: 8h.

Hora término: 11h.

Local: Sala de aula.

Atividade vivenciada: Comemoração do dia das mães.

Este dia era um dia muito especial, pois se comemorava o dia das Mães. O horário de chegada deste dia, era normal; somente o horário de saída, seria reduzido de 11h e 30 minutos, para 11 horas. No dia anterior, foi enviado para as mães um convite, no qual as convidava para virem buscar seus filhos às 10 horas e receberem uma bela homenagem.

As crianças foram recebidas normalmente como todos os dias e conduzidas para a sala. Tomaram o café da manhã. E colocaram as crianças para assistirem um desenho bíblico. Neste dia as prós não desenvolveram nenhuma atividade, pois estavam embalando os presentes que tinham recebido de doação de lojas da cidade para presentear as mães. Ao mesmo tempo que organizavam os presentes, observavam com atenção as crianças. Todas estavam felizes, pois sabiam que iriam receber um presente para dar para suas mães.

As crianças assistiam tranquilas, ao desenho, enquanto as prós terminava de arrumar a sala para receber as mães.

O lanche das 10h, hoje seria servido para as crianças juntamente com as mães.

No horário previsto as mães começaram a chegar. Infelizmente, neste dia meu celular descarregou e não deu para tirar foto da apresentação das crianças para as mães.

A apresentação aconteceu da seguinte forma: As mães foram chegando e sentando nas cadeiras que já estavam arrumadas para elas. As crianças enfileiradas a frente da sala, cantaram e dançavam uma música que tinha sido ensaiada a semana inteira, justamente para este dia. As mães acharam lindo, vendo seus filhos cantando para elas.

Ao final da apresentação, as crianças foram em direção as mães e entregavam os presentes. Em seguida, lancharam juntos. Hoje o lanche era diferente dos dias anteriores. As professoras prepararam uma linda torta com refrigerante, para homenagear as mães.

Era visível a felicidade, tanto das mães quanto das crianças. Ao terminarem o lanche, elas se despediram das professoras e agradeciam pela singela homenagem.

Neste momento, por volta de 11 h, também me despedi das professoras e sai.



DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 12 de maio de 2016.

Hora início: 8h e 10 min.

Hora término: 11h.

Local: Sala de aula.

Atividade vivenciada: Aula do dia.

Hoje, ao chegar na instituição, tinha apenas 1 professora no portão, a espera dos retardatários. A professora da sala a qual observei, já estava na sala, terminando o momento de oração com as crianças. Logo em seguida, chegou o café da manhã. Achocolatado e pão com manteiga. Neste dia, resolvi sentar ao lado das crianças enquanto lanchavam, para obter realmente de perto o que as crianças acham. Peguei uma xícara de achocolatado, e comecei a tomar e dizer: Uh!! Que gostoso!

_ Uma das meninas que estava perto de me falou: _ Tá mesmo pró, tá uma delícia!

_ Outra menina também falou: _ Eu gosto de chocolate!

Na outra mesa um garoto fala: Pró! Quero repetir!

As vezes as crianças repetiam, as vezes não. Mas este dia, quem quis repeti, repetiu. Dona Maria tinha feito bastante achocolatado.

Em quanto isto, as crianças continuam conversando. Um garoto, espontaneamente levanta e disse: _. Lá na minha casa hoje, não tinha nada pra minha irmã comer para ir para a escola. Ainda bem que vim para aqui, aqui tem.

Outra fala: _. Minha mãe não fez café hoje, não tinha pó.

Outro diz: Ontem eu dormir sem jantar, não tinha nada.

Neste momento, surge um coro de vozes falando ao mesmo tempo, dizendo o que faltava em casa.

Como falavam ao mesmo tempo, não dava para entender todas, mas o que ficou visível, é que as famílias passam por necessidades, principalmente a falta gêneros alimentícios que desse para alimentar a família inteira.

Todos terminaram o café da manhã. E a pró começou a aula.

Como já é sabido, de acordo com o cronograma, hoje, terça-feira é dia de atividade que complementam as atividades dadas pela escola regular, as quais as crianças frequentam no horário oposto.

ATIVIDADE DO DIA:

- ❖ Formação de palavras simples, utilizando alfabeto móvel.
- ❖ Agrupa as crianças em dupla.

As duplas recebem caixinhas, com o as letras do alfabeto, em número suficiente para formar várias palavras.

A pró pedi as crianças que tirem de suas caixinhas todas as letras e organizem na mesa.

Em seguida fala a palavra e pedi que a criança forme-a usando as letras alfabeto móvel.

A pró foi falando com calma todas as palavras e as crianças iam formando as palavras.

As palavras faladas pela pró foi:

FACA - DADO - PATO - TATU - MESA - SOFÁ – COLA – CASA – BOLA – BOLO

Conforme a PT falava a palavra, a troca de ideias entre as duplas era impressionante.

Atentamente a PT, caminhava entre as mesas e fazia a intervenção necessária. E eu também observava com atenção, a troca de ideias entre as duplas, as hipóteses de leitura e escrita de cada aluno.

Ao final da atividade percebi que, maioria das crianças já fazem a relação entre o código linguístico, ou seja, faz relação entre o que se fala e o que se escreve.

Foi uma atividade bastante significativa.



DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 18 de maio de 2016.

Hora início: 9 h. **Hora término:** 11 h.

Local: Área externa.

Atividade vivenciada: Observação da área externa.

O espaço físico do Projeto Ágape é bom. O espaço das salas de aula, não são grandes. Mas a área externa, não deixa a desejar. Ao entrarmos no portão principal, visualizamos uma grande área calçada, que vai da entrada até o muro dos fundos. Do lado direito, é onde funciona as salas de aula, banheiro, diretoria e cozinha. A parte central é calçada. Do lado esquerdo é uma bela área livre. Separado por uma cerquinha de madeira bem colorida, fica o parquinho. Grande área tendo o piso todo em areia fofa, ideal para as crianças brincarem sem medo de se machucarem. Ainda conta com a sombra de árvores frutíferas. As quais ajudam as brincadeiras ficarem ainda mais divertida.

Ao fundo, no final do quintal, existe uma pequena horta; na qual é cultivado: cebola, alface, cenoura, coentro, quiabo. Tudo é utilizado na alimentação das crianças. A cada dia da semana é convidado algumas crianças para regarem as hortaliças; mas a principal cuidadora é Dona Maria, cozinheira da instituição.



Algumas das Hortaliças cultivadas para usar na alimentação das cria



DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 19 de maio de 2016.

Hora início: 7h e 15 min.

Hora término: 11h.

Local: Sala de reunião.

Atividade vivenciada: Reunião Pedagógica.

Neste dia, como já fora comunicado a todas as professoras, haveria uma reunião com todas.

A rotina inicial da manhã, não tinha sido alterada. As crianças foram recepcionadas como todas as manhãs.

- ✓ Levadas para salas,
- ✓ Oração com a turminha,
- ✓ Café da manhã.

Depois do café da manhã as crianças foram encaminhadas para outra sala, e iriam interagir juntamente com outras crianças em idades diferentes; e quem iria conduzir este momento, era adolescentes que eram membros voluntários da Igreja, e sempre que eram solicitadas, vinham auxiliar estes momentos em que toda a equipe precisava se reunir para planejarem as futuras ações a serem desenvolvidas na instituição.

Enquanto esperávamos todas chegarem a sala; sentada ao lado da Professora que nos últimos dias tive a oportunidade de observar sua prática, adiantou-me a pauta da reunião. Seria tratado ali, como seria a festinha de encerramento do 1º semestre para as crianças.

Minutos depois, a Coordenadora inicia a reunião com um momento de oração. E ao terminar pergunta-me se eu queria aproveitar o momento com todos reunidos, para perguntar algo que seria relevante para minha pesquisa. Aproveito o ensejo e pergunto:

_Em que se inspira ou se baseia a proposta desenvolvida pelo Projeto Ágape?

Quem responde é justamente a coordenadora: _ A proposta de trabalho do Projeto não contempla especificamente a aspectos pedagógico. É um projeto filantrópico e assistencial que se destina ao amparo de crianças carentes e ou desassistidas. É uma proposta que se baseia nos princípios bíblicos de amor e fé e observância das necessidades do próximo. Vejo como uma proposta completa, pois trabalha com crianças objetivando supri-las em seus aspectos bio, psico, sócio e espiritual.

E continua a fala enfatizando o momento de crise, vivido pela instituição e falta de ajuda dos parceiros que outrora contribuíam com doações de alimentos para as refeições. Entre estes parceiros estão padarias, frutarias e outros. Foi questionado, pela PT, porque a visita de 1 médico e de 1 psicólogo que antes era de pelo menos uma vez ao mês, este ano ainda não tinha acontecido nenhuma vez. A coordenadora, respondeu dizendo que a prefeitura tinha cortado investimentos na saúde e que não era mais possível a visita destes profissionais no Projeto. Até a contribuição financeira que era cedida mensalmente pela prefeitura para pagamento de parte dos vencimentos dos professores estava reduzida e atrasada. Tudo isso tornava quase impossível manter o projeto de pé, já que praticamente só com as doações da igreja não era suficiente. (Olhares tristes e silenciosos vagaram pela sala). A coordenadora “quebrou o gelo”, dizendo que o que tinha em estoque daria para finalizar o semestre.

Conversas paralelas se desencadearam pela sala. A Coordenadora sugeriu, darmos uma pausa para um café, que já tinha sido colocado à disposição em uma mesinha no canto da sala.

O momento do cafezinho durou 10 minutos, e em seguida a coordenadora chamou todas para continuarmos.

Ela retoma a fala, dizendo que o semestre letivo culminará dia 10 de junho, e o que faremos para organizar um dia feliz e divertido para nossas crianças?

Em meio a inúmeras sugestões, mas todas gerariam muitas despesas, tanto com ornamentação quanto com alimentação. Depois de muito pensar, uma das professoras sugeriu convidar o grupo de jovens da igreja para animar o dia da culminância do semestre. Eles já tinham prática, pois apresentariam teatro de fantoches, e saberiam conduzir um dia divertido para as crianças. E o lanche seria algo que ainda tivesse disponível na despensa.

Terminada as discussões sobre a culminância por volta das 10 horas.

Convidei a coordenadora para que tirasse algumas dúvidas sobre questões que achava importante que ficasse esclarecido para melhor andamento de minha pesquisa. Ela disse que estava à disposição.

Como já estávamos sentadas e eu com meu “diário de bordo” em mãos, perguntei:

-Como acontece a participação das famílias no Projeto Ágape?

Ela responde:

-A família é orientada a participar da vida da criança dentro e fora do projeto. Financeiramente as famílias não contribuem. Pedimos também que participem dos encontros que realizamos durante o ano.

Quanto a aprendizagem, como a família contribui?

-A família tem um importante papel na formação do sujeito, infelizmente as crianças do Projeto estão inseridas em contextos familiares muito adversos. E percebemos que as famílias não contribuem muito no processo de aprendizagem das crianças.

O brincar e sua importância no desenvolvimento das crianças, tem espaço garantido aqui na instituição?

-Sim. Reconhecemos a importância do brincar para o desenvolvimento das crianças, e o Projeto garante tempo destinado a essa finalidade em sua rotina diária.

Neste momento entraram na sala as 2 professoras da sala em que estou fazendo a pesquisa, então quis saber das 3 (PT, PA, DPA), quais os pontos positivos e negativos que elas destacavam, em relação ao Projeto. Para ficar mais visível a resposta das mesmas, elaborei a seguinte tabela:

NOMES	PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS
DPA (Diretora do Projeto Ágape)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Reconhecimento do trabalho realizado pelas famílias atendidas; ➤ Proposta de trabalho bem definida; ➤ Resultados alcançados com as crianças; ➤ Espírito colaborador da equipe; ➤ Inexistência de evasão. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Condições para sustentabilidade financeira do Projeto; ➤ Falta de reconhecimento e valorização do poder público; ➤ Adequação do espaço físico (Refeitório, melhorias na área de lazer).
PT (Professora da Turma)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ O desempenho de cada um, a responsabilidade, dedicação e amor por cada criança e aos companheiros de trabalho, deste a direção ao zelador. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Falta de reconhecimento das autoridades pelo projeto.
PA (Professora Auxiliar)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Contribui para o aprendizado das crianças, ensinar boas maneiras e prepara-os para viver em sociedade. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ A verba não é suficiente para termos um número maior de crianças, a procura é grande e as vagas são limitadas.

Fonte da pesquisadora.

E finalmente perguntei se alguma delas queriam acrescentar algo a nossa conversa.

PA- A Instituição Projeto Ágape é de extrema importância para sociedade, pois seu objetivo não é só de cuidar das crianças enquanto seus pais trabalham, e sim contribuir para que esta criança seja um adulto responsável, uma pessoa de bem, ensinando valores morais e espirituais.

E ainda gostaria de acrescentar que:

PA - O papel do professor é de fundamental importância, pois ele pode ser uma benção ou uma maldição na vida do aluno. Pois muitas vezes o processo de aprendizagem da criança, depende muito do professor. Existe muitas crianças com dificuldades de aprendizagem e isso depende da metodologia aplicada pelo professor.

PT- Gostaria de dizer que o aprendizado deve ser prioridade para quem trabalha com crianças. E para nós professores possamos dar sempre o melhor, para que as crianças tenham cada vez mais vontade de aprender e se tornarem cidadãos de bem.

DPA- Parabenizo-a pela iniciativa da pesquisa, em escolher a instituição para fazer uma pesquisa tão importante.

Terminamos este encontro às 11 hs e fizemos o registro de foto com toda a equipe do Projeto Ágape.



DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Data: 10 de junho de 2016.

Hora início: 7h e 15 min.

Hora término: 11h e 40 min.

Local: Sala de aula.

Atividade vivenciada: Encerramento do 1º semestre.

No último dia de aula do semestre, as professoras juntamente com a direção do Projeto Ágape e alguns jovens voluntários, do Grupo de Adolescentes da Primeira Igreja Batista de Campo Formoso, principal mantenedora do Projeto, planejaram fazer um dia diferente e divertido para as crianças.

Ao chegarem no portão da instituição, pais e crianças eram recepcionadas por um grupo de palhaços.

Era visível, a alegria de muitas crianças, o susto de outras. Mas, o que mais me chamou a atenção, foram os olhinhos brilhando de felicidade, de cada um que entrava por aquele portão.

As próas também se fantasiaram e caíram na brincadeira. Aconteceram dinâmicas, brincadeiras como: corrida do saco, corrida do ovo na colher, dança da cadeira, contação de histórias.

Houve também teatro de fantoches, danças e muito mais.

Neste dia as crianças saíram as 10 h e 30 minutos.

Era início do recesso junino e todos só estariam de volta dia 27 de junho. Portanto, o recesso seria de 2 semanas. Todas se despediram das próas, com muitos beijinhos e algumas crianças estavam bem cansadas, pois tinham brincado muito durante toda a manhã.

